



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**



MARCOS ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS DE LAZER E ACESSIBILIDADE: O CASO DE
MANAUS**

MANAUS/AM

2024

MARCOS ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS DE LAZER E ACESSIBILIDADE: O CASO DE
MANAUS**

Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre e, Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

MANAUS/AM

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

O48e

Oliveira, Marcos Antônio Rodrigues de
Espaços, Equipamentos de lazer e acessibilidade: o caso de
Manaus/ Marcos Antônio Rodrigues de Oliveira.

248 f.: II, color, 30 cm. 2024.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro
Dissertação: (Mestrado em Sociedade e Cultura
na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas

1.Lazer 2. Acessibilidade 3. Cidade. I Ribeiro, Odenei de Souza
II Universidade Federal do Amazonas III Título

CDU: 3774: (811.3NZ): -056.262

**Elaborada pela Bibliotecária Carla Cristina Pereira de Sousa dos Santos
CRB803/11AM**

MARCOS ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS DE LAZER E ACESSIBILIDADE: O CASO DE
MANAUS**

Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Linha de pesquisa 2: **Redes, Processos e Formas de Conhecimentos**

ORIENTADOR: PROF. DR. ODENEI DE SOUZA RIBEIRO

BANCA CONSTITUÍDA POR:

Pro. Dr. Odenei de Souza Ribeiro- UFAM (PRESIDENTE)

Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos- UFAM (MEMBRO)

Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos- UFAM (MEMBRO)

Prof. Dr. Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto- UFAM (MEMBRO)

MANAUS/AM

2024

DEDICATÓRIA

*Para minha mãe, Neuria Myrian Rodrigues
(in memorian).*

Para meu pai, Arnaldo Fonseca.

*Para meus primos: Máximo Alfonso, e
Carlos Henrique (Caique) (in memorian).*

*E minha tia, Eubia Andréa. A grande
geografa de utopias da cidade de Tefé;
Zé Lino (A VOZ DA RÁDIO RURAL),
Odenei e Gláucio (OIRENTADORES DA
ALMA), que me ajudaram nessa vereda da
pós-graduação.*

AGRADECIMENTO

Agradeço ao *Arquiteto do Universo* (pois acho que ele acredita mais em mim, do que eu acredito nele), por ter proporcionado eu ter chegado aqui. Aos meus orientadores: Evandro e Odenei; aos professores do programa: Selda Vale, Nelson Noronha, Gláucio Campos, Otoni Mesquita (externo), Sergio Ivan, Alfredo Wagner, Raimundo Martins (de biblioteconomia), José Inaldo Chaves (UnB), Renato Brandão (Faartes), Paulo Pinto Monte “Paulão” (in memoriam, lendário professor de filosofia, com seu inseparável cigarro e palavrões)

A minha colega: Luana, que sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis e felizes dessa caminhada. Aos colegas de conversas boêmias: Ramiro, Alvanir, Francisco, Josyane, Sophia, Maria Edilene e colegas da turma em geral.

As minhas tias e tios: Jozelia, Kissia, Gleucia, Saul, Lidia, Akel Allan, Nonato, Raimerson, Betinho, Rui, Priscila, Bia, Zé Lino e Isadora.

Aos meus primos e irmão: Kassio, Luiz, José, Joana, João (os dois Joãos), Lídia, Carlinho, Tereza, Luquinha, Gabriela, Thalles.

Aos meus colegas de trabalho: Katia, Carla, Guilherme, Maria Augusta, Rosy Kelly, Patrícia.

Aos meus amigos: Bruce Andrade, Eduardo Augusto, Bruno Braga, Juliana Garrido. Aos pesquisadores: Samanta Araujo Freire, Dalmir Pacheco de Oliveira, Renato Brandão, Hamilton Rodrigues, Catia de Lemos, Claudenilson Batista, Teófilo Galvão Filho, Cláudio Luciano Dusik, João Paulo Barreto, Gilson E Sandra da Biblioteca Braille, por suas trajetórias acadêmicas que inspiraram e nutriram uma profunda admiração em minha pessoa.

Aos entrevistados, que cederam seu tempo e ajuda nessa construção coletiva que é uma pesquisa. A ADVAM, pelo apoio.

Ao atual Governo Federal, que acredita e incentiva a pesquisa no Brasil (*pra você meu primeiro voto, pra fazer brilhar nossa estrela*).

Ao LaSalle Manaus (por não ter me demitido no ano das disciplinas).

A Capes, por ter me ajudado nessa jornada.

EPIGRAFE

*E ele me disse, está feito,
Eu sou o Alfa, O Ômega, o princípio e o fim.
Eu darei aquele que está sedento livremente da fonte
da água da vida.*

*Aquele que vencer herdará todas as coisas: e eu
serei o seu Deus e ele será meu filho.*

Apocalipse 21, 6-7

*Penso que cumpri a vida seja simplesmente
Compreender a marcha, ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias, pela longa estrada eu vou
Estrada eu sou.*

Renato Teixeira e Almir Sater

RESUMO

A presente pesquisa aborda a questão da acessibilidade: mais especificamente em equipamentos de lazer da cidade de Manaus; no entanto, ela se direciona para um público alvo: o deficiente visual ou como chamamos no trabalho “pessoa com limitações visuais em um contexto social”. A pesquisa tem uma diversidade de metodologias, como a bibliográfica, a de campo com uma natureza mais qualitativa para análises; foram entrevistadas pessoas completamente cegas ou com baixa visão, para saber acerca da percepção delas dos equipamentos de lazer que visitamos: cinema, teatro, museu, espaço físico-desportivo, para descobrirmos padrões de acessibilidade nesses locais, como entender a autonomia da pessoa com limitações visuais em um contexto social. A intencionalidade dos espaços junto as pessoas entrevistadas é saber a recepção de lazer. Lazer e acessibilidade ainda é um tema pouco explorado pelo ambiente acadêmico, em função disso, demos vozes ao presente como ao passado de Manaus para saber se houve uma mudança para as pessoas com limitações visuais em um contexto social que viveram a segunda metade do século XX a capital amazonense e os equipamentos de lazer pertencentes a ela ou se o panorama continua o mesmo, mesmo tendo uma nova gramática social vigente, com novas tecnologias e novos equipamentos de lazer. Para isso, o ponto de vista não ficou apenas aos pesquisadores e os entrevistados, como houve vez e voz para pessoas que trabalham nos equipamentos de lazer e instituições do Estado.

Palavras-chave: Lazer, Acessibilidade, Cidade.

ABSTRACT

This research addresses the issue of accessibility: more specifically in leisure facilities in the city of Manaus; however, it is aimed at a target audience: the visually impaired or, as we call it at work, “people with visual limitations in a social context”. Research has a diversity of methodologies: such as bibliographical, field research with a more qualitative nature for analysis; completely blind people or those with low vision were interviewed to find out about their perception of the leisure facilities we visit: cinema, theater, museum, physical-sports space, to discover accessibility patterns in these places, how to understand the autonomy of people with limitations visuals in a social context. The intention of the spaces with the people interviewed is to understand the reception of leisure. Leisure and accessibility is still a topic little explored by the academic environment, as a result, we gave voices to the present and the past of Manaus: to find out if there was a change for people with visual limitations in a social context who lived in the second half of the century XX the capital of Amazonas and the leisure equipment belonging to it or if the panorama remains the same, even with a new social grammar in force, with new technologies and new leisure equipment. For this, the point of view was not limited to researchers and interviewees alone, as there was a voice for people who work in leisure facilities and State institutions.

Keywords: Leisure, Accessibility, City.

LISTA DE SIGLAS

CIDID - Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens

CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade

PcD - Pessoa com Deficiência

PLcS - Pessoa com limitações em um contexto social

IBC - Instituto Benjamim Constant

VOM - Vila Olímpica de Manaus

SEC - Secretaria de Cultura

ZFM - Zona Franca de Manaus

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

APAE - Associação dos pais dos excepcionais

ASSP - Associação de surdos de São Paulo

UPIAS - Union of The Physically Impaired Against Segregation

CORDE - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

GRUTA - Grupo Universitário de Teatro do Amazonas

TAU - Teatro Amazonense Universitário

IFAM - Instituto Federal do Amazonas

RIONAL - Rio Negro e Nacional

BPC - Benefício de Prestação Continuada

ADVAM - Associação dos deficientes visuais do Amazonas

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AASEC - Assessoria de Acessibilidade da Secretaria de Cultura

CSU - Centro Social Urbano

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Primeiros entrevistados.....	85
Tabela 2: Segundos entrevistados.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico da classificação.....	27
Gráfico 2: Modelo caritativo.....	41
Gráfico 3: Modelo médico.....	48
Gráfico 4: Modelo social.....	57
Gráfico 5: Modelo de direitos.....	62
Gráfico 6: O tempo.....	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estátua Romana.....	32
Figura 2: Vazo Romano.....	33
Figura 3: A parábola dos cegos.....	38
Figura 4: Os mendigos.....	38
Figura 5: Louis Braille.....	44
Figura 6: Estátua Universitária.....	44
Figura 7: Guerra.....	52
Figura 8: Cena do filme.....	53
Figura 9: Encontro.....	58
Figura 10: Cidade Nova.....	70
Figura 11: Igarapé.....	71
Figura 12: Linha de produção.....	72
Figura 13: Cine Guarany.....	76
Figura 14: Cine Odeon.....	77
Figura 15: Cinema de rua.....	78
Figura 16: Teatro Amazonas.....	80
Figura 17: Chaminé.....	82
Figura 18: Museu.....	82
Figura 19: Vivaldão.....	84
Figura 20: Ponta Negra.....	85
Figura 21: parada de ônibus. Numerar as figuras.....	118
Figura 22: Avenida Pedro Teixeira.....	119
Figura 23: Semáforo Sonoro.....	120
Figura 24: Braille.....	121
Figura 25: Apito do Semáforo.....	121
Figura 26: Entrada.....	123
Figura 27: Caminho do piso tátil.....	124
Figura 28: Outro Caminho tátil.....	124
Figura 29: Caminho da Biblioteca.....	125
Figura 30: Prêmios da Biblioteca.....	126
Figura 31: Sala de música.....	127

Figura 32: Teclados musicais.....	127
Figura 33: Acervo de livros em braile.....	128
Figura 34: Digitação.....	129
Figura 35: Computadores.....	129
Figura 36: Réplica palpável do corpo humano.....	130
Figura 37: Estúdio de audiodescrição.....	136
Figura 38: Calçada do largo São Sebastião.....	137
Figura 39: Rua Adjacente do Teatro Amazonas.....	138
Figura 40: Espacialidade do Largo.....	138
Figura 41: Calçadão do Largo.....	139
Figura 42: Rampa de acesso ao Teatro Amazonas.....	139
Figura 43: Entrada Preferencial.....	141
Figura 44: Camarote com as cadeiras.....	141
Figura 45: Camarotes.....	142
Figura 46: Rádio para ouvir a audiodescrição.....	143
Figura 47: Vista do camarote para o palco.....	144
Figura 48: Encenação no palco.....	145
Figura 49: Luzes no teto do Teatro Amazonas.....	153
Figura 50: Rua do Palacete.....	154
Figura 51: Palacete Provincial.....	154
Figura 52: Chão da Praça.....	155
Figura 53: Chão da Praça parte 2.....	155
Figura 54: Escada.....	156
Figura 55: Entrada do Palacete.....	158
Figura 56: Quadros.....	158
Figura 57: Exposições.....	159
Figura 58: Hahnemann.....	159
Figura 59: Placa de identificação.....	160
Figura 60: Piso da Pinacoteca.....	161
Figura 61: Televisão.....	162
Figura 62: Câmeras fotográficas.....	162
Figura 63: Outras Câmeras Fotográficas.....	163
Figura 64: Acervo de CDs.....	164
Figura 65: Escada Subida.....	165

Figura 66: Escada Descida.....	166
Figura 67: Elevador Visto por Fora.....	166
Figura 68: Elevador visto por dentro	167
Figura 69: Rampas na parte de fora do Palacete.....	168
Figura 70: Lado de fora do Palacete.....	168
Figura 71: Segundo Andar do Palacete.....	170
Figura 72: Moedas expostas.....	171
Figura 73: Moedas expostas continuação.....	171
Figura 74: A dificuldade de exposição da Moeda.....	172
Figura 75: Manequins.....	173
Figura 76: Porta Fantasma.....	174
Figura 77: Armas.....	174
Figura 78: Extintor de Incêndio.....	175
Figura 79: Armas Parte 2.....	176
Figura 80: Peça Arqueológica.....	176
Figura 81: Exposição de arqueologia.....	185
Figura 82: Semáforo Sonoro na avenida Djalma Batista.....	185
Figura 83: Faixa de pedestre na avenida Djalma Batista.....	186
Figura 84: Rampa de frente para Shopping.....	187
Figura 85: Piso Tátil de alerta e direcional na frente do Shopping.....	188
Figura 86: Escada Rolante.....	189
Figura 87: Aviso de prioridade no elevador.....	189
Figura 88: Elevador de prioridade no Shopping.....	190
Figura 89: Informativo em braille do Shopping.....	191
Figura 90: Andar do Cinema.....	192
Figura 91: Piso do Shopping.....	192
Figura 92: Assinatura dos documentos.....	193
Figura 93: Poltrona junto com o celular de audiodescrição.....	194
Figura 94: Celular da Audiodescrição.....	195
Figura 95: Fones de ouvidos.....	196
Figura 96: Cena do Filme com legenda.....	196
Figura 97: Outra cena do filme.....	198
Figura 98: Poltrona Adaptada.....	198
Figura 99: Chão da sala de cinema.....	199

Figura 100: Escadas da sala de cinema.....	207
Figura 101: Passarela.....	208
Figura 102: Escadas da passarela.....	208
Figura 103: Avenida Pedro Teixeira.....	210
Figura 104: Entrada da Vila Olímpica de Manaus.....	211
Figura 105: Calçada.....	211
Figura 106: Rampa.....	212
Figura 108: Escadas.....	213
Figura 109: Corrimão.....	214
Figura 110: Vista da arquibancada.....	215
Figura 111: Escada para a pista.....	215
Figura 113: Estrutura física	216
Figura 114: Rampa da arquibancada.....	217
Figura 115: Calçamento da vila.....	217
Figura 116: Pista.....	220
Figura 117: Corrida.....	221

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
2 CAPÍTULO I.....	25
2.1 A PESSOA.....	25
2.2 A ODISSEIA DAS PESSOAS COM LIMITAÇÕES EM UM CONTEXTO SOCIAL NA GRÉCIA ANTIGA.....	31
2.3 VIDAS PARALELAS DAS PESSOAS COM LIMITAÇÕES EM UM CONTEXTO SOCIAL NA ROMA ANTIGA.....	35
2.4 A IDADE MÉDIA E O MODELO DE CARIDADE.....	36
2.5 A CONSTITUIÇÃO DE 1824.....	42
2.6 A CONSTITUIÇÃO DE 1891.....	46
2.7 AS CONSTITUIÇÕES DE 1934, 1937, 1946, SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O PARADIGMA DE INTEGRAÇÃO.....	49
2.8 A CONSTITUIÇÃO DE 1967, LUTA POR RECONHECIMENTO, MODELO SOCIAL.....	55
2.9 A CONSTITUIÇÃO CIDADÃ, O ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A CIDADE DE MANAUS.....	59
3 CAPÍTULO II.....	64
3.1 SOBRE O QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE LAZER.....	64
3.2 A CIDADE QUE QUIS SER LIVERPOOL.....	69
3.3 CINEMAS, MUSEUS, TEATROS E ESPAÇOS FÍSICOS-ESPORTIVOS EM MANAUS.....	74
3.4 MEMÓRIAS DOS OUTSIDERS.....	85
3.4.1 CINEMAS.....	87
3.4.2 TEATRO.....	89
3.4.3 MUSEU.....	92
3.4.4 OUTROS EQUIPAMENTOS.....	93
3.4.5 O LAZER.....	96
4 CAPÍTULO III.....	105
4.1 A TECNOLOGIA ASSISTIVA E AS LEGISLAÇÕES DE INCLUSÃO SOCIAL.....	107
4.2 INSTITUIÇÕES DE ACESSIBILIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS.....	114
4.2.1 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DA BIBLIOTECA BRAILLE DO	

AMAZONAS.....	117
4.2.2 ASSESSORIA DE ACESSIBILIDADE DA SECRETARIA DE CULTURA (SEC).....	132
4.3 PROCEDIMENTO ETNOGRÁFICO DE ASSISTIR UMA APRESENTAÇÃO NO TEATRO AMAZONAS.....	135
4.3.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA, E DE QUEM TRABALHA NO TEATRO AMAZONAS.....	146
4.3.2 PARECER DO TEATRO AMAZONAS.....	151
4.4 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DO PALACETE PROVINCIAL.....	152
4.4.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA E DE QUEM TRABALHA NO PALACETE PROVINCIAL.....	177
4.4.2 PARECER DO PALACETE PROVINCIAL.....	181
4.5 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DE UM CINEMA.....	183
4.5.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA E DE QUEM TRABALHA NO CINEMA.....	199
4.5.2 PARECER DO CINEMA.....	206
4.6 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DA VILA OLÍMPICA DE MANAUS.....	221
4.6.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA, E DE QUEM TRABALHA NA VILA OLÍMPICA DE MANAUS.....	227
4.6.2 PARECER DA VILA OLÍMPICA DE MANAUS.....	228
4.7 A PERCEPÇÃO DE LAZER DOS ENTREVISTADOS.....	231
5 CONCLUSÃO.....	235
6 REFERÊNCIAS.....	235
7ANEXOS.....	245

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema a *acessibilidade em ambientes específicos da cidade de Manaus, como: um cinema, um museu, teatro e um espaço físico-desportivo*. Esses espaços não foram escolhidos de forma aleatória, mas sim, levando em conta o potencial deles em proporcionar *lazer*.

No entanto, não é uma “acessibilidade” no modo geral (onde todos os moradores de Manaus participam), mas levando em conta um público específico da capital amazonense, as pessoas com deficiência visual ou como na pesquisa nós a definimos: *pessoas com limitações visuais em um contexto social de lazer* como nos ambientes definidos acima.

O levantamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do censo de 2010¹ mostrou que Manaus tem 27,176 mil pessoas com limitações visuais, sendo que, no censo de 2020 os números ainda são incompletos para serem inseridos na pesquisa atual.

Essa pesquisa está ligada diretamente as experiências do autor (orientando), levando em conta que a sua visão é bastante diluída, causando dificuldades bastante elevadas em interagir com os espaços selecionados na pesquisa. Assim, escrever sobre tal tema na verdade é escrever sobre sua própria condição, como fala Martin Scorsese “*O mais pessoal é o mais criativo*”.

Ao longo de minha vida acadêmica, sempre tive tal tema dentro de mim, pronto para florescer, juntamente com as orientações e delimitação metodológica feitas com o orientador. Houve essa finalização de uma pesquisa que foi feita por nós, e ao mesmo tempo, ela me abria novos horizontes, como argumenta Morin (2020, p. 47) “O tempo formou e transformou minha obra, e me formou e me transformou. A obra me impôs sua lógica de vida, que impôs meu percurso de vida, que, por sua vez, me impôs a vida da obra”.

Como foi notado por nós, há uma pequena quantidade de produção acadêmica voltada para a acessibilidade fora dos *muros da escola, em especial no contexto da região norte do Brasil (tendo pesquisas encontradas na região sul e sudeste)*, impulsionando a investigação em loco, para descobrir os padrões de

¹ Os pesquisadores optaram por usar o censo de 2010, levando em conta que os números do censo mais atual ainda estão sendo publicados e analisados.

acessibilidade (que será discutido no terceiro capítulo) que o equipamento de lazer de Manaus têm ou deixam de ter, como saber se as pessoas com limitações visuais frequentam ou não tais equipamentos.

A pesquisa tem um caráter interdisciplinar, explorando temas como a cidade, lazer, pessoas com limitações em um contexto social; acerca da cidade como fala Ribeiro (2015, p. 36):

A cidade é o local no qual estão dispostos indivíduos, grupos e classes sociais em uma intensa e densa disputa pela classificação e apropriação desse espaço. Disputa que se expressa na esfera econômica, política, jurídica e administrativa do espaço urbano, isso implica em conflitos pelo poder legítimo de poder conduzir/transformar esse ambiente.

Como enfatiza Ribeiro, a cidade vai ser ponderada acerca das disputas por espaço (se esse equipamento está ou não preparado para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social) e das transformações urbanas que Manaus passou (em especial no segundo e terceiro capítulo).

A cidade em si tem muitas gramáticas e dinâmicas sociais, em função disso, o *lazer* foi selecionado para observar as interações sobre a acessibilidade no espaço urbano. Sendo o lazer um direito constitucional (BRASIL, 2016), é importante associar ele com a questão da acessibilidade, levando em conta que esse tema (acessibilidade) sempre esteve associado à educação e trabalho (que são temas bastante importantes, mas de uma certa forma, repetitivos).

Uma ferramenta metodológica usada na pesquisa foi a bibliográfica, sendo consultados livros, legislações, filmes, romances, ilustrações que abordam sobre a exclusão social que historicamente sempre ocorreu na trajetória da pessoa com limitações visuais em um contexto social, para *assim entender a gênese desse fenômeno social* conforme pensa Durkheim (1974), que há na exclusão social da pessoa com limitações visuais em um contexto social, porém, não apenas se limitar ao uso de inferências históricas, como problematizar a exclusão e toda a luta por reconhecimento social e processual indo ao encontro do objetivo específico: abordar o processo histórico de exclusão e inclusão da pessoa com limitações visuais em um contexto social na sociedade, que serviu como suporte para ser elaborado o primeiro capítulo da pesquisa.

Para não fugir do tema lazer e acessibilidade foi elaborado um questionário fechado para as pessoas que participaram da pesquisa. Levando em conta que, a

análise das respostas tem um caráter qualitativo, em que não há números ou percentuais de frequência, não há uma separação da pessoa e do espaço pesquisado. Espaço e pessoa são levados em conta, como pensa Morin (2011, p, 43) “Conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não, separá-lo dele. (...) todo o conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente”.

Morin deixa claro acerca de não separar, em função disso, houve contextualizações da cidade, do lazer, das pessoas envolvidas na pesquisa, tendo como a acessibilidade dos equipamentos de lazer em conta para não fugir do tema.

É usado a memória dos entrevistados para saber sobre a frequência deles nos equipamentos de lazer na Manaus da segunda metade do século XX. Sabemos que aquela cidade não estava preparada para lidar com pessoas com limitações em um contexto social, como os temas de acessibilidade e inclusão, que são discursos de hoje, não se falava naquela conjuntura social, mas queremos dar voz as pessoas que viveram naquela cidade, para termos um recorte da percepção de quem sentiu e viveu aquela conjuntura social, como argumenta Bergson (1999, p. 31):

Em suma, a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas; e, ao deixar de lado essa contribuição para tornar nossa ideia mais clara, iremos nos adiantar bem mais do que convém no caminho que empreendemos.

A memória como afirma Bergson como *percepção individual* é usada para saber dos equipamentos de lazer daquele contexto, não será feito uma análise para saber do panorama social de uma cidade, como foi feito por Bosi (1994), mas irá direto ao ponto da frequência (ou falta dela) nesses equipamentos. Os entrevistados foram pessoas com limitações visuais que viveram naquela época (na faixa etária dos 50 anos). O procedimento da memória se aplicou no segundo capítulo, para cumprir um objetivo específico: observar os equipamentos de lazer na cidade de Manaus da segunda metade do século XX, com ênfase na possível interação da pessoa com limitações visuais em um contexto social.

Fomos aos equipamentos de lazer selecionados (cinema, museu, teatro, espaço físico-desportivo) como argumenta Bourdieu (2010) o pesquisador tem que quebrar o senso comum existente entre ele e o campo selecionado para pesquisa.

Foi feito um procedimento etnográfico desses equipamentos, como já fizera Malinovski (1978) anteriormente em Argonautas do pacífico ocidental e Matos (2015) para descrever o modus vivendi de uma comunidade amazônica. Todavia, devo informar que houve uma atenção em apontar os padrões de acessibilidade ou falta deles nos equipamentos de lazer. O procedimento etnográfico aparece referente ao terceiro capítulo, condizente com o objetivo específico de averiguar se existem equipamentos de lazer tanto público como privado em Manaus preparados para receber as pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Os entrevistados no terceiro capítulo já são outras pessoas (diferente do segundo capítulo), são pessoas mais novas, juntamente com funcionários dos equipamentos selecionados e funcionários do governo estadual que lidam diretamente com esses temas: acessibilidade, lazer, pessoa com limitações visuais em um contexto social, para uma visão mais holística da pesquisa.

Essa junção de metodologias foi usada para ter uma resposta mais concreta a respeito do objetivo geral que é compreender a interação da pessoa com limitações visuais em um contexto social em equipamentos de lazer em Manaus.

A mobilidade urbana, o poder de compra e outros fatores que influem no aspecto do lazer não foram explorados, pois não condizem com o tema e os objetivos da pesquisa, como tais procedimentos levou um tempo considerável de pesquisa dos autores (orientando e orientador), não havia tempo para tocar e se aprofundar em tais temas.

Os autores têm plena ciência da existência da ABNT 9050, entretanto, ela remete a dicas do que se fazer com o espaço, os centímetros, a questão dos banheiros, da locomoção, da entrada; tudo isso é relevante, porém, entra em um caráter tecnicista em que se exige uma formação aprofundada em uma determinada área do conhecimento, sendo assim, os autores vão dizer acerca do que falta, levando em conta a especificidade da pessoa com limitações visuais em um contexto social (sentido da visão), não há uma intenção clara de se aprofundar na ABNT (levando em conta que ela foge dos objetivos da pesquisa), mas deixar claro que ela é parâmetro de algumas tecnologias assistivas da pesquisa.

Portanto, na introdução é apresentado a delimitação do tema, juntamente com a metodologia que tem um caráter interdisciplinar, levando em conta que, não é apenas o lazer a ser pesquisado, mas um público específico e uma cidade como pano

de fundo. Na introdução há uma breve síntese relacionado ao autor (orientado), lhe apresentado de forma a contextualizar a pesquisa.

Há ainda o desenvolvimento da pesquisa, dividida em três capítulos: sendo que, no primeiro capítulo há um estado da arte no que diz respeito a um processo de exclusão, além da inclusão da pessoa com limitações visuais, em um caráter não só educacional, mas trazendo a análise de conquistas de direitos no Brasil e em alguns locais do mundo.

Já no segundo capítulo, tem a contextualização da Manaus da segunda metade do século XX, com o impacto da Zona Franca de Manaus, mostrando alguns conceitos de lazer, e se aprofundando na memória de pessoas com limitações visuais em um contexto social, acerca da presença delas nesses equipamentos de lazer.

O terceiro capítulo foi o *campo*, onde fomos a um cinema, um teatro, um museu e um espaço físico-desportivo; sendo que, três desses espaços físicos ou áreas de lazer ou para atividades miméticas/equipamentos de lazer são geridos pelo governo estadual (museu, teatro, espaço físico-desportivo) e o cinema pertence a iniciativa privada, para termos uma visão heterogênea possível dos equipamentos na atualidade.

Na conclusão da pesquisa, há uma reflexão sobre os resultados qualitativos dos equipamentos de lazer visitados, como recomendações de novas pesquisas, e crítica às lacunas do trabalho que existem e uma ponderação sobre o lazer da pessoa com limitações em um contexto social.

Por fim, há ainda as referências bibliográficas, junto com as legislações usadas, para embasar a pesquisa tanto de forma teórica, como nas práticas de campo, além do glossário onde são colocadas as entrevistas feitas na pesquisa.

CAPÍTULO I

2.1 A PESSOA

O subitem abaixo discorre acerca de distintos conceitos da pessoa com deficiência, todavia, o objetivo é enfatizar que não será usado esse termo (pessoa com deficiência visual) na pesquisa, mas sim, *pessoa com limitações visuais em um contexto social* que para nós tem um caráter mais elucidativo em torno do ser humano.

Antes de nos aprofundarmos e debatermos o contexto histórico, é necessário entender de que estamos falando, escrevendo, debatendo e refletindo sobre as pessoas portadoras de limitação. Esse objeto ou ser, não difere de mim ou de você. Muito pelo contrário, ele sente as mesmas emoções, dores, e está inserido no mesmo tempo e espaço que há neste momento entre você leitor, e eu.

Como qualquer um de nós, ele tem suas limitações: pode ser visual (como no meu caso), auditiva, talvez ele não fale, não ande, pense e sinta o mundo em outra perspectiva. Mas no fim das contas, ele é uma pessoa. Existem vários conceitos para definir essa pessoa com alguma 'limitação', mas não há um consenso. Uma definição que nos agrada bastante é o de Sasaki (2005, p.1):

[...] jamais houve ou haverá um único termo correto, válido definitivamente em todos os tempos e espaços, ou seja, latitudinal e longitudinalmente. A razão disto reside no fato de que a cada época são utilizados termos cujo significado seja compatível com os valores vigentes em cada sociedade enquanto está evolui em seu relacionamento com as pessoas que possuem este ou aquele tipo de deficiência.

Sasaki traz uma definição aberta, macrossocial para dizer que cada sociedade terá uma forma de interpretar um conceito para uma pessoa com alguma 'limitação'.

Alguns meios de comunicação de massa e instituições sociais praticamente rotularam alguns termos extremamente preconceituosos ou ultrapassados como 'inválidos', 'excepcionais', 'aleijados'. Instituições de cunho organizacional administrativo, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1980, impõe a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID)

²na seguinte forma (2004):

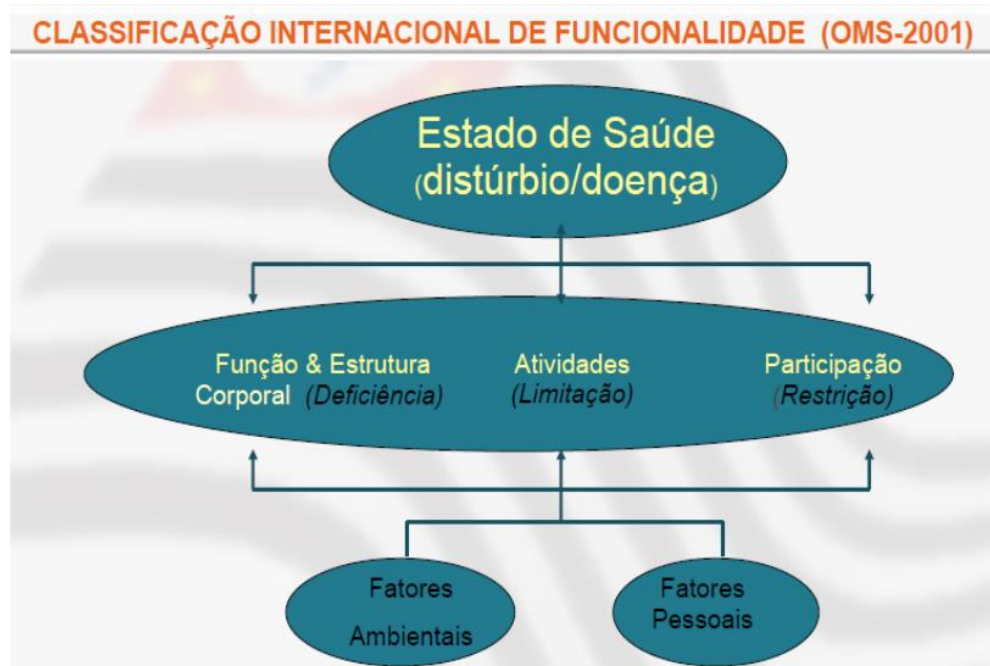
Deficiência: é qualquer perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. Incapacidade: é qualquer restrição ou falta de habilidade, resultante de uma deficiência, para realizar uma atividade da maneira ou da forma considerada normal para um ser humano. Desvantagem: é um prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade, que limita ou impede o cumprimento do papel que é considerado normal para esse indivíduo, dependendo da idade, sexo, fatores sociais e culturais.

Observando esses argumentos, fica claro que uma ideia de “limitação” foi moldada para designar de maneira relativamente genérica um grupo específico da sociedade, que precisava ser compreendido. Isso ficou explícito nos modelos de compreender a ‘deficiência’ (tratados mais adiante) que surgem no contexto e da necessidade de olhar com todo o cuidado para a pessoa dita ‘deficiente’, ou, nas palavras do CIDID, para a pessoa que tem uma “desvantagem” ou uma “incapacidade”, como a própria OMS deixou bem claro nas tentativas de rotulação social.

Como observa Foucault (2014) ao tratar da economia dos corpos essa rotulação é um mecanismo de controle. Nesse sentido, para ele, era preciso mensurar o impacto das pessoas com limitações em um contexto social, para entender sua utilidade ou falta dela para uma sociedade que prega a produtividade dos indivíduos.

Alguns anos depois da publicação da CIDID, os movimentos de pessoas portadoras de limitações, junto com especialistas e membros da sociedade civil organizadas elaboraram uma nova definição, capaz de ampliar o papel ativo dessas pessoas, a CIF ou Classificação Internacional de Funcionalidade foi o resultado de um amplo debate e participação social. Pessoas com deficiência’, peritos, e ativistas discutem em torno de uma classificação que trouxe à tona outra perspectiva da ‘deficiência’. Como é visto no gráfico 1:

² Classificação Internacional de deficiência, incapacidade e desvantagens, usado em um contexto social nas décadas de 1980, com um tom bastante pejorativo ao ser analisado hoje.

Gráfico 1: Gráfico da classificação

Fonte: Batistella, 2011.

DESCRIÇÃO: Na parte superior está escrito com letras pretas e vermelhas: Gráfico da classificação. Abaixo, escrito com letras laranja: Classificação internacional de funcionalidade (OMS-2001). Abaixo, ao centro, há 4 figuras geométricas ovais, uma em baixo da outra onde estão escritas com letras verde limão: Na primeira figura está escrito em dois níveis: Função e estrutura corporal (Distúrbio/doença). Na segunda figura está escrito: Função e estrutura corporal (Deficiência). Atividades (limitação) Participação (Restrição). Nas terceiras figuras, que estão uma ao lado da outra está escrito: Fatores ambientais/Fatores pessoais. No rodapé está escrito com letras pretas e vermelhas: Fonte: Batistella 2011.

No quadro há uma interpretação que diz respeito aos fatores ambientais e sociais, que condiz com o Modelo Social (que será tratado mais adiante) para compreender uma pessoa com alguma limitação, os fatores sociais mostram que a pessoa não existe por si só, mas há um campo e um hábito social como sugere Bourdieu (2010).

Já no campo da legislação, o decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 que regulamenta a Lei nº 7853/89 conceitua no art. 3º:

I - Deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;

II - Deficiência permanente – aquela que ocorreu ou se estabilizou durante

um período suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos; e
 III - Incapacidade – uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem-estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida.

Há também o texto da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência de 2006, que coloca no Artigo 1:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Como é nítido no argumento, as tentativas de conceituação posteriores à CIDID, enfatizam o contexto das barreiras sociais, que podem obstruir a autonomia de uma pessoa na sociedade, há outras conceituações acerca de uma pessoa com deficiência, ou PcD (pessoa com deficiência), mas já há uma literatura especializada com diversos autores dando uma visão em cima deste problema (que não será mencionado aqui, em consequência de nós entendermos que haveria uma repetição de um tema já enfatizado em distintas pesquisas acerca de inclusão) .

Neste trabalho, consideramos a deficiência, limitação e restrição, seja ela física, sensorial, ou mental, como *mais uma especificidade da pessoa como ser (como qualquer outro traço do ser humano)*.

Olhando para a sétima arte acerca do filme O som do silêncio (2019), o protagonista ao ter sua audição diluída, tenta de todas as formas encontrar meios para tentar recuperar o seu antigo modo de vida. No entanto, ele entende que a surdez é *uma forma de vida*. Existe uma cultura surda, com símbolos, interações, linguagens, que não o toma uma pessoa com deficiência, mas que tem limitações auditivas, que podem ser potencializadas em um contexto social onde existe uma padronização de estilos de vida.

Falando em padronização de estilos de vida, temos que traçar um diálogo com a literatura ficcional. Ensaio sobre a cegueira (1995) de José Saramago, coloca um mundo onde todos de repente se tornaram cegos, a grande dificuldade dessas pessoas agora é encarar a realidade de um espaço onde o cego não tem vez. Há calçadas com buracos, a comunicação escrita não é feita para as pessoas cegas, e

há todo um preconceito da sociedade em segregar e encarar a cegueira como uma anormalidade humana, porém, a cegueira sempre esteve presente na sociedade, a todo instante foi um traço de identidade não reconhecida. O romance de Saramago escancara um certo medo ou receio de que a sociedade tem em perder um sentido tão palpável para a mensuração social do outro, para a localização do espaço e o pavor de se tornar aquilo que sempre teve medo de ser: um estigmatizado, sem chance de ser reconhecido.

Raymond Carver no conto *Catedral* (2010), mostra esse estranhamento em relação a uma pessoa cega, que paulatinamente vai sendo desconstruída ao contato inicial. O personagem vê no velho cego, uma pessoa com diversas qualidades alheias ao senso comum que há sobre a condição da limitação de visão. O conto mostra que o velho cego é mais que uma pessoa sem visão, ele tem outras qualidades, como uma identidade individual que cativa o protagonista, induzindo uma nova forma de ver aquela pessoa, antes tão estranha a ele.

Os exemplos mencionados anteriormente em torno das expressões estéticas, seja no cinema ou na literatura, mostram que a reprodução social de um senso comum acerca de uma pessoa com deficiência é muito rasa e abstrata. Uma suposta deficiência não inibe as possibilidades cognitivas, estéticas e cultural da pessoa e não impede que ela desenvolva atividade que a integrem ao conjunto da sociedade no qual ela vive; ela pode absorver a cultura que há ao seu redor, como pode contribuir para a disseminação e preservação da cultura local. Ela tem uma identidade humana na sociedade, como qualquer um.

A identidade segundo Castells (2008), é como uma construção de significados e uma reunião de prosperidades culturais que se sobressaem em uma pessoa. Para Elias, identidade está na perspectiva de uma interação social, como o próprio autor fala (2005, p.139) “O sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as ‘relações de nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro de unidades que designamos por ‘nós’ e ‘eles’”.

Como coloca Bauman (2005) identidade representa um processo de construção contínua. existe uma vasta produção sobre o tema da identidade. No entanto, esboçar uma reconstrução do estado da arte sobre o tema, foge aos objetivos deste trabalho, todavia, buscamos salientar que, afirmar que uma pessoa é deficiente implica uma postura de um observador, de um ponto de vista, dado que o termo é muito genérico.

Assim, qualquer um pode ser deficiente, desde que colocado em um contexto social alheio à sua gramática social convencional. Não obstante, trata-se de uma especificidade dela ter baixa visão (como no meu caso), ser surdo, ter uma forma distinta de raciocinar entre outras formas que influem diretamente na identidade dessa pessoa, neste caso, a característica distintiva pode ser acionada como um elemento identitário passível de construir e distinguir grupos de pessoas.

Morin (2011), fala de conhecer o humano dentro do humano, a pessoa, com limitações visuais em um contexto social, é um humano que tem suas aspirações, seus sonhos, suas limitações e potencialidades que muitas vezes são reprimidas por um contexto social que não entende o ser humano em suas particularidades. Em geral, a sociedade excludente é a sociedade que não conhece ou ignora uma potencialidade que pode trazer uma nova forma de compreender a dinâmica social.

Voltando a conversar com as artes, no filme *Perfume de Mulher* (1992), o protagonista é um militar cego que tem uma personalidade irascível em relação ao meio que ele amadureceu. Sua peculiaridade como ser humano não o torna aleijado ou um deficiente, porém as barreiras sociais o impõem limitações que são minimizadas ao serem identificadas por ele (com ajuda de outra pessoa), assim ele pode dirigir um carro, dançar tango, ou flertar com mulheres. Ele não é uma pessoa com deficiência, a sua grande limitação está na barreira social que não o deixa se expressar como ser humano, o limitando a um quarto escuro. Mas ele é mais que isso, o conhecendo se descobre uma pessoa como qualquer outra.

Assim, para esta pesquisa eu vou me referir às “pessoas com deficiência visual” como pessoas com limitações visuais em um contexto social. A pesquisa vai ser somente para os “deficientes visuais” que por si só, tem um multiverso de significados.

Segundo o decreto nº 32987, art. 4º, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, gera uma classificação de deficiências, sendo a limitação visual:

(...) Deficiência visual – cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores; (...)

Lógico, é uma classificação passível de críticas, ignorando todo o aspecto social, para dar voz aos critérios médicos. Todavia, o multiverso da pessoa com

limitações visuais: tem a baixa visão, completamente cego, monocular (que apresenta sim dificuldades de interação com a sociedade) entre outras formas de limitações visuais.

Portanto, definido qual o universo das limitações pessoais, é necessário falar do geral (pessoas com outras limitações sociais), em um contexto histórico, para compreender que a pessoa com limitação em contexto social não enfrenta barreiras de agora, ou de um século, todavia, foi algo construído e estabelecido ao longo do tempo.

Foi feito nesse primeiro instante uma contextualização do porquê será usado ao longo da dissertação o termo pessoa com limitação social em um contexto social (ao menos no primeiro capítulo) PLcS, juntamente às legislações que tocam no assunto, como adiante será traçado um breve histórico da exclusão e a luta por reconhecimento social.

2.2 A ODISSEIA DAS PESSOAS COM LIMITAÇÕES EM UM CONTEXTO SOCIAL NA GRÉCIA ANTIGA

*Gigante pastorava, em separado.
Só consigo maldades ruminando;
Monstro não comparável aos humanos.
Homero, Odisseia, Canto 9, verso: 142-144*

O presente subitem vai focar em alguns exemplos históricos e culturais da sociedade grega em relação à pessoa com limitações em um contexto social, o objetivo não é fazer um trabalho historiográfico exaustivo, mas sim, explicitar alguns exemplos historiográficos e culturais.

O período que está sendo analisado é a sociedade grega. Já há um senso comum erudito acerca das pessoas com limitações em um contexto social nas polis gregas. Entretanto, para se entender um fenômeno social é necessário conhecê-lo pelo início como advoga Durkheim (1974). Desta forma, olhar o passado é de suma importância para entender as transformações que ocorreram ao longo do tempo, até o presente momento.

Temos que levar em conta que ao longo do tempo histórico, desde os gregos até hoje, ocorreu o que Elias (2006) chama de *processo social*: onde há civilização, descivilização, engajamento, distanciamento, integração. Para as pessoas com

limitações em um contexto social, esse processo de integração junto as leis civis, sensibilidade em relação ao próximo e as instituições sociais, vai ser lento e gradual em função que cada sociedade em diferentes contextos vai aos poucos assimilando e amadurecendo a integração da causa da dos PLcS.

A sociedade grega é considerada clássica pela vastidão de conhecimento que foi produzido por estas instituições sociais e transmitidas de geração em geração, influenciando o conhecimento com a filosofia, poesia, teatro, ciência e hábitos social em geral.

Observando a estrutura da formação social da Grécia no séc. VI a.C, é perceptível que a população servia o Estado na função da guerra; os gregos eram moldados para a batalha, havia uma padronização dos corpos, isso fica nítido na cultura material que foi deixada e preservada, como uma estátua ou um vaso que podem trazer um recorte social da rede de relações existentes. As figuras 1 e 2 ilustram esse fenômeno:

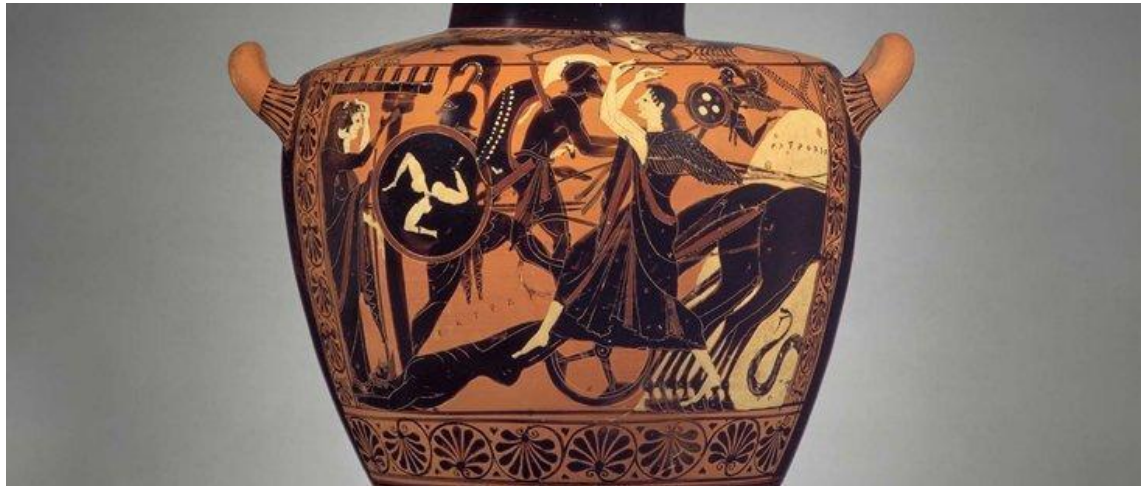
Figura 1: Estátua Romana



Fonte: Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/45043151>

DESCRIÇÃO: Na parte superior está escrito com letras pretas: Figura 1: Estátua Romana. Sobre fundo bege, há uma Estátua de pedra também na cor bege. É um homem de cabelos curtos e musculoso. Ele está sentado sobre um tecido da mesma cor da Estátua. Ele está escorado sobre o cotovelo esquerdo e o cotovelo direito está apoiado na coxa direita. Ele está com as pernas abertas e os joelhos levemente flexionados. A Estátua não possui nem mãos e nem pés.

Figura 2: Vazo Romano



Fonte: Disponível em: <https://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/155/historia-dosvasos-gregos>

DESCRIÇÃO: Na parte superior está escrito Vaso Romano. Ele tem o fundo laranja com as formas arredondadas. Na realidade, é uma jarra (HYDRIA), onde está desenhada a biga de Aquiles arrastando o corpo de Hector. Cerca de 520 - 510 A.C No rodapé estão escrito com letras pretas: História dos vasos gregos. Museu de Belas Artes de Boston número 63473

As figuras 1 e 2 mostram um panorama da valorização tanto do corpo na estátua do escultor Fídias³, como no vaso que explicita a questão da batalha. Em relação ao combate físico, não há como não mencionar as obras de Homero - tanto *A Ilíada* como *a Odisseia*⁴ - onde as musas narram para Homero as batalhas entre Esparta e Tróia como a epopeica viagem de Ulisses de volta para casa. Outro ponto importante da cultura grega são os jogos olímpicos⁵ que valorizavam a vitória do corpo melhor 'preparado' para uma competição desportiva.

Os exemplos culturais mostram o corpo projetado para a batalha. As pessoas que não atendiam à questão corporal não serviam para a sociedade, eram excluídas. Neste sentido, pensar que uma pessoa com acuidade visual diluída ou nula, um ser com dificuldades para andar, ouvir, falar, naturalmente era descartada da gramática social vigente; os exemplos citados anteriormente, devem ser colocados no prisma de processos sociais Elias (2006), para não gerar um anacronismo de escrita, pois a

³ Fídias (480 a.c.-430 a.c.): foi um celebre escultor da Grécia antiga.

⁴ *Ilíada* e *Odisseia*: Poemas épicos atribuídos a autoria a Homero, que narram costumes gregos, como guerras e cultura.

⁵ Jogos olímpicos tiveram início na Grécia antiga

sociedade grega não estava preparada para integrar o PLcS nas dinâmicas sociais vigentes. Fica claro na fala de Platão inferida por Melo (2004, p. 29) em relação aos corpos de ‘constituição doentia’:

Quanto às crianças enfermiças e as que sofrerem qualquer deformidade, serão levadas, como convém, a paradeiro desconhecido e secreto [...]. Quanto aos corpos de constituição doentia, não lhes prolongava vida e os sofrimentos com tratamentos e purgações regradas, que os poriam em condições de se reproduzirem em outros seres fadados provavelmente a serem iguais aos progenitores [...] e, pelo que toca aos que receberam corpo mal organizado, deixá-los morrer.

A seguinte passagem demonstra como havia um receio da sociedade grega em não aceitar uma pessoa com um corpo fora do ‘comum’, com o temor desse ser humano reproduzir idênticos a ele na sociedade, pois naquela conjuntura sócio-histórica, a ideia de integração social, ainda era distante, não à toa a fala de Platão não condiz para os dias atuais. Naturalmente, a pessoa com alguma limitação era extinta ou vivia à margem da sociedade: havia um ‘estigma’ em relação às pessoas com limitações em um contexto social nesse período.

Retornando à cultura preservada e transmitida dos gregos não há como não inferir Édipo Rei⁶, onde a trágica peça acaba com o personagem furando seus olhos, exemplificando a marginalidade que Édipo passaria a ter daquele ponto da vida.

Outra relevante ponderação está em torno das pessoas com limitações auditivas. Strobel cita Aristóteles, um dos grandes expoentes da filosofia grega, acreditava que por tal limitação sensorial as pessoas que não podiam ouvir, naturalmente eram alheias ao conhecimento, em suas palavras (2009, p.18) “(...) de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”.⁷

Observar esse panorama social é uma verdadeira *tragédia grega* para as pessoas que apresentavam alguma limitação sensorial, física ou psíquica. Eliminar esse tipo de gente era uma forma de darwinismo social, levando em conta a necessidade de ter um padrão de corpo para servir nas diversas batalhas que havia entre as Cidades-Estados; claro, a ideia de processo social desenvolvida por Elias

⁶ Édipo Rei: Peça teatral de autoria de Sófocles.

⁷ O termo surdo-mudo não é mais usado hoje em dia, em função de caracterizar alguém de forma pejorativa.

(2006), mostra que, àquela sociedade, o nível de sensibilidade em relação ao próximo (PLcS) ainda era distante.

Sobre o estigma que havia ao redor de ser uma pessoa com alguma limitação corporal ou mental, Goffaman (1981, p. 5) pondera acerca da sociedade grega: “os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava”. Como fica evidente no pensamento do Goffaman, há uma áurea em torno da palavra estigma na sociedade estudada, porém, a outra que advém depois dos gregos e que carrega esse mesmo sentido-sentimento em relação aos ditos ‘diferentes’.

Dialogando com a poesia, temos que evocar Ary Santos ao escrever acerca do estigmatizado de forma lírica: Filhos dum deus selvagem e secreto/ E cobertos de lama, caminhamos/ Por cidades, / Por nuvens/ E desertos./ Ao vento semeamos o que os homens não querem./ Ao vento arremessamos as verdades que doem/ E as palavras que ferem./ Da noite que nos gera, e nós amamos,/ Só os astros trazemos./ A treva ficou onde/ Todos guardamos a certeza oculta/ Do que nós não dizemos,/ Mas que somos.

O subitem mostra certos recortes de uma Grécia onde havia uma mentalidade de exclusão social (cristalizada na morte) da pessoa com limitações em um contexto social. Ocasionalmente um estigma que durará por muitos séculos, como veremos adiante.

2.3 VIDAS PARALELAS DAS PESSOAS COM LIMITAÇÕES EM UM CONTEXTO SOCIAL NA ROMA ANTIGA

O subitem que foca na Roma, é praticamente uma continuação do que ocorria na Grécia, em função disso, é necessário advertir que haverá exemplos processuais históricos elisianos, onde visivelmente o PLcS não era integrado na sociedade. Todavia, há uma ruptura importante: levando em conta uma lei da sociedade romana que relativiza a morte ou vida de uma pessoa. Será dada ênfase aos exemplos históricos e culturais, sem, entretanto, pretender um trabalho historiográfico.

Pautar a condição das pessoas com limitações em um contexto social na Roma antiga é praticamente continuar ditando o que ocorria na Grécia. No entanto, há de se

levar em consideração a lei paterna⁸ que dava o direito de o pai matar ou não a criança que apresentasse alguma ‘deformação’.

Caso o pai da criança quisesse deixar ela às margens de algum rio, e ela sobrevivesse, provavelmente ela mendigava pela cidade, ou era explorada de forma a ganhar algum tipo de lucro na mendicância. Desta maneira, pode-se induzir que a relação do trabalho de mendigar estava apto para as pessoas com limitações em um contexto social na sociedade romana.

É interessante notar um ponto de ruptura entre Grécia e Roma, principalmente quando há *um direito à vida* de uma pessoa com alguma limitação, mesmo que esse direito seja interpretado como um ‘direito à marginalidade’. As pessoas com limitações em um contexto social não eram ‘cidadãos ilustres’, Plutarco⁹ não traçou a vida dos mendigos que se humilhavam nas ruas, muito menos de pessoas que tinham alguma forma de estigma perante os olhos da sociedade, todavia, ter a mínima condição de existir já era um ‘avanço’, independente de tão paradigmático seja esse ‘progresso’ em relação à existência humana.

As pessoas com limitações em um contexto social não lutavam no Coliseu, ou nas diversas batalhas travadas para expansão do império romano. Porém, o fato de existirem nas ruas ou ao redor das cidades era uma forma de reconhecimento, uma conquista de direito de forma indireta e muito à mercê da sorte alheia. O direito à vida em Roma é uma conquista, Norberto Bobbio (2005) já salientava que todo o direito absoluto é relativo em um determinado período, assim, o direito à vida é uma cisão entre o que ocorria na Grécia e em Roma em relação às pessoas com limitações em um contexto social.

O subitem tratou da exclusão social da pessoa com limitações sociais na antiga Roma, não se diferenciando muito da Grécia, todavia, com uma ‘legislação’ relativizando a morte ou vida de uma pessoa. Avançando, agora é hora de ir para a Idade Média.

2.4 A IDADE MÉDIA E O MODELO DE CARIDADE

⁸ Lei das 12 tábuas, na quarta tábua o pai matará o filho monstruoso que afete o gênero humano.

⁹ Plutarco (46 d. c.-120 d.c.): escritor grego que escreveu acerca de pessoas icônicas em seu tempo, seja de Roma ou da Grécia

Vamos tratar da Idade Média, mais especificamente a Europa, dando exemplos históricos e culturais desse contexto. Como será apresentado o modelo caritativo de compreensão.

Olhar para Idade Média é compreender a consolidação do cristianismo cristalizado pela igreja católica com grandes mosteiros e feudos onde há uma divisão de classes entre servo e senhor feudal; existia ainda a nobreza e o clero que formavam a grande estrutura social desse período.

Para uma compreensão do processo social de Elias (2006), já há uma sensibilidade maior em relação ao PLcS, juntamente com uma integração a algumas dinâmicas sociais correntes naquele período.

É necessário ajudar as pessoas que nascem com alguma limitação. Para as classes mais abastadas havia a opção de levar essas pessoas para dentro dos mosteiros, isso é bem ilustrado no romance “O nome da Rosa” de Umberto Eco (1980), onde há um cego dentro das irmandades católicas que se locomove entre os membros do mosteiro e é uma espécie de guardião da biblioteca, sendo personagem importante para o desenvolvimento da trama em relação ao acesso à informação.

O romance inferido coloca um personagem que fora do mosteiro sentiria dificuldades em interação, mas dentro daquele ambiente pode ter sua relevância, sendo ele um antagonista da história, independentemente de qualquer limitação visual. O clero era uma classe social com regalias na Idade Média, ocasionando um certo conforto para os seus membros, incluindo alguém com limitações em um contexto social.

Para aqueles que não nasciam nas classes sociais com mais prestígio, havia a opção dos hospitais destinados à população em geral organizados pelas ordens religiosas¹⁰. Nesse período já havia se extinguido a percepção da morte das pessoas que nasciam com alguma limitação, no entanto, era necessário ainda a caridade e ajuda alheia, pois não havia espaços para autonomia. Como fica claro nos quadros de Pieter Bruegel que estão respectivamente nas figuras 4 e 5:

¹⁰ As ordens religiosas organizavam centros de cuidados as populações mais pobres.

Figura 3: A parábola dos cegos



Fonte: Disponível em: https://www.deficienciavisual.pt/txt-construindo_articulacao_arte_DV.htm

DESCRIÇÃO: É uma pintura do renascimento Flamengo PIETER BRUEGEL, O Velho, concluída em 1568. Executada, usando a técnica de tinta plástica sobre tela de linho. Ela mede 86 cm X 154 cm. Atualmente, a tela faz parte do acervo do museu de CAPODIMONTE, em Nápoles Itália. Descrição da tela: Ao fundo da tela, há uma aldeia. Com várias casas simples. Em primeiro plano, há 6 homens cegos. Eles estão de perfil, enfileirados um atrás do outro. Da direita para a esquerda, o primeiro está caído no chão e o segundo está tropeçando nele.

Figura 4: Os mendigos



Fonte: Disponível em: <https://medicineisart.blogspot.com/2010/10/os-aleijados-pieter-bruegel.html>

DESCRIÇÃO: Descrição técnica da tela. PIETER BRUEGEL, O VELHO. (BREUGHEL) Cerca de 1525-Bruxelas 1569.Os Mendigos 1568.Óleo sobre Madeira 0,185 m X 0,215 m. Presente de Paul Mantz, diretor - geral honorário da École des BEAUX- ARTS,1892.OS ALEIJADOS R.F 730 Pinturas. Richelieu, ala 2Museu do Louvre Paris. Descrição da tela: Neste caso, a Pintura seria uma paródia satírica, com os mendigos representando as diferentes classes de uma sociedade decadente. Na tela, há 5 mendigos. Eles estão curvados para frente e usam moletas.

Os dois quadros (figuras 4 e 5) conversam com o tempo da Idade Média, pois há uma noção de ajuda necessária para as pessoas com alguma limitação; como no quadro ‘A parábola dos cegos’, era necessário ter uma ajuda ou uma caridade de instituições sociais como a igreja, pois havia a potencialidade das pessoas com limitações ficam na margem da sociedade como ilustrado no quadro ‘Os alijados’.

No pensamento de Norbert Elias (1990) em relação ao processo civilizador, já há uma visão de que não se deveria matar uma pessoa por causa de alguma limitação, muito pelo contrário, era necessário acolher e cuidar dela como se fosse um ente querido.

As pessoas com limitações em um contexto social eram estigmatizadas por essas noções pré-concebidas. Havia uma invisibilidade delas nas ruas, nas famílias ou até mesmo era praticado exorcismos religiosos contra essas pessoas; por outro lado, algumas características mentais e físicas eram rotuladas ao ponto de se fundirem ao personagem do bobo da corte, como argumenta Piccolo e Mendes (2012, p. 35):

Devido a sua deformidade, primeira física, e apenas supostamente intelectual, o chamado bobo passava a viver na corte para divertir os reis e a todos que frequentassem este espaço, logo, eram alvos constantes de ofensas, chacotas e de toda sorte de desprezos por serem vistos como a encarnação daquilo que há de mais ridículo, estúpido e maléfico no ethos humano. Parcela significativa do universo do cômico e risível estava centrada sobre esta figura.

Como é perceptível, as pessoas com limitações em um contexto social eram tratadas com um certo menosprezo, sendo a Idade Média um período de constantes contradições como infere Corrêa (2005), onde há uma dicotomia entre caridade das instituições sociais e a segregação das famílias e pessoas com relação aos PLcS.

Um ponto a ser refletido na Idade Média é a iniciativa individual, partindo de John Bervely¹¹, um religioso que viu a necessidade de não apenas de acolher uma

¹¹ John Bervely foi um religioso que viveu na Idade Média europeia, em que há um registro dele ensinado a ensinar uma pessoa surda a falar.

pessoa com limitações em um contexto social (limitações auditivas), mas proporcionar uma autonomia por meio da educação para uma interação desta pessoa com mais emancipação na sociedade.

O pensamento cristão na valorização do ser humano influenciou esse contexto sociopolítico e econômico que ficou marcado como modelo caritativo, que colocava a crença do não matar a pessoa com limitações em um contexto social ou segregá-la de forma explícita, no entanto, de forma bastante contraditória acolher em espaços públicos como hospitais, ou instituições religiosas; mas não se pode ignorar que a estigmatização da pessoa com limitações em um contexto social persistia era um modelo de caridade, como assevera Augustin (2012, p. 2):

O modelo caritativo da deficiência reforça a autopercepção da pessoa como necessitada, o que as pessoas sem deficiência enxergam na deficiência passa a fazer parte da sua autopercepção, fenômeno conhecido como “mirror effect”.

Como fica entendido no argumento de Augustin, há a impressão de que uma pessoa com limitações físicas, sensoriais, ou mentais necessita de cuidados especiais da sociedade; não havia uma mentalidade para aquela época de dar autonomia, são iniciativas individuais como já referenciado anteriormente que tem essa perspectiva de independência, não um projeto de Estado. Era um modelo social de caridade, bem cristalizada na figura da igreja católica e algumas instituições sociais de acolhimento. O gráfico 2 abaixo ilustra essa percepção do tempo medieval:

Gráfico 2: Modelo caritativo



Fonte: Harris e Enfield, 2003.

DESCRIÇÃO: Na parte superior está escrito com letras pretas Gráfico 2, Modelo Caritativo. Abaixo sobre fundo branco, há um retângulo vazado contornado de preto. Ao centro do retângulo, há um círculo azul onde está escrito com letras brancas em 3 níveis: problema = ,sinal de igualdade, indivíduo deficiente. pelo lado de fora ao redor do círculo, há várias linhas azuis puxadas ,onde estão escritas com letras pretas: precisa de cuidados precisa de caridade ,simpatia, serviços especiais, escolas especiais, assistência social etc. não anda ,não fala, não vê. rancoroso, perverso, agressivo. triste, trágico, passivo. valente, corajoso, inspirador. desperta compaixão. no rodapé, está escrito com letras pretas fonte: harris e enfiel, 2003.

Como fica notável no gráfico 2, há uma mentalidade de ajuda e empatia sobre a pessoa com limitações em um contexto social. Dialogando com a teoria filosófica de Axel Honneth (2003), há reconhecimento afetivo em torno das pessoas com limitações em um contexto social, porém, ainda falta um reconhecimento jurídico e social em torno destas pessoas. Voltando a inferir Norbert Elias e Scotson (2000), os outsiders são mensurados pelo estabelecidos, como são colocados em espaços próprios para eles (hospitais e mosteiros).

A Idade Média marcou uma ruptura para as pessoas com limitações em um contexto social, onde não havia mais a ideia de matar, entretanto, havia sim uma 'ajuda' muito sintetizada na figura da igreja católica. Ainda persiste o estigma social, que paulatinamente vai sendo desconstruído com a intervenção de revoluções sociais.

Antes de avançar, é necessário explicar que não há uma intenção de fazer uma análise sistemática e exaustiva acerca de cada constituição prorrogada no Brasil. A questão destes subitens é indicar pontos dos textos onde há ou não uma inferência à pessoa com limitações em um contexto social; como não se trata de um estudo

rigoroso de história, por isso alguns pontos vão dar ares de anacrônico (levando em conta que os direitos da pessoa com limitações em um contexto social só começaram a ser debatidos no mundo a partir dos anos setenta do século vinte). Desta forma, será extraído alguns pontos dos textos e debatido questões acerca de conquistas para o PLcS no mundo e no Brasil.

Cada constituição prorrogada no Brasil, demonstrará o nível de sensibilidade, integração, civilização (ou falta dela) em relação ao PLcS, isso é uma forma de olhar pela perceptiva processual de Elias (2006) ao longo do amadurecimento da sociedade brasileira.

2.5 A CONSTITUIÇÃO DE 1824

A seguir será inferido alguns pontos do primeiro texto constitucional, juntamente com alguns exemplos culturais e históricos. Não há a intenção de fazer uma análise sistemática e aprofundada da Carta Magna, ou do contexto da sociedade nessa época.

O texto constitucional de 1824 era apenas o reflexo social do que era o Brasil após a independência: um país de ordem monárquica, centralizado politicamente na figura do 'Rei', cujas atribuições ficam escancaradas com o 'Poder Moderador' que dava 'direitos' ao imperador de intervir no poder judiciário (cujos juízes eram indicados pelo próprio imperador) e legislativo (deputados e senadores selecionados pelo próprio chefe de estado) (BRASIL, 2012).

Quanto aos direitos dos civis, era uma afirmação de 'ser brasileiro' como nacionalidade, e os direitos do voto político, mediante uma 'renda mínima' comprovada, e ser homem livre acima dos 25 anos (BRASIL, 2012). Olhando para os pontos da carta magna referenciados anteriormente, fica claro que não há uma pluralidade de direitos civis, ou autonomia administrativa entre os poderes; o que se observa é uma consolidação dos grupos dominantes no início do século XIX.

Essa conjunção social mostra o nível de integração dos que realmente eram reconhecidos pela constituição nacional, nesse caso, a aristocracia portuguesa e outros membros da sociedade próximos a ela.

Paralelo ao Brasil imperial, há iniciativas autônomas que transformarão a visão

do mundo acerca da pessoa com limitações em um contexto social. Na França, há um acidente em uma oficina que machuca os olhos de uma criança. Louis Braille acaba tendo perda de visão com o passar do tempo; ele ganha uma bolsa de estudos no Instituto Real de Jovens Cegos de Paris, onde aprendeu uma técnica alternativa de comunicação desenvolvida por Charles Barbier ¹².

Essa técnica foi aperfeiçoada por Louis e ficou conhecido como sistema Braille: uma técnica de leitura onde pontos em relevo no papel traduzem palavras para aqueles que não tem a capacidade de enxergar letras convencionais, como o próprio Braille confessou nas laudas do seu diário Apud Birch (1990, p. 56): “*Se os meus olhos não me deixam obter informações sobre homens e eventos, sobre ideias e doutrinas, terei de encontrar uma outra forma.*”

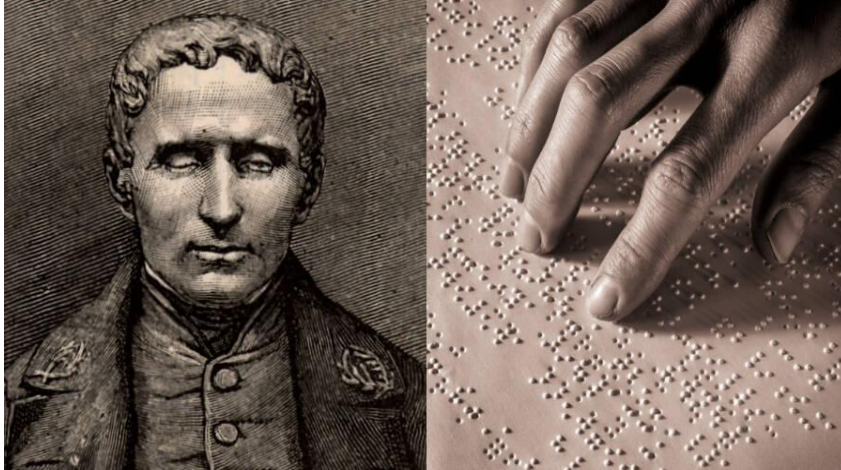
E foi uma invenção revolucionária para a época, pois não houve investimentos de grandes capitais, ou políticas públicas condizentes com essa população específica. Foi a necessidade de um indivíduo que criou uma solução para um problema de vários iguais a ele ao redor do mundo, como argumenta Vygotsky (2022, p. 146): “(..) um ponto do alfabeto Braille fez mais pelos cegos do que milhares de filantropos; a possibilidade de ler e escrever resulta ser mais importante que o 'sexto sentido' e a sutileza do tato e do ouvido”. Vygotsky fala do poder do sistema alternativo de escrita e leitura que Braille desenvolveu e o impacto que teve no mundo.

Outra iniciativa individual foi a inovação na filosofia de comunicação total adotada nos Estados Unidos junto da figura de Thomas Hopkins Gallaudet¹³ que cria um centro universitário destinado à comunidade surda, tendo como ênfases a adoção de sinais e se distinguindo de uma tradição de séculos que pregava o oralismo como forma de ensino. As figuras 6 e 7 mostram tanto Braille quanto Gallaudet:

¹² Charles Barbier (1767-1841), militar que adaptou um sistema de comunicação noturno para uma forma de comunicação para pessoas com limitações visuais.

¹³ Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851): educador americano, se beneficiou da filosofia de comunicação total para adotar esse método de sinais para comunicação.

Figura 5: Louis Braille



fonte: Disponível em: <https://www.freemalaysiatoday.com/category/bahasa/fmt-ohsem/inspirasi/2021/01/09/kisah-louis-braille-lelaki-yang-membantu-orang-buta-melihat/>

DESCRIÇÃO: A imagem está dividida em duas partes. A esquerda, há a foto de Loius Braille. É um homem branco, magro, cabelos curtos. Sobrancelhas grossas, nariz levemente afilado, lábios finos. Está representado dos ombros para cima. A direita uma mão lê uma página de livro em braille. Essa é descrição do lado direito e imagem.

Figura 6: Estátua Universitária



Fonte: Disponível em: <https://gallaudet.edu/museum/history/the-legacy-begins/>

DESCRIÇÃO: Em uma praça, há uma Estátua de bronze, onde há um homem sentado em uma poltrona. Ao lado esquerdo do homem, há um garoto sentado. O homem veste uma camisa. Por cima da camisa, usa um colete. Está de calça comprida. Ele usa um sobretudo por cima da roupa. O menino, veste uma

camisa e uma calça comprida. Eles estão se olhando. O homem olha para baixo na direção do rosto do menino. E o menino olha para cima na direção do rosto do homem.

As figuras 6 e 7 mostram duas pessoas que representaram iniciativas particulares voltadas especialmente para a educação, que por uma conjuntura de fatores tornaram-se políticas públicas de inclusão, sem antes mesmo de se pensar em tal ação social em um contexto ainda rodeado de estigmas em torno da pessoa com limitações em um contexto social.

Voltando ao Brasil com um texto centrado na figura do imperador, não há como as pessoas com limitações em um contexto social aparecerem no Brasil caso não haja um reflexo na monarquia, como no caso do jovem José Álvares de Azevedo que estudou no Instituto Real de Jovens Cegos de Paris e ensinou o sistema braile no Brasil, tendo como *aluna a filha do médico pessoal de Don Pedro II*; ou então pode-se induzir que o roteirista da vida seja um escritor cheio de som e fúria parafraseando Shakespeare, Don Pedro II tinha um neto surdo.

Neste sentido, a questão das pessoas com limitações em um contexto social no Brasil do século XIX ainda estava muito intrínseca aos problemas da família real. Houve a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (atual Benjamim Constant, IBC) em 1854, para atender a demanda das pessoas com limitações visuais em um contexto social; há a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em 1855, uma alusão ao neto do imperador.

Outras monarquias ao redor do mundo ainda decidiam acerca das vidas de pessoas com alguma limitação ou fora do perdão social, como no caso de Joseph Merrick¹⁴ na Inglaterra vitoriana, que passou seus últimos dias de vida no hospital a pedido da rainha Vitória. Essa história é bem ilustrada no filme “Homem Elefante” (1980), onde o enredo do filme mostra Joseph sendo marginalizado, estigmatizado e perseguido por sua peculiaridade física, mas tendo a compaixão da rainha no fim da vida. O filme mostra bem um panorama aonde as pessoas com limitações em um contexto social eram rotuladas, ainda vistas com uma ‘espécie à parte’; isso fica claro no filme na figura do circo de horrores.

O século XIX termina, o tempo passa, as mudanças ocorrem, porém, para as

¹⁴ Joseph Merrick (1862-1890): Viveu com neurofibromatose tipo 1, que lhe impôs limitações físicas no corpo.

peças com limitações em um contexto social há uma noção de indiferença ao tempo, parece que a escuridão da caverna idealizada por Platão (2000) é permanente na historiografia de uma comunidade sempre estigmatizada. Traçando um diálogo com a ideia de *eterno retorno em Nietzsche* (2018), onde uma pessoa com alguma limitação colocado às margens da sociedade romana, ainda continua vivendo de uma certa forma marginal em sociedades com uma noção distinta em relação ao entendimento de civilização, cultura e direitos sociais.

Outro ponto a ser enfatizado é a colocação da interpretação literária de Antônio Candido acerca do romance “Memórias de um sargento de Milícias”, no texto clássico *Dialética da Malandragem* (2002), quando o autor infere que uma parcela significativa da população carioca vivia às margens de uma sociedade que concentrava seu prestígio em uma pequena elite. Assim, o Brasil do século XIX tinha uma massa populacional vivendo em uma situação não tão bem favorecida, incluindo ao nosso ver, as pessoas com limitações em um contexto social.

Agora, é hora de prosseguir no texto constitucional, dando lugar à outra gramática social, juntamente com distintas formas de cultura e civilização.

2.6 A CONSTITUIÇÃO DE 1891

Nas linhas abaixo será contextualizado a segunda constituição do Brasil, incluindo a conjuntura social do início do século XX, com algumas inferências históricas e culturais, onde será apresentado o modelo médico.

O Brasil deixa de ser uma monarquia para dar vez ao regime republicano, cuja ideologia vai ser refletida no texto constitucional: com a separação entre estado e igreja, o fim do poder moderador, a liberdade de culto para todas as religiões, como o voto universal para cidadãos acima dos 21 anos (BRASIL, 2012).

Com a carta magna terminava o século XIX, e iniciava uma nova era, o que para as pessoas com limitações em um contexto social representava um novo modelo de compreensão social: o modelo médico, com forte influência de uma visão científica de uma pessoa com alguma limitação. Há uma interpretação de que era necessário ‘normalizar’ a pessoa o máximo possível, para ela poder acompanhar o ritmo da sociedade.

Também vale frisar que havia uma equipe para analisar se uma pessoa com

limitações em um contexto social era apta para acompanhar determinados padrões sociais, como uma forma de exercer uma vigilância no comportamento de uma pessoa. Nesse contexto de observações, não há como não introduzir as ideias de Michel Foucault (2014), em relação aos comportamentos e as punições em virtude de uma má conduta. Foucault aborda isso em prisões, mas a própria sociedade altamente padronizada em razão de toda a influência fordista de produção, era uma prisão sem paredes para uma pessoa com limitações em um contexto social, onde os vigias mesuravam e apontavam o lugar delas na sociedade.

Era necessária para uma pessoa com limitações motoras, ser tão 'normal' fisicamente como um atleta, para poder frequentar espaços destinados ao cidadão, como escolas, espaços de lazer, ambientes laborais de trabalho, entre outros locais altamente *normatizados*. O modelo médico coloca como objetivo para a pessoa com limitações em um contexto social ser o máximo normal possível, como diz Sasaki (1997, p. 29):

O modelo médico da deficiência tem sido responsável, em parte, pela resistência da sociedade em aceitar a necessidade de mudar suas estruturas e atitudes para incluir em seu seio as pessoas portadoras de deficiência e/ou de outras condições atípicas para que estas possam, aí sim, buscar o seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. É sabido que a sociedade sempre foi, de um modo geral, levada a acreditar que, sendo a deficiência um problema existente exclusivamente na pessoa deficiente, bastaria prover-lhe algum tipo de serviço para solucioná-lo

Sasaki coloca ainda a questão de resistência social em aceitar alguém como ele é, lhe impondo barreiras muitas vezes intransponíveis dependendo da limitação da pessoa, junto ao contexto de inserção social. O gráfico 3 coloca de forma coesa o modelo médico:

Gráfico 3: Modelo médico



Fonte: Harris e Enfield, 2003.

DESCRIÇÃO: na parte superior, está escrito com letras pretas. gráfico 3: modelo médico. abaixo, há um retângulo vazado, contornado de preto. ao centro do retângulo, há um círculo azul onde está escrito com letras brancas em 3 níveis: problema=sinal de igualdade indivíduo deficiente. ao redor do círculo, há várias linhas azuis puxadas para fora, onde está escrito com letras pretas: assistência social não anda, não fala, não vê, não decide. caso médico. cura. cuidados. profissionais de saúde. terapeutas e especialistas. assistentes sociais. hospitais. transportes especiais. escolas especiais. no rodapé está escrito com letras pretas: fonte: Harris e enfield,2003.

O gráfico reforça um estereótipo que se constrói desde a Idade Média em relação a pessoa com limitações em um contexto social, há um anseio social em rotular, apontar o dedo, falar pelas costas de pessoas que não seguem uma padronização comportamental, existe a necessidade de seguir os hábitos sociais vigentes, como esclarece Goffman (1981, p. 5):

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem nelas encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular.

Com o início do período republicano e com sensíveis avanços jurídicos, como a garantia do ensino primário obrigatório, fica subjetivo se as pessoas com limitações em um contexto social poderiam frequentar escolas, levando em conta que elas

tinham que se adequar ao sistema educacional. Muito provável que havia ainda uma segregação espacial para centros especializados como o Instituto Benjamin Constant ou o Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Outro ponto a ser refletido na constituição de 1891 é a suspensão dos direitos políticos ‘por incapacidade física ou moral’ (BRASIL, 2012), dando a entender que alguém com algum problema físico talvez estivesse inelegível para qualquer cargo representativo na república, recém-criada.

Algumas instituições de amparo como a Sociedade Pestalozzi aparecem em 1932, trazendo à tona um espaço específico para a educação da pessoa com limitações em um contexto social, escancarando a ausência de políticas públicas voltadas para a inclusão.

Paralelo ao contexto brasileiro, está a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com saldo de milhares de mortos, e com a volta de centenas de jovens ‘desconfigurados’ por bombas, balas e uma ideologia nacionalista cega. Isso fica claro ao olharmos para a sétima arte que produziu o filme “Sem novidades no Front” (1930): onde mostra diversos soldados em estado grave em enfermarias, já sem pernas ou braços. O filme toca ainda em assuntos sensíveis sobre como será a vida destes soldados ao retornar para suas casas.

Essa juventude volta para casa, e é responsabilidade deles se adequar aos empregos que são oferecidos, ao sistema educacional vigilante entre outras formas de padronização social, cristalizadas na compressão médica da pessoa com limitações em um contexto social.

É hora de avançar na máquina do tempo e olhar as três constituições que o Brasil fez em um período curto, juntamente com toda a influência da Segunda Guerra Mundial, atingindo diretamente o PLcS.

2.7 AS CONSTITUIÇÕES DE 1934, 1937, 1946, SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O PARADIGMA DE INTEGRAÇÃO

Será abordado as três constituições que seguem no Brasil, com a companhia da Segunda Guerra Mundial, e todo o impacto que há para o PLcS.

Houve uma ebulição social! Não há como iniciar este subitem sem esclarecer

bem o momento que passava a sociedade brasileira com a decadência do modelo econômico baseado na exportação do café e do leite, a ascensão de uma figura icônica na política nacional que foi Getúlio Vargas, junto com a mudança de dinâmica social da migração da zona rural para o espaço urbano.

Com esses e outros fatores, o Brasil em um espaço de tempo de 13 anos tem três constituições distintas, reflexo direto da instabilidade que passava o país naquele momento, com isso, os textos condizem com as mudanças sociais não apenas internas como externas.

Na Constituição de 1934 há aspectos de extrema relevância para um país que almeja equidade social com a implementação do voto feminino, eleições diretas, estabelecimento do ensino primário e gratuito, como também há escrito 'todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, *por motivo de nascimento*, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crença religiosa, ou ideias políticas' (BRASIL, 2012).

Fica subentendido acerca de motivos de nascimento que por meio das peculiaridades físicas ou mentais de uma pessoa, ela é igual perante a lei, como todos os demais indivíduos. Assim, as pessoas com limitações em um contexto social têm *pela primeira vez uma menção na constituição nacional*, mesmo que tal citação esteja embasada em uma interpretação aberta ao que diz respeito *por motivo de nascimento*.

Paralelo ao que ocorria no Brasil, há expectativa criada no modelo médico de compreensão da pessoa com limitações em um contexto social, que é o paradigma da integração, onde já se tinha discutido anteriormente acerca de que uma pessoa possa fazer o possível para que ela atinja certos padrões sociais; sendo assim, esse paradigma prega que as pessoas com limitações em um contexto social possam ser alocadas em instituições educacionais, trabalhistas entre outros espaços, como infere Freire (2017, p. 37):

(...) O processo de integração ocorre basicamente de três modos. O primeiro modo é pela inserção dos deficientes que conseguirem, por méritos próprios, utilizar os espaços físicos e sociais, sem nenhuma modificação por parte da sociedade. O segundo consiste na inserção daqueles que necessitem de alguma adaptação específica no espaço físico ou no procedimento de atividade, para só então poderem estudar, trabalhar e conviver com pessoas não deficientes. Já o terceiro se dá pela inserção de deficientes em ambientes separados dentro dos sistemas gerais, como por exemplo, classe especial em uma escola regular e um setor separado dentro da empresa.

Como fica nítido no pensamento de Freire, há ainda uma segregação em torno da pessoa com limitações em um contexto social, mas ao meu ver, pela primeira vez no mundo, como no Brasil, há uma mentalidade que as pessoas com limitações em um contexto social devem ser incorporadas à sociedade. Traçando uma visão de hoje no contexto social da época, é perceptível que muitas pessoas com limitações físicas, sensoriais, ou mentais seriam excluídas dessa dita 'integração', no entanto, paulatinamente a sociedade vai entendendo que as pessoas com limitações em um contexto social devem ter alguma forma de participação social.

Vargas institui o Estado Novo¹⁵, os direitos sociais se desmancharam no ar, há uma explícita ditadura afirmada pela constituição de 1937. Com o fim da justiça eleitoral, Vargas cria a figura dos interventores governamentais, promove a extinção dos partidos políticos, institui a pena de morte para as pessoas acusadas de cometerem crimes políticos, bem como o término do poder legislativo (BRASIL, 2012).

Esse momento em que passava o Brasil, era reflexo direto de outras partes do mundo com a ascensão do nazismo na Alemanha (regime autoritário), o fascismo na Itália (idem). Era uma maneira de colocar à prova os direitos do cidadão, elaborados na França.

Para uma interpretação 'aberta' acerca dos direitos da pessoa com limitações em um contexto social, é necessária considerar instituição familiar, onde a constituição diz: 'O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação, e cria ao Estado o dever de provê-las do conforto e dos cuidados indispensáveis à preservação física e moral' (BRASIL, 2012).

Essa parte diz ao meu entender que as famílias não podem abandonar seus filhos, independente do estado físico ou mental dele; claro, é uma interpretação passiva de críticas, mas foi o que foi possível retirar de um texto constitucional tão centralizado na figura do presidente.

A Segunda Guerra Mundial deixou um saldo de horror para a memória coletiva. Os direitos individuais são sumariamente impugnados em território alemão, há um número elevado de mortos, além de milhares de pessoas que retornam para casa sem braços, sem pernas, cegos, surdos e mentalmente perturbados pelos horrores da guerra. A figura 7 ilustra esse momento:

¹⁵ Estado Novo: período político do Brasil marcado pela centralização na figura de Getúlio Vargas.

Figura 7: Guerra



Fonte: Disponível em: <https://zheit.com.br/post/proteses-para-os-soldados>

Descrição: Quando os milhares de soldados da primeira guerra mundial voltaram para as suas casas com graves deficiências físicas, os médicos tiveram que descobrir meios de como esses ex soldados poderiam voltar para a sua vida e para o mercado de trabalho. Descrição da foto: Foto em branco e preto. Na foto, há 8 soldados. Eles estão em pé enfileirados de perfil. Todos estão com as pernas mutiladas estão usando prótese. Alguns também usam moletas.

Esse cenário de soldados de volta para casa é bem desenhado no filme intitulado, “Os melhores anos de nossas vidas” (1946); onde um soldado tem suas mãos amputadas e substituídas por ganchos. Fica claro ao longo do filme que ele se sente isolado, e incomodado com a sua condição física, que sente vergonha dele mesmo, com medo de se relacionar com outras pessoas. Ele, é a figura de mais um soldado que volta para casa; mas ao mesmo tempo ele e outros com essa mesma situação social, ‘isso sempre acontece nas guerras’ como diz Hemingway (2014). A figura 8 mostra a situação do personagem desse filme:

Figura 8: Cena do filme



Fonte: Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/05/17/cinema-e-streaming/entenda-como-um-ator-levou-dois-oscars-por-unica-atuacao/>

DESCRIÇÃO: A foto é em branco e preto. A esquerda, há uma mulher de cabelos pretos. Ela veste blusa de mangas curtas e saia. A direita da mulher, há um homem de cabelos pretos, veste camiseta branca, calça do pijama com listras. O homem usa prótese nos dois braços do cotovelo pra baixo.

Traçando um diálogo com a literatura há o clássico livro do romancista Dalton Trumbo, “Johnny vai à guerra” (2017), onde um corpo sem os braços e sem as pernas é encontrado no campo de batalha e se descobre que esse ser ainda está vivo, e há uma profunda reflexão do personagem acerca da necessidade dele estar naquela situação em virtude de algo que nem ele entendia ao certo.

Tanto o romance quanto o filme colocam a questão do voltar para casa, em um estado de limitações sociais, onde as vidas também foram alteradas bruscamente; a sociedade naquele período exigia um padrão social. O amargo regresso não é fácil já com um corpo que exige certas especificidades.

Porém, todo esse contexto de horror social, cicatrizes profundas trouxe à tona outra declaração do ser humano. Instituída em 1948 (2009), traz como princípios no artigo 1: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”; no artigo 2: “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”.

Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania' (2009).

Esse conjunto de leis universais focaliza um processo civilizador de controle, como aborda Elias (1990), para que as atrocidades que ocorreram na segunda guerra não se repitam. Morin (2011) argumenta em identidade terrena, esse conjunto de leis podem ser interpretados como uma forma de identidade terrena, onde todos devem ter o mínimo de dignidade, independe do país onde esteja, sendo estrangeiro ou não. Com esse arcabouço jurídico universal a 'era dos direitos' como Bobbio (2004) interpreta o atual contexto da contemporaneidade é constituído, frisando a dignidade humana em qualquer parte do mundo.

No Brasil, o presidente Getúlio Vargas deixa o poder, é elaborado outro texto constitucional em 1946, reforçando os direitos conquistados há uma década, com inferência (2012): "Todos são iguais perante a lei". O Brasil passa por transformações sociais profundas com as cidades se enchendo de um contingente populacional, as indústrias nacionais são reforçadas pelo governo Vargas, trazendo uma industrialização para certas cidades, juntamente com o governo Kubitschek vem a abertura nacional para as empresas estrangeiras.

Há uma crise de poliomielite no Brasil, ocasionando mais e mais pessoas com limitações físicas, reflexo social direto de uma política pública ausente em relação à saúde; nasce a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), reverberando diretamente o modelo médico de compreender uma pessoa com limitações em um contexto social. A nível nacional surge o Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos, fundado em 1954, junto com a Associação de Surdos de São Paulo (ASSP), embriões de associações que lutavam por direitos sociais anos depois.

As pessoas com limitações em um contexto social têm que se habituar a trabalhar nessas organizações, muitas delas (indústrias) geram mais e mais pessoas com perda de dedos, mãos, inválidos. O Estado de Bem-estar Social norte-americano promove políticas públicas de integração social dos soldados que voltam da guerra com algum tipo de limitação social, os encaixando em postos de trabalho adaptados a suas especificidades humanas.

A primeira metade do século XX, mostrou um outro nível de sensibilidade, de integração, de civilização, não só do Brasil, mas do mundo em relação ao PLCS,

paulatinamente as dinâmicas sociais vão ter um ar mais “inclusivo”, os indivíduos, as instituições sociais vão amadurecendo

No outro subitem será apresentado uma nova constituição nacional, agora marcada pela ideologia ditada pela caça aos direitos civis, como uma nova forma de compreensão social em cima do PLcS.

2.8 A CONSTITUIÇÃO DE 1967, LUTA POR RECONHECIMENTO, MODELO SOCIAL

O Brasil da segunda metade do século XX será tratado junto com suas contradições sociais em relação aos PLcS, e toda uma nova gramática acerca de cultura, e busca por reconhecimento social.

No Brasil dos anos sessenta do século passado, havia toda uma interferência estrangeira, sintetizada no imperialismo norte-americano. Os militares assumem o poder, instituindo uma nova carta magna com uma centralização do poder executivo, bipartidíssimo, eleições indiretas, pena de morte para atentado contra a ‘segurança pública’ (2012); logo em seguida veio o AI-5, com fechamento do congresso, censura prévia dos meios de comunicação, fim dos direitos civis e políticos dos cidadãos que cometiam crimes contra a segurança nacional.

Como fica explicitado há um retrocesso social em relação ao reconhecimento dos direitos civis e políticos. No texto constitucional de 1967 ainda constava a seguinte afirmação contraditória: Todos são iguais perante a lei, sem distinção, de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. O preconceito de raça será punido pela lei (BRASIL, 2012).

Claro, não havia respeito pelos direitos individuais, não havia igualdade perante a lei, uma própria revisão no texto constitucional de 1967 revela uma constituição totalmente institucionalizada pelo regime militar, para favorecer diretamente a classe bélica do país.

Todavia, fora do Brasil há uma movimentação por reconhecimento social, dessa vez não por pessoas que querem opinar sobre um grupo ou um problema social, mas por indivíduos com limitações em um contexto social, que sentem na pele o estigma, as dificuldades, as barreiras arquitetônicas e atitudinais, eles tiveram a coragem de pensar a *pessoa com limitações em um contexto social na sociedade*.

É traçado uma análise sociológica da pessoa com limitações em um contexto social, em uma perspectiva do materialismo histórico, com a iniciativa da *Union of The Physically Impaired Against Segregation* (UPIAS), uma organização formada por pessoas com limitações em um contexto social, que nas palavras de Lara (2013, p. 14):

Na Inglaterra este modelo surgiu na década de 1970, com Mike Olivier, a partir das críticas manifestadas pelo sociólogo Paul Hunt, em uma correspondência endereçada ao Jornal The Guardian. Nessa carta, Hunt criticava a negligência com que o Estado tratava as questões relacionadas aos deficientes, convidava interessados e propunha a criação de um grupo de deficientes com o objetivo de levar ao parlamento as ideias das pessoas que viviam segregadas em razão de sua condição. Em 1972, em decorrência dessa iniciativa de Hunt, foi constituído um grupo intitulado Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação - The Union of the Physically Impaired Against Segregation (UPIAS) que teve papel fundamental para expor a deficiência como uma relação de opressão, uma relação de poder e controle.

O modelo social nasce dessa convergência de pessoas que tem um senso crítico da realidade, não apenas do presente, mas de todo um histórico social de exclusão e negligência de políticas públicas; diferentemente do modelo médico que entendia a pessoa com limitações em um contexto social sob uma ótica biológica; o modelo social interpretava uma estrutura social de exclusão, onde a pessoa com limitações em um contexto social era segregado por não atender uma tipologia ideal que atende uma demanda diretamente econômica. O gráfico 4 ilustra melhor esse modelo:

Gráfico 4: Modelo social



Fonte: Harris e Enfield, 2003.

Descrição: gráfico 4: modelo social. abaixo, há um quadrado vazado. na parte superior, está escrito com letras pretas: modelo social ".ao centro, há um círculo azul, onde está escrito com letras brancas em 3 níveis: problema = sinal de igualdade, sociedade exclusiva. neste círculo, há várias linhas puxadas para fora. em cada linha está escrito um item, ao redor do círculo: passividade dependência. preconceito discriminação. isolamento segregação. sem direitos. transporte inacessível. prédios inacessíveis:(escolas, escritórios, hospitais). serviços inadequados (saúde, sociais, etc.) educação inadequada desemprego. Pobreza e dependência econômica. no rodapé está escrito com letras pretas: fonte: harris e enfield,2003.

Este gráfico demonstra que não há um problema na 'pessoa', mas na estrutura de sociedade com classes sociais, acesso aos bens públicos, desigualdade social, má distribuição de renda entre outras formas de interação social, que são mal alinhadas aos grupos economicamente desfavorecidos.

Paralelo a Inglaterra, o Brasil vivia os 'anos de chumbo', onde se fortalecem as associações de pessoas com limitações em um contexto social, reivindicando direitos participativos de equidade social junto a um governo com ares autoritários; todavia, com o desenrolar da década e a 'abertura lenta e gradual da democracia', as pessoas com limitações em um contexto social no Brasil organizam associações para cobrar direitos sociais.

Não era um movimento isolado, ocorreu em distintas partes do mundo, como Estados Unidos e Inglaterra. Assim, podemos considerar que essa é a *luta do reconhecimento dos estigmatizados*, sejam eles: negros, mulheres, ou pessoas com

limitações em um contexto social; todos lutavam por reconhecimento social no mundo nesse contexto do século XX (ano 1960 a 1970).

O ser humano é um animal político, e a pessoa com limitações em um contexto social não deixa de ser um ser humano, ele vai atrás de reconhecimento social por meio da participação social, as luzes na caverna se infiltram, e há uma curiosidade de saber o que há fora da caverna.

Em 1979 é criada a Coalizão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, uma entidade a nível nacional que reunia distintas tipologias de pessoas com deficiência, de diferentes regiões do país. Como fala Crespo acerca dessa organização (2009, p.125) “O objetivo comum a todos os grupos era sair da invisibilidade e conquistar a própria cidadania, lutar para que os deficientes deixassem de ser considerados e tratados como cidadãos de segunda classe.”

O ano de 1981 é marcante para o mundo, sendo este o ‘ano internacional das pessoas com deficiência’¹⁶, onde as pautas por reconhecimento social são discutidas abertamente em um momento histórico para o Brasil onde cada vez mais a população quer reconhecimento social, sendo icônico o movimento das ‘diretas já’. A figura 10 retrata o momento de encontro do ano de 1981:

Figura 9: Encontro



Fonte: Crespo, 2009.

DESCRIÇÃO: O ano de 1981, foi proclamado, o ano internacional das pessoas com deficiência, pelas Nações unidas. Teve como objetivo, chamar as atenções para a criação de leis e movimentos na tentativa de dar ênfase à igualdade de oportunidades para as pessoas com necessidades especiais. Descrição da foto: Na foto, há uma mesa grande, onde há 9 pessoas. Algumas com

¹⁶ O ano de 1981 foi considerado o ano da pessoa com deficiência pela ONU.

deficiência física, outras com deficiência visual. Ao fundo, na parte superior da parede, há uma faixa onde está escrito com letras pretas e vermelhas: " 1981, ANO INTERNACIONAL DAS PESSOAS DEFICIENTES, PARTICIPAÇÃO PLENA ".

A figura 10 ilustra um momento não apenas no Brasil, mas no mundo, com diferentes lugares enfatizando a pauta da pessoa com limitações em um contexto social, como necessária para se discutir e se criar políticas públicas de reconhecimento social.

O processo social de Elias (2006) para esse momento é fundamentado em integração, civilização, sensibilidade para o PLcS. Isso mostra o grau de amadurecimento da sociedade, para debater conceitos (inclusão social), criar leis, etc.

Em 1986 o governo brasileiro cria a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), que articula diretamente na participação dos direitos sociais em uma nova etapa do Brasil, que é marcado por uma nova Constituição e toda uma distinta conjuntura social.

2.9 A CONSTITUIÇÃO CIDADÃ, O ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A CIDADE DE MANAUS

A seguir será enfatizada a constituição em vigência, com as mudanças econômicas e culturais, com exemplificações de modelo de compressão social acerca dos PLcS.

A constituição de 1988 nasce de uma junção de anseios da sociedade civil, juntamente com um desgaste da gestão militar, e atuação cada vez mais presente em figuras políticas que cobravam uma nova carta magna que representasse não apenas mais nicho específico da sociedade, mas toda uma luta por 'representações sociais'.

Logo em seu icônico título 2, capítulo 1, artigo 5 (BRASIL, 2016), há uma parte destinada aos *direitos e deveres individuais e coletivos*, onde há uma pluralidade de distintas formas de equidades sociais, no entanto a análise ficará restrita as pessoas que apresentem alguma forma de limitação inserido no contexto social.

Como sendo reservados cargos públicos para pessoas com deficiência¹⁷, juntamente na assistência social para habilitação e reabilitação, garantia de 01 (um) salário-mínimo para pessoas que comprovem meio de não se prover autonomamente, atendimento especializado e obrigatório em escolas públicas (BRASIL, 2016); juntamente com ementas constitucionais que colocam em debate direitos de pessoas com alguma limitação em contextos sociais.

Essa constituição ficou conhecida como *cidadã* por dar direitos aos membros da sociedade antes pouco reconhecidos juridicamente. É um texto que dialoga bem com o a contemporaneidade, levando em conta o que disse Bobbio (2004) ao falar que nos tempos atuais via um sinal positivo em cenário de catástrofes ambientais, nucleares e demográficas, *havia o problema do reconhecimento dos direitos do homem*.

Outro importante traço de luta por reconhecimento diz respeito à teoria de Honneth (2003), ao embasar acerca do amor, solidariedade e direito. Ao longo do capítulo ficou nítido que cada reconhecimento citado pelo autor foi paulatinamente conquistado; o amor que vem da família, que muitas vezes era o único local de aceitação para uma pessoa com limitações em contextos sociais; a solidariedade, que muitas vezes partia de iniciativas particulares, ou a junção de indivíduos que tinham um problema em comum; e por fim os direitos sociais, que foi a mais difícil forma de reconhecimento social, bem cristalizado na Constituição de 1988.

O Eterno Retorno em Nietzsche (2008) não é mais uma vida marcada por estigmas sociais, mas por uma gama de direitos conquistados a ferro, fogo e sangue que coloca a pessoa com limitações em um contexto social no mercado de trabalho, nas universidades e no debate político.

Os homens da 'caverna de Platão' (2000) saíram e descobriram um mundo cheio de luzes e ideias que era privado a eles naquela imaginária caverna da escuridão; o reconhecimento social (jurídico, solidário, afetivo) trouxe para fora das atuais cavernas os homens, e eles viram que o mundo das luzes e ideias era bom.

O mercado privado absorve por meio das cotas, um porcentual de pessoas com limitações em um contexto social, eles aderem ao ensino superior, com isso há mais trabalhos e pesquisas dentro da academia sobre a inserção educacional e laboral de

¹⁷ Reserva de cargos em concursos públicos.

peças com limitações em um contexto social.

A rede de interdependência funcional fica mais ampla como infere Elias (1998), há mais PLCS nas ruas, eles saem de casa para estudar, trabalhar, namorar, jogar conversa fora. O Estado reconhece a importância desse grupo ser inserido na sociedade.

Outra importante ferramenta de reconhecimento jurídico diz respeito ao estatuto da pessoa com deficiência, como ficou conhecida a Lei Federal número 13.146/2015, que em síntese fala que a sociedade deve se adaptar às pessoas com limitações em um contexto social, e não o contrário. Essa lei é de suma importância, pois ela abrange todos os setores da sociedade, não é mais uma lei que diz respeito somente a um ramo da sociedade (emprego e educação na maioria das vezes), mas todas as dinâmicas e gramáticas sociais vigentes na medida do possível (lazer, educação, aposentadoria, transporte público).

Como fica claro, ao fim dos anos de 1980 para o atual momento, há uma abrangência de reconhecimento social em relação às pessoas com limitações em um contexto social, isso reflete diretamente os impactos da luta por reconhecimento de gerações que viveram e reivindicam direitos iguais.

Há uma nova forma de compreensão social (modelo de direitos), é a vez do modelo social baseado em direitos, que dá ênfase para reconhecimento jurídico na igualdade de oportunidades, não há um modelo ideal, no entanto, este coloca os anseios de uma geração anterior que fora estigmatizada por diversas formas de compressão social. O gráfico 5 demonstra esse modelo:

Gráfico 5: Modelo de Direitos



Fonte: Harris e Enfield, 2003.

DESCRIÇÃO: gráfico 5: modelo de direitos. abaixo está escrito modelo de direito. mais abaixo está escrito o título: modelo de direito. abaixo do título, há um retângulo vazado contornado de preto. ao centro do retângulo, há um círculo azul. dentro do círculo está escrito com letras brancas em 4 níveis: problema =, sinal de igualdade, sociedade causadora de deficiências. ao redor do círculo, há várias linhas azuis puxadas para fora, onde está escrito com letras pretas: direitos humanos básicos negados. acesso limitado a serviços de saúde adequados. acesso limitado à educação. acesso limitado às oportunidades de emprego. falta de oportunidade de autodeterminação. participação limitada na tomada de decisões. exclusão das atividades sociais. leis discriminatórias. no rodapé está escrito com letras pretas: fonte :harris e enfield ,2003.

O gráfico acima deixa bastante claro que o problema não é a pessoa, mas a sociedade que estruturalmente é desigual, sendo a pessoa com limitações em um contexto social fruto direto dessa desigualdade de acesso à educação, saúde, lazer entre outras formas de acesso social.

Como foi expresso, foram várias formas de acesso segregadas historicamente, no entanto investigar todas seria um trabalho exaustivo que requer tempo, assim fica limitado o direito ao lazer, especialmente ele comprimido ao espaço geográfico da cidade de Manaus.

No entanto, fica a dúvida sobre como era esse direito para gerações anteriores a atual, levando em conta o fenômeno social da instalação da Zona Franca de Manaus nos anos de 1960. Como era o direito ao lazer as pessoas com limitações visuais em um contexto social da época? É uma pergunta que deve ser investigada para saber acerca dos dias atuais, e entender se esses direitos referenciados acima, realmente

surtem efeitos do ontem para o hoje.

Para concluir, este capítulo se dedicou ao estado da arte das pessoas com limitações em um contexto social.

No próximo capítulo, será tratado sobre as limitações visuais referentes a Manaus da segunda metade do século XX, trazendo memórias de pessoas com limitações visuais que interagiam com a cidade naquela época.

CAPÍTULO II

3.1 SOBRE O QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE LAZER

Alguns conceitos de lazer serão tratados a seguir, junto com suas metamorfoses conforme os autores de distintas épocas. Neste sentido, problematizado o lazer na sociedade brasileira (partindo do pressuposto que é um direito constitucional), como a participação de *todos* os membros da sociedade nesse direito.

O lazer surge na revolução industrial, onde há uma clara mensuração do tempo do indivíduo, com ele, cada vez mais presente em fábricas, lojas e afins, esta forma de dinâmica social do trabalho é imposta não apenas ao proletariado, mas também aos burgueses.

Com o fim do expediente, há um tempo livre para as pessoas usufruírem em benefício próprio, todavia é necessário colocar a questão do tempo livre em análise. Nem todo o tempo livre é lazer, e isso fica bem esclarecido no pensamento de Elias e Dunning (1992), ao propor o espectro do tempo livre, em que há uma clara divisão em diferentes atividades fora do trabalho, como fica evidente no gráfico a seguir:

Gráfico 6: O tempo



Fonte: Maurício, 2017. p. 103

descrição: há seis bolas de desitintas cores que representam um gráfico intitulado tempo. em cada bola há uma determinada atividade

Como fica translúcido no gráfico, há uma diversidade de fatores que giram em torno do tempo livre, como a sociabilidade que se refere aos indivíduos que interagem de forma intencional ou não com outra pessoa. Pavimentos das necessidades biológicas, algo que é imprescindível ao corpo humano; o repouso, que diz respeito recarga das energias para o dia seguinte; o trabalho privado e a administração familiar, que expõe as atividades domésticas e outra função remunerada.

Desta maneira, são consideradas como lazer as atividades miméticas ou de jogos, como ir ao cinema para ver um filme, assistir uma partida de futebol, correr, nadar, namorar, focar entre outras funções que estimulem não apenas o repouso ou o tempo fora da empresa, mas traga uma sensação nova para o ser. O próprio Elias e Dunning (1992) conceituam o lazer como um 'descontrole' controlado das emoções, onde cada um de forma livre e espontânea escolhe vivenciar sua forma de lazer.

Elias e Dunning (1992) colocam o lazer na busca do indivíduo por outras emoções, que estão além daquelas que se encontram no trabalho ou em casa. O lazer provoca *sensações* que fogem a uma rotina muitas vezes pré-estabelecida por uma gramática social vigente.

O conceito de lazer de Elias e Dunning (1992) converge (mas não são parecidos) ao pensamento de Morin (2002) acerca da poesia da vida, onde as pessoas experimentam um estilo de vida mais pautado nas sensações, no querer fazer, na espontaneidade da ação, enquanto a prosa da vida na perspectiva de Morin (2002), está nas obrigações para poder sobreviver, ou seja, os encargos domésticos, de remuneração, de descanso, etc.

Na perspectiva das ciências humanas, há de se levar em conta que o lazer não fica monopolizado por apenas uma linha de pensamento, mas há outros autores considerados clássicos que estudam e contribuem para focar o lazer na literatura acadêmica. Joffre Dumazedier (2008) tem uma conceituação que coloca o lazer como uma ferramenta de aprendizagem, nas palavras dele (2008, p. 34):

Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar das obrigações profissionais, familiares ou sociais.

Dumazedier coloca a formação desinteressada na esfera do lazer, isso pode estar vinculado ao impacto da ação do indivíduo, como ir ao cinema, museu, a um show de rock, uma atividade desportiva, dentre outras. Todos esses atos têm um caráter de construção e reconstrução da individualidade.

Nelson Carvalho Marcellino (2021) coloca o lazer intrínseco à cultura, pautando a questão do tempo livre. Claro, cultura é um conceito muito amplo que gera um debate acalorado sobre se há ou não lazer dentro da cultura, mas Marcellino coloca dessa forma a conceituação de lazer (1999, p. 38):

(...) como a cultura -compreendida no seu sentido mais amplo- vivenciada (praticada ou fruída), no "tempo disponível". É fundamental no traço definidor, o caráter "desinteressado" dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A "disponibilidade de tempo" significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Marcellino dá a devida importância à cultura vivida e a recompensa da situação, buscando no lazer novas atividades, que tragam situações equivalentes de descontrolo controlado das emoções, como pondera Elias e Dunning (1992).

Pinto (2009, p.36) coloca "na perspectiva de acessibilidade lazer é tempo, espaço, oportunidade de liberdade de escolha com vista a vivência diversificada de práticas culturais". Pinto pondera acerca de um espaço para liberdade de escolha, espaço e lazer se complementam ao induzir equipamentos específicos e não específicos de lazer. Marcellino advoga (2021, p. 55):

Estou falando de espaços especialmente concebidos para a prática das várias atividades de lazer. São os chamados equipamentos específicos. A grande maioria das nossas cidades não conta com um número suficiente desses equipamentos para o atendimento da população. E o que é pior: muitos deles, mantidos pela iniciativa privada, como teatros e cinemas, estão fechando e dando lugar a empreendimento mais lucrativos.

Marcellino coloca equipamentos específicos como o lugar do lazer, para suas práticas, vivências, convergências e divergências sociais. É importante ter isso em mente, pois adiante, vamos usar cinemas, teatro, museus, e espaço físico-desportivo; sendo uma mistura de locais mantidos pelo Estado e por iniciativas privadas; podemos considerar que esses equipamentos de lazer podem ser espaços miméticos onde há uma socialização ou não do lazer para pessoas, o que importa é que esses espaços miméticos/equipamentos de lazer serão explorados mais adiante.

Há outros autores que colocam o lazer em distintos conceitos, todavia não é pertinente agora traçar um estado da arte acerca do lazer, mas levar em conta que ele sofreu, sofre e sofrerá metamorfoses conceituais com o tempo. Sendo ele, um conceito que é totalmente passivo de transformações, como coloca Guattari (1992, p. 32):

O conceito é uma incorporação, embora se encarne ou se efetue nos corpos. Mas, justamente, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua. Não tem coordenadas espaço-temporais, mas apenas ordenadas intensivas. Não tem energia, mas somente intensidades, é energético (a energia não é a intensidade, mas a maneira como está se desenrola e se anula num estado de coisas extensivo). O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. É um Acontecimento puro, uma hecceidade, uma entidade: o acontecimento de outrem, ou o acontecimento do rosto (quando o rosto por sua vez é tomado como conceito). Ou o pássaro como acontecimento. O conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevoo absoluto, à velocidade infinita. Os conceitos são "superfícies ou volumes absolutos", formas que não têm outro objeto senão a inseparabilidade de variações distintas (2). O "sobrevoo" é o estado do conceito ou sua infinitude própria, embora sejam os infinitos maiores ou menores segundo a cifra dos componentes, dos limites e das pontes. O conceito é bem ato de pensamento neste sentido, o pensamento operando em velocidade infinita (embora maior ou menor).

Portanto, o processo conceitual do lazer é um fato consumado, que desde o século XIX para cá tem uma dinâmica social, seja ela como um discurso de direitos (diluir a hora de trabalho para ter mais tempo de lazer); como fetiche da mercadoria (oferecer entretenimento pago) ou cristalizando em políticas públicas (equipamentos de lazer na cidade).

Essas junções de fatores históricos, políticos e sociais propiciam que o lazer paulatinamente se enraíze nas discussões e nortes sociais, exemplos disso são as legislações e políticas públicas ofertando o lazer. No Brasil com a constituição de 1988, (BRASIL, 2016) há um espaço específico para ele, fixado em seu Artigo Sexto que coloca distintas formas de direitos, incluindo o lazer.

O artigo anteriormente referenciado é emblemático não apenas no aspecto de um, mas em vários direitos. Ele está muito além do arcabouço jurídico, pois é diretamente relacionado para os que vivem nos grandes espaços urbanos ao direito à cidade, como está explícito no texto constitucional: Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2016).

Claro, estamos falando de lazer, e não de cidade, muito menos de leis constitucionais, mas para nós, esses três eixos: lazer, cidade, constituição, estão intrínsecos e interdependentes, uma vez que um não funciona sem o outro. Talvez se possa encontrar sim resquícios de lazer em cantos e atividades isoladas como na televisão, rádio, livro, casa como já apontado por Marcellino (2021), e Dumazedier (2008).

Mas em um sentido onde as dinâmicas sociais são mais complexas e interdependentes como em centros urbanos, o lazer está diretamente ligado às políticas públicas, seja para espaços públicos ou privados (incentivos fiscais, locação de espaços).

Marcellino (1983) ressalta que 'democratizar o espaço é democratizar o lazer', assim, o espaço urbano tem no lazer uma, entre outras formas de direito à cidade, como fala Lefebvre (2016).

Na ótica de Lefebvre (2016), o direito à cidade é uma junção de direitos, que propiciam a apropriação da cidade, que está diretamente ligado ao Artigo 6º da constituição; e esta menção constitucional dá o subentendimento de um direito de todos para todos, incluindo às pessoas com limitações visuais.

E em Manaus? Como são os equipamentos de lazer na cidade? Será que há lugares apropriados para receber uma pessoa com limitações, focado para os que têm uma acuidade visual diluída? Antes de focar no presente é preciso olharmos um pouco para o passado, e investigar acerca dos equipamentos de lazer na cidade de Manaus e averiguar se esses locais eram frequentados pelas pessoas com limitações visuais em um contexto social; não voltar para períodos distantes como a Belle Époque¹⁸, mas em um período de transformações urbanas que eclodem no hoje, desde a instalação da Zona Franca de Manaus.

Agora é hora de voltarmos ao passado dos anos de 1960, 1970, 1980, 1990, e olhar para os equipamentos de lazer nesse contexto, e trazer memórias de pessoas com limitações visuais que viveram esse período, além de mostrar o que era lazer para elas na Manaus da segunda metade do século XX e, por fim, explicitar alguns locais de lazer em Manaus após a chegada da ZFM.

¹⁸ Associado ao Boom econômico da borracha (1870-1910).

3.2 A CIDADE QUE QUIS SER LIVERPOOL

*Porto de lenha tu nunca serás Liverpool
com uma cara sardenta e olhos azuis
Zeca Torres*

A seguir será feito um breve histórico da chegada da Zona Franca de Manaus, pontuando alguns exemplos que impactam na vida do cidadão, como elencando algumas transformações urbanas. O objetivo não é fazer um trabalho historiográfico acerca dos anos que antecedem a Zona Franca de Manaus, mas uma breve contextualização.

A ZFM surge em 1967¹⁹, e com ela Manaus passa de uma cidade considerada em crise (em uma perspectiva econômica, levando em consideração o hiato desde o boom econômico da borracha no início do século), como apontado por Oliveira (2003); para uma cidade com tons que lembravam as grandes metrópoles inglesas, com um fluxo de interioranos com quase nenhum grau de escolaridade, com bairros sem preparo algum para o êxodo rural e políticas públicas habitacionais não condizentes para receber o quantitativo de pessoas que chegavam.

A dilatação da capital amazonense é expressa em novos bairros como a Cidade Nova²⁰ em 1981; a multiplicação do transporte privado (carro, moto); como a escolha de usar o asfalto no lugar dos igarapés, para uma maior dinâmica de circulação espacial; outro símbolo de uma suposta modernização da capital amazonense foi a extinção da cidade flutuante²¹. A ilustração abaixo mostra o crescimento da Cidade Nova:

¹⁹ Com um projeto do governo militar de habitar a Amazônia.

²⁰ O Bairro Cidade Nova era para ser uma nova cidade, todavia se tornou um bairro.

²¹ Conjunto de casas sobre as águas, como se fossem bairros.

Figura 10: Cidade Nova



Fonte:

Disponível

em:

<https://manausontemhojeseempre.blogspot.com/2014/11/cidade-nova.html>

DESCRIÇÃO: A partir da década de 1970, a fim de reorganizar a cidade de Manaus, José Lindoso, decidiu prover moradia à população de baixa renda, criando o projeto : CIDADE NOVA. Descrição da foto: Foto panorâmica da cidade Nova.

Andrade (1978), olhava com um tom bastante crítico para essa urbanização apressada, levando em conta que certos aspectos da antiga Manaus ficavam para trás, como a convergência de pessoas em reuniões, brincadeiras, dentre outras formas de relações primárias. Márcio Souza (1977) pondera que a dilatação do espaço urbano é chamada de “bairros”, levando em conta a falta de preparo para receber as pessoas que chegavam à cidade.

A cidade perdia paulatinamente os poucos igarapés que ainda sobravam dispersos na área urbana. Oliveira (2003) já destacava que nos anos de 1960, Manaus era um município de balneários, que foram substituídos pelos asfaltos; aos poucos algumas figuras icônicas como o catraieiro dão lugar às pontes: como a ponte do bairro de São Raimundo.

Tocantins (2000), fala que Manaus era para ser a Veneza dos Trópicos, e não a Paris (levando em conta o aspecto natural dos balneários), todavia, com o advento da ZFM, não demorou para os igarapés aos poucos se degradarem e restar apenas

fotos e uma memória coletiva de quem ainda frequentou esses locais. A figura abaixo ilustra um desses momentos no bairro do Parque Dez:

Figura 11: Igarapé



Fonte: Mota, 2008, p.69

Descrição: Um igarapé, é um curso d'água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço de rio ou canal. Existe em pequeno número na bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. Descrição da foto: Foto em branco e preto. Ao fundo há uma mata. A frente da mata, há um casarão. A frente do casarão, há braço longo de um rio cercado por uma parede de cimento dos lados esquerdo e direito. Há várias pessoas tomando banho.

A diversão em balneários aos fins de semana, deram espaço às atividades mediadas pela televisão, como já apontado por Dumazedier (2008), o impacto da televisão no lazer do cidadão. Não apenas a máquina está na casa, como fora dela, em ruas com lojas com produtos oriundos da ZFM.

Manaus já não é mais uma cidade calma, onde todos se conheciam, como lembra Peres (2002), entretanto, uma cidade em constante metamorfose urbana, com descaracterização de locais e prédios históricos (abandono em muitas ocasiões), e a privatização do espaço urbano.

Outro ponto sensível que veio junto com a ZFM foi a violência urbana de forma mais pulsante. Benchimol (1999) aponta para o Arigó como um personagem de

desordem urbana nos anos de 1920, 1930 causava transtorno no meio público; Peres (2002) lembrava que havia pouco sinal de violência em Manaus nos anos de 1940 e 1950 com casos esporádicos; Oliveira (2003) menciona que havia sim uma certa violência urbana.

Já os anos de 1980 é colocado onde há a formação das gangues de bairros em Manaus, como fica explícito no pensamento de Oliveira (2017) ao estudar os ditos galerosos: jovens do interior que não conseguiam se colocar no mercado de trabalho, formando grupos juvenis que infringem a ordem da moral e da lei municipal.

Carlos (2018) também reitera em suas memórias acerca do aumento da violência urbana em decorrência da ZFM.

Os galerosos surgem, pois a cidade não estava preparada para receber o quantitativo de pessoas que chegavam e ficavam mercê em bairros que muitas vezes não tinham saneamento básico, ruas sem asfaltamento, eletricidade, espaços de lazer, educação, saúde, etc. Eram locais com um amontoado de casas que brotavam do chão, 'decidiram chamar isso de bairro' como fala Souza (1977).

Paralelo a massa desempregada da cidade, havia os que ficavam horas a fio nas fábricas, sem entender ao certo se já era noite ou dia após o término da jornada de trabalho. O ser amazônico tão acostumado a lidar com a natureza, agora sendo mensurado pela disciplina foucaultiana do relógio, do gerente, do ponto de entrada e saída. A ilustração abaixo expressa esse momento:

Figura 12: Linha de produção



Fonte: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/a-historia-da-zona-franca-de-manaus-em-fotos-20959188>

DESCRIÇÃO: Os principais produtos industriais fabricados na Zona Franca de Manaus são: TVs, celulares, veículos, aparelhos de som, e de ar condicionado, bicicletas, microcomputadores, chips, aparelhos transmissores, receptores, entre outros. Descrição da foto: Foto em branco e preto, onde há 6 funcionários em uma linha de produção. Eles estão sentados à frente da bancada da linha de produção de uma fábrica.

O próprio interiorano que migrava para Manaus, sentia o impacto da realidade: a cidade não era mais uma vitrine, onde as dinâmicas sociais tentam reproduzir os costumes europeus, mas uma cidade que paulatinamente explora a classe operária (os interioranos do Amazonas, e pessoas de outras regiões do Brasil) que chegam para trabalhar nas fábricas da cidade, como argumenta José e Marcelo Seráfico (2005, p. 103):

No caso específico de Manaus, a estagnação econômica tanto contribuía para rebaixar o valor da força de trabalho¹² quanto para aumentar a concorrência entre os trabalhadores por emprego, o que implicava dificuldades para sua organização política¹³. Num tal contexto, o papel da ditadura parece ter sido, principalmente, o de criar algumas das condições que permitissem ampliar as oportunidades de investimento capitalista e controlar a força de trabalho num processo em que está se integrava em situação bastante frágil¹⁴.

Como expõe José e Marcelo Seráfico, a classe operária manauara sofria as consequências diretas das leis do capitalismo (concorrencial, mão de obra barata), o tempo antes medido pelo rio, agora é mensurado pelo relógio das fábricas; como tinham que lidar com uma cidade que cada vez mais perdia certos traços singulares (igarapés, como referido anteriormente), o próprio brincar dos bairros aos poucos se dissipou com a chegada do eletroeletrônico na casa dos amazonenses.

Todavia, a cidade ainda apresentava e apresenta espaços miméticos onde todas as classes sociais se divertiam, seja de forma individual ou coletiva. Há locais privados e públicos que se tornaram símbolos de diversão no fim de semana após a escola.

Não há como falar desses espaços miméticos, sem se referir aos equipamentos de lazer explorados mais adiante (cinema, teatro, museu, quadras desportivas), Mota (2008) destaca as três dimensões desses equipamentos: o *desenvolvimento*, o *descanso* e o *divertimento*. Essas palavras-chave aparecem no interior dos equipamentos de lazer para absorção das sensações.

Esses equipamentos de lazer, podem ser interpretados como espaços miméticos em uma visão de Elias e Dunning (1992) onde as emoções vem à tona: ver um filme, apreciar uma peça teatral, se deleitar vendo uma pintura, agir fora do padrão social assistindo um jogo de futebol.

Colocamos isso, para dizer que distintos conceitos (e escolas de sociologia do lazer) de lazer serão usados mais adiante para explorar esses espaços miméticos/equipamentos de lazer, inseridos na cidade de Manaus.

3.3 CINEMAS, MUSEUS, TEATROS E ESPAÇOS FÍSICOS-ESPORTIVOS EM MANAUS

A seguir será feito um contorno envolvendo os quatro equipamentos de lazer/espacos miméticos: cinema, museu, teatro e espaços físicos-desportivos. A demonstração consiste em apresentar eles na segunda metade do século XX, como representantes do lazer em Manaus. Tendo algumas progressões e recessões temporais, não sendo um subitem que tem como finalidade atender ao estudo da História, mas uma breve síntese.

Escrever acerca dos cinemas de ruas, é mergulhar no lazer de uma geração que saía das escolas e aproveitavam as matinês²² nos diversos cinemas que havia pela cidade. Era uma forma de as distintas classes sociais usufruírem o mesmo espaço de entretenimento.

O cinema no Amazonas nasce no fim do século XIX, com ilusão faustiana da borracha, Costa (1996) documenta essa gênese da sétima arte na cidade, com sua primeira rodagem sendo feita em 1897 no icônico Teatro Amazonas, paulatinamente foram erguidos locais para a exibição de filmes em Manaus.

Costa (1996) também infere a questão da elitização do cinema nesse período (início do século XX), com colunas sociais voltadas para o aspecto das pessoas que compareciam para ver um filme, sendo algo para a época de distinção social sensível em relação às formas de lazer paralelas na cidade naquele contexto.

²² Assistir filmes seguidos.

Paulatinamente, as massas populacionais residentes em Manaus começam a socializar nos cinemas, em virtude de eles (cinema) se disseminarem pelos bairros, ocasionando uma proximidade de acesso para as classes mais populares.

Ainda na primeira metade do século XX, o cinema já reunia as grandes massas para assistir filmes locais, ou obras de caráter americanizada. Aguiar (2020) argumenta acerca dos cinemas no centro da cidade, como havia nos anos de 1950, 1960, uma convergência social para o lazer no centro.

Cinemas como Guarany, Polythema, Odeon recebiam um aglomerado de pessoas para assistir filmes como “Bem-Hur”, de 1960; “Sindicato de Ladrões” de 1954; “Matar ou Morrer”, de 1952. O cinema era ponto de encontro, não apenas como lugar de consumo na perspectiva de Santos (2008), mas como consumo de lugar na visão do próprio Santos (2008).

A apreciação do filme em si, não era a única alternativa que transformava o cinema em convergência social, entretanto, o centro em si com suas praças, cafés, esquinas moldavam um o cinema como um entre outras formas de entretenimento no centro da urbe. As pessoas se reuniam nas praças arborizadas, na esquina da avenida Eduardo Ribeiro, no Café do Pina, tudo isso era uma forma de lazer. Esses espaços tinham um cunho de “democráticos”, e democratizar o espaço é democratizar o lazer como fala Marcellino (1983). A lembrança de Domingues Damasi exemplifica essa ida ao cinema (2011, p. 97):

A sessão dazuma do Cine Guarany começava às 12h45. O almoço de domingo tinha que ser engolido às pressas e era seguida de uma caminhada debaixo de um sol amazônico-senegalesco. A garotada precisava chegar cedo, para trocar de gibis na porta do cinema e ganhar os pirulitos Kibons, as balas Gardanos, e os balões coloridos distribuídos pelo seu Vasco. Ou uma amostra grátis qualquer que era transformada em um projétil que era lançado da galeria, o lugar mais cobiçado. Na tela, o episódio de um seriado e dois banguê-banguês, sempre acompanhados de uma gritaria aliviada apenas com o fim da sessão, às quatro da tarde, quando todos voltavam para casa, suados, roucos, com dor de cabeça, mais felizes.

Como perceptível nas lembranças de Damasi, ir ao Cine Guarany, era muito mais que ver uma sessão de cinema. O encontro com outros familiares, com vizinhos, com desconhecidos, tudo para apreciar aquele domingo com o descontrolado das emoções como fala Dunning e Elias (1992).

Aos poucos alguns cinemas fecham, o emblemático Cine Guarany deixou de existir em 1983, com poucos membros da sociedade civil se organizando para defender um pedaço da história de Manaus, Costa e Lobo (1983) já mencionava esse esforço, como via o Estado ficar quieto e passivo em relação a preservação de toda a cultura e lembrança afetiva que havia no Cine Guarany; ele se transformou em apenas mais uma estatística comercial.

Joaquim Marinho²³ e sua Empresa Cinemas De Artes Ltda, rejuvenesceu os cinemas de ruas, com o Cine Chaplin (1980- meados dos anos 2000); Cine Carmem Miranda (1986-1992); Cine Grande Otelo (1983-2002), com presença do ator Grande Otelo na inauguração do cinema; Cine Cantinflas (1987-1992); partindo para os anos de 1990 há o Cine Renato Aragão (1990-2001). As informações acerca dos cinemas citados anteriormente foram buscadas por Durango Duarte (2009). As figuras abaixo trazem alguns cinemas da capital amazonense.

Figura 13: Cine Guarany



Fonte: Duarte, 2009, p. 255.

Descrição da foto. Foto em branco e preto. Fachada do Teatro Cine Guarany.(Antigo Teatro Julieta).

²³ Joaquim Marinho (1946-2019): Empresário, produtor cultural, radialista.

Figura 14: Cine Odeon



Fonte: Duarte, 2009, p. 258.

Descrição da foto: Fachada do Cine Odeon. No dia 21 de fevereiro de 1913, a empresa Moreira Lopes, inaugurou o cinema Odeon, na avenida Eduardo Ribeiro, esquina com a Saldanha Marinho. Em 30 de Janeiro de 1952, essa sala foi fechada.

Figura 15: Cinema de rua



Fonte: Duarte, 2009, p. 263.

Descrição: há uma fila de pessoas para entrar no cinema. Todas estão para fora em uma calçada, ao lado há cartazes de filmes e o pote de notas.

O teatro na cidade de Manaus, remete claro, ao icônico Teatro Amazonas, obra faraônica que cristaliza a intenção da elite econômica de transformar a capital amazonense em Paris. No entanto, já havia antes do Teatro Amazonas, casas de espetáculo independentes na capital amazonense.

Com a construção do templo da cultura de uma época (La Belle Époque), já documentada por Mesquita (2004), Monteiro (2003), o Teatro Amazonas foi a casa de diversas apresentações ao longo das décadas em Manaus, culminado com a instalação da ZFM nos anos de 1960.

Nos anos de 1960, os teatros ou apresentações teatrais saem do totem da cultura amazonense (Teatro Amazonas), para se convergirem em espaços frequentados pela comunidade de bairros um pouco afastados do centro da cidade, como as igrejas que reuniam uma estirpe de jovens afim de gastar energias em peças de cunho sacro.

No bairro da Matinha, na Igreja Santa Luiza, houve a criação do *Tejama* (Teatro de Jovens de Manaus), que encenou distintas peças na igreja, como já pontuado por

Costa e Azancoth (2014): A morte de um Saltimbanco em 1968, O mistério de 1968, O Segundo Tiro de 1968 entre outras. Um dos integrantes do *Tejama* falou o seguinte para a própria Costa e Azancoth (2014, p. 19):

Na Manaus da década de sessenta, os jovens moradores dos bairros da cidade tinham poucas opções de lazer. Namoros, jogos de bola, amizades... Tudo convergia para o Centro Social da Igreja, o antigo bairro da Matinha não era exceção. E nós, ainda adolescentes, estudantes do Ginásio Pedro II, inventamos o nosso próprio **lazer**: fazer teatro! Conversamos com o padre e pedimos para construir um pequeno palco no salão onde funcionava uma escolinha primária. Assim, fundamos o Grupo de Teatro Santa Luiza.

Como fica evidente na fala do entrevistado, os jovens fizeram por si só o teatro como apresentação (para aqueles que assistem) como para eles mesmos (quem encenam) uma forma de lazer, em um local destinado a espiritualidade da comunidade do bairro.

A Universidade também trouxe grupos teatrais com encenações para o deleite da plateia manauara, como já inferida por Costa e Azancoth (2014). O TAU (Teatro Amazonense Universitário), apresenta em 1973, no Teatro Amazonas a peça: Como Matar um Playboy; outro grupo que provém dos ares críticos da Universidade é o *GRUTA* (Grupo Universitário de Teatro do Amazonas), que também encena peças no Teatro Amazonas, como já destacado por Costa e Azancoth (2014).

Era uma forma de lazer vindo direto do saber acadêmico, que colocava a juventude à frente de iniciativas de disseminação de cultura, como acesso ao lazer para eles (que fazem teatro), como para aqueles que assistem a apresentação.

Nos anos de 1980 o teatro ainda representava uma forma de lazer para uma parcela da população, em especial jovens intelectuais e artistas que convergiam para encenação de peças de teor crítico (teatro político, em especial com o afrouxamento da ditadura), como havia encenações infantis e até dentro de escolas públicas, como já mencionada por Costa e Azancoth (2014).

Já para os anos 1990, e décadas anteriores, o teatro fica à mercê de figuras icônicas, como Gebes Medeiros, e a junção entre jovens com tempo livre e artistas dispostos muitas vezes a tirar do próprio bolso para financiar uma peça. O Estado muitas vezes era ausente em relação a políticas de incentivo à cultura, como já pontua Costa e Azancoth (2014). Nos anos de 1990, houve peças encenadas com mais incentivo à cultura, com semanas dedicadas às apresentações.

Figura 16: Teatro Amazonas



Fonte: Disponível em: <https://www.manaushoteis.tur.br/conheca-manaus/teatro-amazonas>

DESCRIÇÃO: O Teatro Amazonas, foi inaugurado em 1896 e restaurado em 1990. Uma das expressões mais significativas da riqueza da região Norte durante o ciclo da borracha. Descrição da foto: A foto é em branco e preto. Ela mostra a urbanização de Manaus, no período da inauguração do Teatro Amazonas, no fim do século XIX (19). Onde no meio ambiente urbanístico o Teatro Amazonas se destaca.

A gênese dos museus no Amazonas remete ao período denominado como Belle Époque, onde há o florescimento do Museu Botânico do Amazonas (1883-1890) e o Museu Amazonas (1895-1900). Ambos estão intrínsecos ao processo de transformação urbana que passava a cidade de Manaus no fim do século XIX, como apontou Costa e Pinto (2012).

Agora é o momento de avançar no tempo, não sendo esta uma pesquisa de história, pois não há a preocupação de referenciar todos os fatos que ocorreram na primeira metade do século XX em relação aos museus em Manaus, o que é importante frisar que por motivos de um recorte temporal chegamos aos anos 1960 para falar dos museus que funcionavam na capital amazonense.

A Pinacoteca do Estado do Amazonas nasceu em 1965, abrigando obras de artistas amazonenses (artes plásticas em geral), como de outras regiões do Brasil. Não tendo um prédio fixo em si (muitas vezes ficando em prédios com outras finalidades, como a Biblioteca Pública do Amazonas, ou no Centro de Artes Chaminé. Serviu como ponto de referência na cidade para apreciação e lazer para quem gosta

de quadros de artistas renomados, como Moacir Andrade²⁴ e outros; serviu também como espaço educacional para estudo de artes visuais, formando uma figura que marcaria toda uma geração de artistas amazonenses: Hahnemann Barcelar²⁵.

Paralela a Pinacoteca, existia já no seu crepúsculo existencial o Museu Comercial do Amazonas, que tem seu início de vida apenas em 1942 como aponta Duarte (2009), ficando no térreo da Associação Comercial do Amazonas. Com um acervo composto de 244 mostruários com 14 mil peças, como indica Duarte (2009), era um local aonde se voltava no tempo para ter uma noção das transformações da cultura empresarial no contexto amazônico.

Outros museus que surgiram na cidade nos anos de 1980 são o Museu do Porto, que tem um acervo acerca como esclarece Duarte (2009) de documentos referentes à marinha, plantas sobre a alfândega, fotografias e antigas peças portuárias. Outro museu que fica longe dos bairros mais afastados do Centro da cidade (sendo a sede do museu no centro), todavia que tem um potencial enorme no valor de entretenimento, levando em conta, as raízes amazônicas em relação a navegação, e uma população cidadina que fica alheia ao processo de vida guiada pelo tempo do rio como argumenta Tocantins (2000).

Indo para os anos de 1990, há o Museu Moacir Andrade, que expõe uma parte das obras do artista plástico amazonense, como faz uma grande homenagem a toda a carreira do pintor. Localizado no que é hoje o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), na Avenida Sete de Setembro, o museu tem peculiaridades de atender o público interno do instituto (cedendo ao público externo posteriormente).

²⁴ Moacir Andrade (1927-2016): Pintor, escritor, folclorista, que tinha o tema Amazônia em suas obras.

²⁵ Hahnemann Barcelar (1948-1971): pintor que trazia em suas obras representações amazônicas.

Figura 17: Chaminé



Fonte: Duarte, 2009, p. 231.

Descrição: O Teatro Chaminé, foi construído para ser uma estação de tratamento de esgoto no ano de 1910. Porém, jamais funcionou corretamente, vindo posteriormente a ter a sua atual função hoje. O prédio possui a forma arquitetônica antiga preservada, devido ao seu tombamento, possuindo como principal característica uma Chaminé de 24 metros. Daí, por que ele é chamado de Teatro Chaminé. Descrição da foto: Fachada do Teatro Chaminé. As cores do teatro são: Branco, salmon e preto. Ao lado esquerdo do telhado, há uma Chaminé de 24 metros, construída com tijolos compactos refratários, coroada por um Chapecó em ferro moldado.

Figura 18: Museu



Fonte: Duarte, 2009, p. 225.

DESCRIÇÃO: O museu do Norte, foi administrado pela fundação Joaquim Nabuco ,por meio do Instituto de Estudos da Amazônia até 2006,quando cessaram as atividades da FUNDAJ na região Norte. Nesse período o museu esteve fechado 2 anos ,sendo reaberto ao público em 16 de maio de 2008 em Novo endereço: Na rua Quintino Bucaiuva no centro da cidade, onde funcionou por cerca de 6 meses, voltando novamente a ser fechado. Sim, em 29 de 2011,o museu do Homem do Norte reabre suas portas ao público. O museu, está localizado no centro Cultural Povos do Amazonas.

Nos anos de 1970 e 1980 foi trazido à tona no Estado do Amazonas, o futebol das massas, cristalizado no estádio de futebol profissional Vivaldo Lima, o Vivaldão²⁶. Recebendo um público considerável para os padrões do esporte na região norte do Brasil, sendo palco de jogos como o clássico RioNal (Rio Negro x Nacional), partidas do América, dentre outros jogos do campeonato amazonense.

Sendo uma cidade que recebia cada vez mais um fluxo migratório considerável do interior do estado, era normal ter partidas com uma lotação da arquibancada em pleno anos 1980, 1970, onde times como o Nacional disputavam o Campeonato Brasileiro de Futebol.

As partidas regionais ou nacionais eram uma forma de renovar as emoções de quem ia ver os jogos, sendo que, Elias e Duning (1992), apontam uma busca de novas tensões em torno do lazer. Não é tão simples chegar ao estádio, levando em conta o horário do jogo e a condução, mas há de se ressaltar os palavrões que se solta vendo um jogo, a cerveja gelada, o encontro com os amigos, o extravasar na hora do gol, tudo isso é lazer, sintetizado em uma partida de futebol.

Sendo um cartão postal da cidade de Manaus, a Ponta Negra está diretamente associada a um dos poucos pontos de lazer da capital amazonense. Lugar de encontros de amantes, histórias de amor, cartão postal da cidade, local ideal para fotos, é uma parte da cidade que circula distintas classes sociais.

Nos anos de 1990 ou até anteriormente, já era vista como um lugar de convergência social. Carlos (2018), já apontava em suas memórias, a Ponta Negra como um espaço familiar, onde as paqueras, as cervejas e o banho no Rio Negro já eram uma forma de lazer para uma família inteira, ou um grupo de amigos ao fim de semana.

Santos (2008) pondera sobre consumo de lugar, a Ponta Negra é isso, um lugar que é consumido pelos manauaras há algumas décadas com distintas finalidades,

²⁶ O estádio foi erguido no ano de 1960, hoje conhecido como Arena da Amazônia.

entre elas o lazer. Sendo um lugar bastante espaçoso para tal prática, junto a um calçamento, planejamento urbano, infraestrutura arquitetônica e segurança pública destoante de outros locais de Manaus.

O lazer está nas caminhadas, nas corridas, no nadar, no jogar conversa fora, no ir namorar, jogar vôlei, jogar futebol. Há uma gama variada de atividades físicas envolvendo o lazer na Ponta Negra que está sim em uma área de especulação imobiliária bastante elevada da cidade, porém, nunca deixou de receber as camadas populares da capital amazonense mediante transporte público.

Figura 19: Vivaldão



Fonte: Mota, 2008. p.80

Descrição; O estádio Vivaldo Lima, também conhecido como Vivaldão, T artarugão e colosso do Norte, foi inaugurado em 5 de abril de 1970. Um estádio de futebol sediado em Manaus, Amazonas e considerado o maior do estado, até a sua demolição em 2010, com capacidade para receber até 31 mil pessoas.

Figura 20: Ponta Negra



Fonte: Carlos, 2018, p.115.

DESCRIÇÃO: Construída na década de 90, o complexo de lazer da Ponta Negra, modernizou cerca de 2 quilômetros da ala do Rio Negro. Descrição da foto. Foto antiga da Ponta Negra. Na parte superior a direita, há uma área verde, com várias barracas de madeira. A esquerda, há o rio que são as águas da Ponta Negra. Há várias pessoas tomando banho.

3.4 MEMÓRIAS DOS OUTSIDERS ²⁷

Agora é hora de saber de pessoas com limitações visuais em um contexto social acerca de suas memórias para aquela época. Neste capítulo entrevistamos 5 pessoas que viveram os anos de 1980, 1990 para saber em torno de suas experiências nesses espaços e equipamentos de lazer. Abaixo uma tabela especificando os entrevistados:

Tabela 1: primeiro grupo de entrevistados

Nome dos entrevistados	Especificidades
------------------------	-----------------

²⁷ Norbert Elias e Scotson (2000) usam o termo Outsider para definir um grupo populacional vivendo em um bairro que chegou recentemente. Enquanto já há um outro grupo populacional nesse bairro que já mora há um certo tempo (estabelecidos); as diferenças socioeconômicas de um grupo para outro são mínimas. O que determina a diferença é que os estabelecidos (que estão a mais tempo no bairro) usam a fofoca para estigmatizar os outsiders, criando uma relação de poder. Na pesquisa, nós vamos usar o termo outsider para os PLCS que viviam a margem da sociedade na segunda metade do século passado.

Senhor Dida	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
Senhor Gil	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
Senhor Carlos	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
Senhor Almir	De 1980 a 1990 viveu a cidade, com baixa visão.
Senhor Bruno	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: Tabela 1 Primeiros entrevistados. Sobre fundo branco, há uma tabela dividida em dois lados. Do lado esquerdo, está escrito na parte superior: Nome dos entrevistados. Abaixo, está escrito em 5 níveis um Abaixo do outro: Senhor Dida, senhor Gil, senhor Carlos, Senhor Almir, Senhor Bruno. Do lado direito, está escrito na parte superior: Especialidades. Abaixo está escrito em 5 níveis, um Abaixo do outro: De 1980 a 1990, viveu na cidade completamente cego. De 1980 a 1990 viveu na cidade completamente cego. De 1980 a 1990 viveu na cidade completamente cego. De 1980 a 1990 viveu na cidade com baixa visão. De 1980 a 1990, viveu na cidade completamente cego. No rodapé está escrito: Fonte, Elaborado pelo próprio autor (2024).

Houve ausências de um ou outro entrevistado da cidade nesse contexto de 1980 e 1990, em função do processo educacional e reabilitação em outros estados do Brasil. Como o nome dos entrevistados não vão ser mencionados, em virtude de não termos o parecer do comitê de ética para tal procedimento, todavia, informamos de antemão que houve o consentimento dos entrevistados em ceder as entrevistas, os nomes criados, são fictícios.

O objetivo agora não é fazer um recorte historiográfico literalmente, mas sim, demonstrar por meio da memória dos entrevistados, a ausência ou não deles nesses lugares. Sabemos que os direitos de inclusão social são recentes, no entanto, neste momento o objetivo é explorar esse contexto, para servir de base para o terceiro capítulo (a questão do impacto das leis, na ausência e presença desses espaços miméticos).

3.4.1 CINEMAS

Perguntei para o Senhor Gil, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Senhor Gil: Não, não frequentava, porque os nossos cinemas não tinham audiodescrição. Não existia na época audiodescrição. (...) Nos nossos cinemas só foi ter audiodescrição a partir do ano passado (2022). Então como é que um cego ia ao cinema? Volto a lhe dizer, cinema: só se fosse acompanhado, alguém tinha que ficar descrevendo o que estava acontecendo na tela para ele. Hoje mudou muito, mudou. Hoje o cego pode ir ao cinema, pois tem audiodescrição, junto com uma gama de legislação que o ampara para ele entrar gratuitamente no cinema; antes o cinema era cinema, apenas para as pessoas normais (que enxergam).

Agora, fiz a mesma pergunta para o Senhor Carlos, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Senhor Carlos: O cinema eu não frequentava, por falta de acessibilidade. Eu não conseguia perceber a parte imagética da obra.

Agora para o Senhor Almir, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Senhor Amir: Cinema, muitas vezes.

Foi perguntado ao Senhor Bruno, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Senhor Bruno: Cinema eu ainda assisti algumas vezes, assisti algumas vezes no cinema sim. Mas por ter problema na vista, você fica bem na frente e até porque é muito escuro, a gente sai se batendo e fica bastante constrangedor.

Perguntei para o Senhor Dida, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Senhor Dida: Não, não, não. Porque na época não tinha audiodescrição. Agora que tem audiodescrição.

Assim, nos relatos memorialistas dos entrevistados há de se notar para aqueles que têm baixa visão ou estavam cegos (Senhor Almir e Senhor Bruno), que havia sim uma frequência nos cinemas, mesmo que houvesse uma certa dificuldade (ser escuro,

e se sentar sempre perto da tela); todavia, para os demais completamente cegos (Senhor Dida, Senhor Carlos, Senhor Gil) o cinema era algo totalmente abstrato.

Eles são apenas *cinco pessoas* que viveram as décadas de 1980, e 1990, porém, se pode inferir que havia uma certa dificuldade para eles interagirem com o cinema em si. Eles eram os outsiders dos cinemas em Manaus, não havia um preparo para eles interagirem com estes espaços.

O conceito de *outsider* pode ser descontextualizado aqui, porém devemos advertir que usamos ele, em virtude do não acesso. O termo outsider é usado por Elias e Scotson (2000) em contexto de poder de um grupo sobre o outro, todavia, aqui há um contexto onde o grau de sensibilidade e integração social ainda não permitia que os PLcS frequentassem de fato os cinemas, eles estavam à margem dos cinemas, era algo abstrato, assim nós empregamos o termo outsider, para os que não frequentavam naquela conjuntura social.

Claro, era o contexto das décadas de 1980 e 1990, e falar em inclusão no Brasil de fato estava apenas começando, como foi visto no capítulo 1, no entanto, as pessoas com limitações visuais em um contexto social eram os outsiders pelo fato que havia uma barreira para o lazer nas palavras de Marcellino (2021, p. 76) “Além disso, no plano cultural, uma série de preconceitos restringe a prática do lazer aos mais habilitados, aos mais jovens, e aos que se enquadram dentro dos padrões estabelecidos de “normalidade”.

Essa normalidade pode ser vista em um certo padrão da sociedade. Elias e Scotson (2000) falam de uma exclusão que está além dos fins econômicos, esse tipo de segregação espacial se aplica aqui (devemos advertir que é um outro contexto, sabemos que há um certo anacronismo, no entanto, aqui o objetivo é trazer um recorte memorial) lembranças de Senhor Dida, Senhor Carlos, Senhor Gil, em que há uma nula presença em cinemas, sendo que, eles estavam no centro do lazer (em relação ao cinema) de toda uma geração que viveu essa época.

Já a memória de Senhor Almir e Senhor Bruno, revelam idas ao cinema sim, no entanto, há de se considerar a dificuldade e todo ritual de falar que era necessário sentar na frente (levando em conta que talvez não fossem respeitados os lugares específicos para pessoas com limitações visuais nesse contexto); a dificuldade de sair de casa (seja de transporte público que dependesse da boa-fé dos motoristas e cobradores para compreender as especificidades dos indivíduos); ou ter ou não uma condução privada (talvez juntar dinheiro para pegar táxi).

E todo o olhar estigmatizante da sociedade, ver aquele “ser estranho” naquele local altamente visitado por sua grande maioria de jovens que não viam no seu dia-a-dia as pessoas com limitações em um contexto social (não havia educação inclusiva nas escolas e universidades e a não gratuidade dos transportes públicos) deixavam as pessoas com limitações visuais meio constrangidas, como na fala de Senhor Bruno *“a gente sai se batendo e fica bastante constrangedor”*, no discurso do entrevistador há sim um certo receio daquela época em ir ao cinema. O cinema não era para as pessoas com limitações visuais em um contexto social, como disse Senhor Gil *“antes o cinema era cinema, apenas para as pessoas normais (que enxergam).”*

Então o pensamento de Elias e Scotson (2000), juntamente com o de Marcellino se entrelaçam para colocar não apenas fator econômico, mas toda uma padronização de ir ao cinema de uma geração tida como um certo estabelecida nesse texto (o sentido da visão para ver o filme), paralelo aos outsiders que não tinha esse padrão (visão), ou tinham pouco dele.

Assim, os cinemas em Manaus não receberam (ou receberam muito pouco) os outsiders visuais, ficando apenas para os videntes uma lembrança das filas para ver um filme, o escuro do cinema, as matinês, ou todo o clima de ir aos cinemas. As pessoas com limitações visuais em um contexto social apenas ouviram falar que existe tais espaços para diversão, se eles foram, perceberam que aquilo não era para eles

Todavia, Manaus apresentava outros locais de lazer além do cinema, como o teatro, ou os teatros que por incrível que pareça, traziam o lúdico para quem fazia, ou para quem assistia em distintas partes da cidade.

3.4.2 TEATRO

Foi perguntado ao Senhor Bruno, se ele frequentava teatros em sua juventude?

Senhor Bruno: Não frequentava teatro não.

Perguntei para o Senhor Dida, se ele frequentava os teatros na sua juventude?

Senhor Dida: Não, teatro eu frequentava quando eu estudava lá no Rio (Rio de Janeiro), O IBC (Instituto Benjamin Constant) tem um teatro maravilhoso, mas aqui não. Eu já vim frequentar o teatro depois dos anos 2000, Teatro Amazonas.

Agora para o Senhor Almir. se ele frequentava os teatros na sua juventude?

Senhor Almir: Não.

Perguntei para o Senhor Gil, se ele frequentava os teatros na sua juventude?

Senhor Gil: não, não frequentava, não havia audiodescrição no Teatro Amazonas. Foi acontecer acessibilidade no Teatro Amazonas no dia 28 de abril de 2009, com a primeiras opera com audiodescrição, onde a secretaria de cultura montou toda uma equipe de acessibilidade para receber as pessoas com deficiência. O cego só conseguia ir ao teatro se uma pessoa fosse com ele, onde essa pessoa descrevia o que acontecia para ele.

Agora, fiz a mesma pergunta para o Senhor Carlos, se ele frequentava os teatros na sua juventude?

Senhor Carlos: Eu não frequentava teatro, justamente porque eu não conseguia desfrutar da apresentação, não havia audiodescrição na época.

Nas falas dos entrevistados há uma ausência total em relação ao teatro como espaço de presença. Há de se deduzir pelas respostas que o lugar do teatro não era para cegos, ou com baixa visão; era um local que se exigia na época um padrão em relação ao sentido da visão.

Nós não podemos descartar que as apresentações teatrais não eram apreciadas pelas pessoas com limitações visuais em um contexto social nos anos de 1960, 1970, 1980, 1990, pois a arte dramática não era expressa somente no Teatro Amazonas, mas sim, nas igrejas, na Universidade do Amazonas, em outras casas de apresentações, e havia ainda, o caso de uma casa de teatro receber óperas e orquestras musicais. Alguém deve ter levado alguma pessoa com limitações visuais nesses 40 anos de recorte histórico para ao menos desfrutar de uma apresentação numa igreja, ou no próprio Teatro Amazonas. Como disse Senhor Gil: *“O cego só conseguia ir ao teatro se uma pessoa fosse com ele, onde essa pessoa descrevia o que acontecia para ele.”*

Não à toa, reforçando o que disse Senhor Gil, houve sim a presença de um dos nossos entrevistados em teatro, no entanto, em outra cidade, como informa Senhor Dida: *“eu frequentava quando eu estudava lá no Rio (Rio de Janeiro), O IBC (Instituto Benjamin Constant) tem um teatro maravilhoso”*. Na argumentação do entrevistado, há de se levar em conta que o acesso ao teatro está mediado pelo meio educacional (Instituto Benjamin Constant), logo, educação e cultura estão interligadas na trajetória experimental de ir ao teatro do Senhor Dida. Neste caso, o teatro estava inserido em

outra cidade (Rio de Janeiro), como colocado em um ambiente educacional. Marcellino fala (2021, p. 75):

Praticamente todos os autores ligados aos estudos do lazer reconhecem seu duplo aspecto educativo. Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, de que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, de que para a prática das atividades de lazer são necessários o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação.

A escola no caso de Senhor Dida, representa acesso à cultura, impulsionando o lazer. Havia diversos locais na cidade em que se faziam teatro como identificado por Costa e Azancoth (2014): igrejas, Teatro Amazonas, Universidade, ruas, Sesc, porém, eram locais de difícil acesso para as pessoas com limitações visuais, não estavam preparados para lidar com as especificidades das pessoas, como o IBC estava já sendo uma instituição que é referência nisso, como visto no primeiro capítulo.

Traçando um diálogo com a literatura dramática, é necessário evocar o dramaturgo Luigi Pirandello (2022), com sua obra *Seis personagens à procura de um autor*, onde personagens de uma peça aparecem dentro de um ensaio de uma outra peça procurando espaço naquela apresentação, o cômico se mistura ao trágico na obra de Pirandello; no entanto, para as pessoas com limitações visuais em um contexto social a peça é uma metáfora da *ajuda*. Era necessária uma ajuda para ir ao teatro em Manaus no século passado, descrever o palco, a roupa (ou a falta dela), as características físicas dos atores, ou então apenas deixar eles em uma cadeira para usufruir de uma ópera.

O lazer de ir ao teatro era extremamente difícil para as pessoas com limitações visuais em um contexto social na Manaus da segunda metade do século XX. Em uma cidade que tem como símbolo maior de cultura um Teatro (principalmente para a elite econômica), que representa todo um período econômico e social que deixou como herança para uma cidade, o Teatro era um local para poucos, sem exceção para pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Reiteramos que aqui o objetivo não é trazer conceitos atuais (inclusão social, acessibilidade, leis) para aquele período, é somente um exercício memorialista para

temos uma noção da falta de integração e sensibilidade em relação a pessoa com limitações visuais em um contexto social.

Falamos da experiência ou falta dela de ir ao cinema e ao teatro com os nossos entrevistados, focando na segunda metade do século XX. Mas há de se levar em conta que havia outros espaços de acesso à cultura na capital amazonense, entre eles, o museu.

3.4.3 MUSEU

Foi perguntado ao Senhor Bruno se ele frequentava museus em sua juventude?

Senhor Bruno: Não, não frequentava não.

Perguntei para o Senhor Dida, se ele frequentava museus em sua juventude?

Senhor Dida: Museu... Museu... Museu... não! Quando eu estudava no IBC (Instituto Benjamin Constant) lá no Rio (Rio de Janeiro), os professores nos levavam ao Jardim Botânico, mas no museu eu não cheguei a frequentar não.

Agora para o Senhor Almir, se ele frequentava museus em sua juventude?

Senhor Almir: Sim, fui muitas vezes ao museu.

Perguntei para o Senhor Gil, se ele frequentava museus em sua juventude?

Senhor Gil: Não, não frequentava.

Agora, fiz a mesma pergunta para o Senhor Carlos, se ele frequentava museus em sua juventude?

Senhor Carlos: Eu também não frequentava museu, eu sabia que não havia acessibilidade, portanto eu não conseguiria aproveitar do espaço, a exemplo das outras pessoas videntes.

É perceptível uma ausência de quatro entrevistados em torno de museus, levando em conta que um deles chegou a frequentar o Jardim Botânico no Rio de Janeiro, todavia, é nítido que os museus referenciados anteriormente não eram para pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Outro ponto a ser frisado é a noção de um dos entrevistados (Senhor Bruno) de que esses locais não estavam preparados para os receber nos anos de 1980, 1990. As respostas foram secas e diretas quando entrei em contato com os entrevistados. Os museus da cidade de Manaus além de serem em sua grande maioria centralizados em um único bairro (Centro), não atendiam ao público que tinham toda uma certa especificidade como ser humano de sentir o mundo.

Um ponto interessante a meu ver nas respostas, foi o Senhor Almir (levando em conta que ele tinha baixa visão), ele me disse “Eu frequentava muito os museus quando jovem”, isso me leva a acreditar que mesmo com uma limitação visual, ele não deixou de usufruir os museus da capital amazonense, claro, muito em conta que ele ainda tinha baixa visão, diferente dos outros que eram completamente cegos.

Foi ponderado acerca da presença de pessoas com limitações visuais em um contexto social em museus, ficou claro que era basicamente nula para quem era totalmente cego. Todavia, há outros equipamentos destinados ao lazer em Manaus, com fins mais interativos, saindo um pouco da apreciação e passividade que já existem nos museus, teatros e cinemas.

3.4.4 OUTROS EQUIPAMENTOS

Foi perguntado ao Senhor Bruno, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Senhor Bruno: Não, porque não tinha. A única coisa que tinha na época era a Vila Olímpica, que não tinha espaço para nós. A gente só frequentava a nossa quadra da Glória mesmo, mas não tinha um espaço que nós podíamos frequentar, até porque na época agente não tinha sistema de BPC (Benefício de Prestação Continuada), e não tinha espaço.

Perguntei para o Senhor Dida, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Senhor Dida: A gente frequentava mais, a gente fazia apresentação (ele menciona o time dele da escola Joana Rodrigues), uma vez agente jogou bola na Suframa e outros lugares, mas assim, só isso, específico nosso mesmo.

Agora para o Senhor Almir, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Senhor Almir: Na escola, eu jogava futebol.

Perguntei para o Senhor Gil, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Senhor Gil: Na minha juventude sim, quando eu tinha visão. Vou dar um paralelo aqui. Na parte de futebol: eu jogava bola, eu jogava bola aqui no

Vivaldão, na Colina, eu jogava bola em vários campos; nadei pelo Rio Negro, nadei pela Caiçara, ganhei medalha, aprendi a nadar num rio ali na Matinha. Então tudo isso eu fazia, participava de concurso de skate, bicicleta, tudo isso eu fiz. Mas a parti do momento que a pessoa ficou cega, isso ficou um pouco escarço, Por quê? Onde é que eu iria fazer esse tipo de coisa; só no fim da década de 90 a Vila Olímpica começou a receber a pessoa com deficiência, tanto na natação, no atletismo e outros esportes. A parti dos anos 90 a pessoa com deficiência começa a fazer algum tipo de esporte, porque até então ele não tinha como fazer esportes. Hoje nós temos cegos campões no atletismo, na natação, no futebol de 5 e outros modalidades que o esporte oferece a pessoa com deficiência. Houve um traçado muito bom: se na década de 80 não tinha nada, na década de 90 começou a ter e hoje em 2023 eles começaram a oferecer com maior quantidade e qualidade por meio de alguns professores um lado de esportes muito melhor para as pessoas com deficiência. Eu não tinha a menor condição de fazer algum esporte, nem eu nem ninguém (aqui ele se refere a outras pessoas com limitações visuais), não atoa agente fazia algum esporte na quadra do colégio como cego, porque ninguém podia sair ficava ali. E quando veio a Vila Olímpica também abriram espaço para todas as pessoas, nadar, corre e fazer outros esportes. Foi assim que Manaus começou a oferta esportes para as pessoas com deficiência, não só o cego, mas todas as deficiências.

Agora, fiz a mesma pergunta para o Senhor Carlos, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Senhor Carlos: Acerca de espaços Físicos-desportivos, que eu sempre gostei, eu também não frequentava. São espaços de muita movimentação de pessoas, portanto para mim, era difícil lidar com espaços com grande aglomeração de pessoas.

Os relatos mostram uma afluência para a Vila Olímpica de Manaus, com destaque para a memória de Senhor Gil, que pondera acerca da importância dela como local de democratização, acesso e iniciativas. Até então, inéditas para uma cidade que não dava vez para pessoas com limitações visuais em um contexto social, como nos museus, cinemas e teatros. A Vila foi um grande ponto de ruptura, ela em pleno anos de 1990 onde o normal ainda era segregar os PLcS em domicílios, quebrou essa forma de isolamento social.

Não há como não evocar Milton Santos (2008) como um consumo de lugar, a Vila nasceu para atender um determinado público (como o museu, o teatro, o cinema atendia especificamente pessoas videntes), todavia, ela se transforma, com a iniciativa de pessoas que começam a trabalhar com a educação física adaptada, como veremos mais adiante, no próximo capítulo.

Outro ponto a ser destacado eram as práticas de lazer físico-desportivos que ocorriam na escola Joana Rodrigues, sendo que Senhor Dida e Senhor Bruno enfatizam o jogar bola e se apresentar em exposição pela cidade. Sendo a escola Joana Rodrigues pioneira em educação inclusiva no Amazonas, era um local de lazer para as pessoas com limitações visuais, a quadra desportiva, as pessoas idênticas a você, onde há o compartilhamento de sonhos, angústias e outras aspirações.

No entanto, não há como não esconder que se não fosse a Vila Olímpica ou a escola Joana Rodrigues, Manaus se tornaria uma urbe sem espaços físico-desportivos para as pessoas com limitações visuais. Olhando o relato do Senhor Carlos ao inferir acerca da dificuldade de aglomeração social, a Ponta Negra, o Centro Histórico, o próprio bairro como lugar de passear, jogar conversa fora era algo que o impedia de participar.

Senhor Almir fala “que jogava muita bola na escola”; eu (Marcos Antônio) também como portador de baixa visão jogava bola nas escolas estaduais que frequentei na cidade de Tefé, admito que não era bom no esporte, mas era uma forma de lazer que eu sempre apreciei, trazendo novas formas de emoções e sensações como pontua Elias e Dunnig (1992).

Outra reflexão necessária é o isolamento da Vila Olímpica de Manaus, localizada no conjunto Dom Pedro, junto ao fato da dilatação do espaço urbano, e o argumento de Marcellino (1983) em torno de democratizar o espaço é democratizar o lazer, não tem como não ressaltar a dificuldade de se pegar o ônibus, e toda a sorte alheia que era uma viagem de transporte público nos anos 90 em Manaus, assim, é provável que muitas pessoas com limitações em um contexto social não usufruíram a Vila Olímpica naquele contexto de novas iniciativas, como pondera Marcellino (2021, p 46) “Sempre tendo como pano de fundo esse fator econômico, podemos distinguir uma série de fatores que inibem e dificultam a prática do lazer, fazendo com que ela se constitua em privilégio. São as barreiras intraclasses sociais.”

Marcellino expõe a dificuldade do lazer para as classes sociais que têm pouco poder de compra e dependem muito do Estado em relação ao uso de meios públicos

para se locomover. Assim, a pessoa com limitação visual que estava inserida no contexto das classes populares sem dúvida alguma tinha muita dificuldade de chegar à Vila Olímpica, levando em conta o isolamento da vila na cidade.

Agora, é hora de saber a respeito do lazer dos entrevistados na juventude deles na cidade de Manaus, sem levar em conta lugares pré-selecionados, mas entender o que eles faziam ou sentiam em relação ao lazer na capital amazonense da segunda metade do século passado.

3.4.5 O LAZER

Aos que trazem muita coragem a este mundo, o mundo quebra a cada um deles e alguns ficam mais fortes nos lugares quebrados. Mas aos que não se deixam quebrar, o mundo os mata. Mata os muito bons, os muito meigos, os muito bravos – indiferentemente. Se não pertenceis a nenhuma dessas categorias morrereis da mesma maneira, mas então não haverá pressa alguma em matá-lo.
Ernest Hemingway

Agora, fiz a pergunta para o Senhor Carlos, qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Senhor Carlos: A minha percepção na época, não era muito diferente da minha percepção de quando eu enxergava, entretanto eu não frequentava muito espaços de lazer, por entender que os espaços não estavam adaptados para me receber, e eu sozinho não conseguiria circular por esses espaços. Lazer na minha concepção na época: era frequentar cinemas, teatro, shows artísticos e balneários.

Perguntei para o Senhor Gil, qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Senhor Gil: Bom na minha adolescência eu tinha visão. Eu vou falar a partir dos meus 17 anos quando eu fiquei cego, na verdade a parte de lazer para o deficiente visual era praticamente nenhuma. Porque não havia uma acessibilidade que pudesse te levar a esses lugares, que pudesse te dar alguma coisa boa. Eu tô falando da década de 80, 90 quando eu fiquei cego, naquela época você não tinha muita autonomia, você não tinha uma escola adequada, para ajudar numa inclusão social, numa reabilitação, então naquela época era muito difícil para um deficiente visual ter algum tipo de lazer. Ele só ia ter algum

tipo de lazer, se a mãe, o pai, o irmão, o colega, a namorada, o levasse para algum lugar, como era o meu caso. Quando eu saía de casa, eu só saía se alguém me levasse, eu ia para o banho, para o cinema, para um show. Era assim que era a Manaus dos anos 80 e 90: era uma cidade bonita, bucólica, porém para os deficientes visuais não tinha muito o que fazer, infelizmente o lazer era muito restrito naquela época, porque não tinha muito acessibilidade, como hoje em 2023 já não tem, imagine naquela época dos anos 80 do século passado.

Agora para o Senhor Almir, qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Senhor Almir: Era muito difícil em tudo.

Foi perguntado ao Senhor Bruno, qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Senhor Bruno: Olha nossa opção de lazer como deficiente visual: era praticar judô, jogava futebol para cego na Glória, na escola Joana Rodrigues Vieira, nós tínhamos o futebol para 5, inclusive nós tínhamos algumas apresentações, participamos de alguns campeonatos pela ADVAM (Associação dos deficientes visuais do Amazonas). Essa era a nossa diversão, tinha o domínio que a gente sempre jogou o nosso domínio, atletismo, tinha a semana do deficiente, com as escolas públicas então era essas atividades de lazer que o sistema apresentava.

Perguntei para o Senhor Dida, qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Senhor Dida: Rapaz lazer cara, para o deficiente visual era muito restrito. Mas para mim era jogar futebol com os meus amigos na Glória, e participar dos campeonatos nacionais e regionais de futebol. Também visitar o outro lado do rio, a antiga praia dos cachorros, e jogar domino, muito restrito ao lazer na época.

Há de se atentar para um lugar em especial: a escola Joana Rodrigues Vieira, simplesmente, pioneira em relação a educação inclusiva no Amazonas para um contexto de anos 80 e 90 onde o assunto ainda não estava em voga, muitas vezes engatinhando em relação a legislação educacional²⁸. Assim, esse local moldado para uma educação formal era uma forma de lazer para as pessoas com limitações visuais

²⁸ A Constituição de 1988 fala que as escolas devem receber pessoas com limitações em um contexto social; e a Lei de Diretrizes e bases da educação nacional (1996) vai ter um capítulo específico acerca de educação inclusiva.

em um contexto social, onde uma boa parte dos entrevistados usa a palavra *restrito* ou então na fala de Senhor Almir: *era tudo muito difícil* em relação ao lazer.

A escola, na medida do possível, sempre teve esse tom de ludicidade aos discentes, sendo uma das primeiras a tratar especificamente de educação inclusiva em Manaus. A escola Joana Rodrigues teve esse dicotômico, visando educação e sendo um local de afluência de lazer para esses jovens da época.

Marcellino infere (2021, p. 54) “As escolas contam com grandes possibilidades para o lazer, em termos de espaço, nos vários campos de interesse: quadras, pátios, auditórios, salas etc.” Elias e Durnnig (1992) colocam a subjetividade do indivíduo em relação ao sentir novas tensões, como Morin (2002) argumenta sobre a vida em poesia que se pode ter dentro da escola (na perceptiva da descoberta).

Morin e Elias e Dunning colocam o lazer na subjetividade, enquanto Marcellino aponta alguns pontos do lazer na escola; no caso da escola Joana Rodrigues Vieira essa conversa de relativização do lazer e do espaço tem fim. Esse centro educacional talvez fosse o único espaço onde os alunos podiam ser quem eles eram de fato, podiam ter autonomia, opções de recreação, como nas falas de Senhor Dida e Senhor Bruno *sobre jogar futebol, jogar dominó, praticar judô*, todas essas atividades físicas-desportivas em um contexto da cidade de Manaus nos anos 80 e 90 ainda era muito limitada, provavelmente a escola fosse a única opção para esses jovens na época usufruírem essas práticas lúdicas.

A Escola Joana Rodrigues quebrava a rotina deles. Para Elias e Dunning (1992, p. 150) “as atividades de lazer proporcionam-dentro de certos limites-oportunidades para experiencias emocionais que estão excluídas dos setores altamente rotineiro da vida das pessoas”. Os autores ponderam essa quebra da rotina pelo lazer, materializado aqui na socialização dentro da escola Joana Rodrigues com atividades com tons lúdicos.

Outro ponto a ser pensado é a cisão que ocorre na vida de Senhor Gil, antes tendo uma vida dita normal para um adolescente daquela cidade, ele tinha atividades de lazer que iam de encontro ao pensamento de Marcellino (2021, p. 49):

Sou partidário da opinião de que a bela cidade constitui o equipamento mais apropriado para que o lazer possa se desenvolver. É aí, onde se localizam os grandes contingentes da população, que a produção cultural pode ser devidamente estimulada e veiculada, atingindo um público significativo.

Marcellino coloca a cidade na esfera do consumir o lazer como um todo, muito estreita a ponderação de Lefebvre (2016) acerca do direito à cidade como apropriação dos direitos, neste caso do direito ao lazer. Todavia, na vida de Senhor Gil, ele perde a visão aos 17 anos e tem que ter uma ajuda para ir aos inúmeros cinemas que existiam em Manaus, aos balneários, aos shows, como ele enfatiza, ele só saía se alguém o levasse.

Senhor Carlos coloca que o lazer para ele não diferenciou quando ele enxergava, continuava sendo os balneários, os cinemas, os teatros e shows artísticos, quando ele ficou sem sentido da visão essas atividades de lazer foram suspensas, sendo que, ele próprio já sabia que não havia como ele ser recebido nesses lugares. Para Pinto (2009) a liberdade de escolha e de acesso à liberdade está intrínseca ao lazer.

Marcellino (2021) pondera há cerca de tempo e atitude, Senhor Carlos sem dúvida alguma tinha o tempo, porém a atitude de ir já sabendo que ele talvez ficasse à margem ou fosse tratado como um estranho fosse algo determinante para a não ida aos locais que ele minucioso como uma forma de lazer para ele. Elias e Dunnig (1992) falam de novas tensões no lazer, todavia para Senhor Carlos essas tensões não mais discorriam de shows, cinemas e teatros, era algo já bastante *restrito* como todos os entrevistados argumentam.

O que é interessante saber neste momento da memória dos entrevistados é sobre a Manaus da juventude deles. Será que aquela cidade que Senhor Gil chamou de *bucólica* estava preparada na visão deles, para lidar com uma pessoa com limitações visuais em um contexto social (nós sabemos que não estava, em virtude do nível de sensibilidade para com os PLcS, todavia damos voz a eles, para eles mesmo responder tal indagação)? É algo que eles mesmos enfatizam a seguir.

Ao indagar acerca se a cidade de Manaus estava preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto visual no período que era mais novos (anos de 1980, 1990), Senhor Gil enfatiza

Senhor Gil: Não, nossa cidade não foi feita para receber um deficiente visual. Era uma cidade bucólica, era uma cidade que não tinha ainda um milhão de pessoas, poucas pessoas tinham carro, Ônibus nós só tínhamos o Ana Cassia e o Soul Tour. Então era muito restrito esse tipo de coisa; quando eu tinha visão, eu ia para todo o lugar: para o Parque Dez, a Matinha, ia tomar banho

de rio, jogar bola na rua, andar de Skate, imagina não tinha muito carro na rua. Quando eu me dei conta como cego, as minhas experiências foram duas aqui na década de 80: em 1983 eu estive no consultório do doutor Francisco Marinho, e resolvi voltar sozinho para casa, já tinha feito minha reabilitação na Fundação Dorina de São Paulo, tinha acabado de concluir, aliás nem tinha concluído ainda, pois isso foi no começo de 83, eu estava de férias aqui, e aí eu desci a rua Sete de Setembro inteirinha, virei na Getúlio Vargas e peguei o ônibus na frente do Sesi. Você sabe que era muito difícil uma pessoa com deficiência se locomover naquela época em Manaus: primeiro porque o calçamento era muito ruim, segundo não havia nenhum tipo de sinalização, não havia farol sonoro, não havia nada; e as pessoas quando te encontravam na rua achavam que você era um "ET", ou algo do tipo. Só havia um cego na praça da Matriz: um senhor que tocava violão e pedia esmola, esse cego ficava ali, todo mundo conhecia, mas olha só, a criança o deixava ali, e lá ele ficava o dia todo; e um cego que vendia bombom na frente do IEA: quando eu tinha visão muitas vezes eu roubei bombom desse senhor, mas depois quando eu tinha dinheiro eu também pagava. Então, nossa cidade não estava pronta, não foi planejada. Nossa cidade na década de 80, não tinha Cidade Nova, então nossa cidade acabava mais ou menos ali em Flores, o resto tudo era mato: na frente do Brancrevia, na frente do Municipal, tudo era mato: imagina como uma pessoa ia andar por ali, não tinha calçamento, então não tinha como. E agora nós estamos em 2023: e o que mudou? Mudou para melhor? Para pior? O que mudou é que agora tem escola; e o deficiente visual é mais corajoso: ele enfrenta as ruas, os buracos, os ônibus. Mas infelizmente Manaus não se preparou para receber um deficiente, para dar a essa pessoa autonomia, para dar a essa pessoa inclusão e ter respeito quando essa pessoa vai a rua. A pessoa com deficiência, os idosos, as mulheres grávidas, foram esquecidas, infelizmente.

Ao indagar acerca se a cidade de Manaus estava preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto visual no período que era mais novos (anos de 1980, 1990), Senhor Carlos pondera:

Senhor Carlos: Na época, eu não entendia que a cidade de Manaus estava preparada para receber pessoas com baixa visão. Portanto, eu não me sentia confortável a frequentar os ambientes de lazer.

Tanto o Senhor Almir, Bruno e Dida, tem respostas simétricas:

Senhor Bruno: Não, não estava preparada.

Senhor Dida: Não estava nada, não estava não.

Senhor Almir: não.

Analisando primeiro as respostas homogêneas provindas de Senhores Almir, Bruno e Dida deixa claro o senso comum erudito: a cidade de Manaus nunca fora projetada para receber pessoas com limitações em um contexto social, mas ao longo do tempo, serviu para circulação de mercadorias, consumismo, e um processo de urbanização que sistematicamente com o passar do tempo, degradou assiduamente o espaço urbano.

A paisagem na ideia de Santos (2008) se modificou em cada década ao longo do século XX, todavia o espaço de Manaus na percepção do próprio Santos (2008) jamais fora projetado para o direito de ir e vir, de bairros planejados, ou um transporte público de qualidade; o espaço urbano atendia diretamente os suspiros econômicos que surgiam no contexto amazônico.

Isso já fora discutido anteriormente com Mesquita (2004) ao salientar as políticas públicas de embelezamento na Belle Époque; ou Oliveira (2003) ao inferir nas dinâmicas econômicas e sociais que eram realizadas numa suposta estagnação econômica do estado do Amazonas; por fim, as observações de Souza (1977) em torno da dilatação espacial que ocorreu na capital amazonense com a chegada da Zona Franca de Manaus.

Os autores citados anteriormente, realçam a questão econômica que modifica a paisagem de Manaus. Não há menção de planejar uma cidade de todos para todos, no entanto, uma pressa para atender as demandas do capital, assim, dirimindo aquilo que Lefebvre (2016) enfatiza de direito a cidade como uma apropriação de direitos (lazer, moradia, ir e vir, trabalho), sendo o cidadão refém da questão financeira, era preciso ter dinheiro para ir aos cinemas, morar numa casa, consumir a cidade, e não ser consumido por ela.

A cidade de Manaus com o desenrolar do tempo desintegrou os igarapés, as praças das festas religiosas, o velódromo, os cinemas, o lazer eram secundários em relação às dinâmicas econômicas, Oliveira (2010) já apontava isso, ao analisar as transformações dos espaços de Manaus, onde havia uma convergência social, como dilapidar equipamentos de lazer, como praças, para abrir espaços para interações econômicas.

Já Senhor Gil ao evocar o período que era um vidente (tinha o sentido da visão), com uma adolescência de consumo da cidade: destacando como a cidade era aquilo que Marcellino (2021) fala que o espaço para o lazer é a cidade. Quando Senhor Gil lembra de tomar banho no rio, frequenta distintos bairros da cidade, jogar bola, andar de skate ele vai de encontro com o direito à cidade de Lefebvre (2016) com o lazer intrínseco ao ir e vir.

Mas há uma cisão na vida de Senhor Gil, quando ele fica cego aos 17 anos, o estilo de vida dele até então dinâmico muda bruscamente, ele precisa passar por um processo de reabilitação de viver a vida na Fundação Dorina Nowill para Cegos em São Paulo.²⁹

Ele fala do espanto que as outras pessoas sentiam ao ver uma pessoa com limitações em um contexto social nas ruas. Isso pode ter uma interpretação dicotômica, uma vez que há uma visível invisibilidade social em relação a essas pessoas, eles não eram pautas de políticas públicas, não eram ponderados na grande mídia nacional. Não há como não trazer para discussão o romance “Homem Invisível”, de Ralph Ellison (1990), quando o protagonista narra em primeira pessoa o sentimento de não pertencimento às dinâmicas sociais, ao ser alheio ao outro. Ellison tem como pano de fundo o racismo nos Estados Unidos, já Senhor Gil é invisibilizado pela cegueira, e pela falta de noção de que ela não é uma doença, ela não é transmitida no ar, ela só é uma característica da pessoa, como outras características que ela tem.

O outro lado da dicotomia destacado anteriormente é o estigma que tomava conta da cidade, ou da sociedade brasileira. Eram poucas pessoas com limitações em um contexto social que saiam na rua nos anos de 1980, 1970, 1990; em Manaus o livro de memórias de Pacheco (2021) mostra o espanto, a zombaria ou outras formas de reações pitorescas que algumas pessoas sentiam ao ver uma pessoa com limitações físicas adentrar um espaço coletivo.

Oliveira e Ribeiro (2023) demonstraram por meio de memórias de entrevistados que tinham limitações em um contexto social que eles mesmo tendo uma boa escolaridade para a época não conseguiam adentrar no mercado de trabalho. Batista (2019) já apontava acerca de uma pessoa com limitações visuais trabalhando no distrito industrial de Manaus nos anos de 1970, pouco para a época, levando em conta

²⁹ Fundação Dorina Nowill para Cegos: Instituição de inclusão social, referência nacional acerca de limitações visuais em um contexto social.

o fluxo constante de empregabilidade na ZFM. O próprio Senhor Gil coloca a questão da exposição pública para ganhar a vida (o tocador de violão, e o vendedor de doces). Pinto escreve (2009, p. 29):

As desigualdades geram profundas segregações, abalando as bases estratégicas das vidas dos excluídos. Por isso, uma política de inclusão com equidade nos coloca diante do reconhecimento e da valorização das necessidades das pessoas e do seu desenvolvimento pessoal e humano, frito de ações em um conjunto de ações objetivas e subjetivas que proporcionem a qualidade de vida.

Essas políticas de inclusão e participação que Pinto infere, estavam alheias ao tempo da Manaus da segunda metade do século XX, a segregação e o estigma imperavam da cidade, uma ação cristalina de atitudes e omissões.

Essa não participação ativa na sociedade provavelmente gerasse esse espanto, *como se visse um ET* nas palavras de Senhor Gil, talvez toda essa estranheza fosse fruto da sociedade brasileira, que naquele período de abertura lenta e gradual da democracia ainda não estivesse pronta para lidar com essa questão, Ribas salienta (2003, p. 16)

Isso é estigma. Toda pessoa fora das normas e das regras estabelecidas é uma pessoa estigmatizada. Na realidade, é importante perceber que o estigma não está na pessoa, neste caso, na deficiência que ela possa apresentar. Em sentido inverso, são os valores culturais estabelecidos que permitem identificar quais pessoas são estigmatizadas.

Ribas, observa a questão da *cultura estabelecida* como parâmetro para estigmatização. As cotas no mercado de trabalho ainda não existiam, não havia um plano adequado acerca de uma educação espacial (não à toa Senhor Gil fora para São Paulo fazer um processo de reabilitação), a tecnologia de adaptação só seria gerada no Brasil no século XXI (Senhor Gil fala das ruas esburacadas e calçamentos inadequados).

Senhor Carlos argumenta que a cidade não estava preparada para uma pessoa com limitações visuais em um contexto social, ele diz que não se sentia confortável em frequentar certos ambientes. Ele já sabia que ambientes da capital amazonense não sabiam como lidar com essas pessoas.

Não há como fazer um paralelo com todas as devidas ressalvas possíveis em torno da obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de autoria de Ecléia Bosi (1994), quando Bosi recria por meio da lembrança de pessoas que viveram a grande São Paulo (neste caso a cidade) da primeira metade do século XX: ruas, antigos estabelecimentos, personagens, festas, trabalho, tudo é evocado para ter um recorte bibliográfico daquela cidade.

Já para a cidade de Manaus, para as pessoas com limitações visuais em um contexto social, a percepção dos entrevistados são grandes lacunas em relação à capital amazonense, pois elas não estavam em museus, cinemas, teatros. Havia um senso comum entre eles de serem alheias a esses locais, não à toa a palavra *não frequentava* é elo que os une.

Halbwachs (1990) diz que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim, as memórias deles nesta Manaus que sofreram as consequências da ZFM, são de indiferença aos equipamentos pesquisados nessa investigação. Bosi reitera que (1994, p. 415) “O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado”, Bosi pondera que acessar a juventude se tem uma grande gama de memórias para ser explorada, não à toa é enfatizado na pesquisa a juventude deles naquele contexto social, onde as grandes responsabilidades do processo de amadurecimento ainda estão se formando, dessa juventude (em relação aos equipamentos de lazer) o que se tem é ausências

Portanto, houve um recorte acerca da Manaus dos anos de 1980, 1990, foi ouvido pessoas que viveram essa época já com limitações visuais e que sentiram na pele a presença ou ausência de algum espaço miméticos. O objetivo do capítulo em si não foi traçar um estudo historiográfico sério, pois sempre soubemos que os conceitos de hoje, o nível de sensibilidade em relação ao PLcS, o amadurecimento social era outro; aqui era para trazer a memória dos que viveram aquele contexto, e dar voz a eles para dizer o quanto era difícil para eles, para podemos ver o que mudou.

Todavia, é hora de focar no presente, museus, cinemas, teatros, espaços físico-desportivos não recebiam pessoas com limitações visuais. Manaus na visão deles não estava preparada para os receber, e o hoje, como é a Manaus de hoje, depois de 34 anos após a Constituição de 1988 e distintas metamorfoses sociais, como é o lazer para as pessoas com limitações visuais na capital amazonense.

CAPÍTULO III

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

Geraldo Vandré

Vimos todo um contexto no segundo capítulo de ausências, onde as pessoas com limitações visuais eram segregadas dos cinemas, dos teatros, museus e espaços físico-desportivos. Em uma análise historiográfica e fria é afirmativo dizer que o período analisado, junto à ótica da materialização de interações sociais nesses locais é anacrônico, levando-se em conta as tecnologias, as legislações, a moral e o novo contexto cultural da atualidade, para ser inserido no passado.

Todavia, essa não é somente uma pesquisa de cunho historiográfico, mas uma investigação acerca do hoje e do ontem, para saber o que mudou, as novas formas de interação e as dinâmicas sociais do lazer da pessoa com limitações visuais em um contexto social na cidade de Manaus.

Para isso, é preciso levar em consideração as tecnologias que **Senhor Gil e Senhor Carlos** *falam que existe hoje, e que não havia no passado*, e como identificar as legislações nesse momento para podermos entrar nos espaços de lazer que existem atualmente em Manaus, além de saber se esses locais estão ou não preparados para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social.

De antemão, informo que os entrevistados são outros, são de uma geração que vivencia o presente, e as dinâmicas sociais da atualidade. Eles concordaram verbalmente em participar da pesquisa, *sendo um acordo verbal feito entre nós para emitir seus nomes, criando nomes fictícios*. No quadro abaixo estão inseridas informações pertinentes a cada um.

Tabela 2: segundo grupo de entrevistados

Nome Alternativo	Acuidade Visual	Características
WELCH	Abaixo de 10 % de um lado do olho, completamente cego do outro olho (precisando usar uma prótese para substituir o olho)	homem, corredor paralímpico, na faixa etária dos 19 anos.
RICHARD	Completamente cego	Homem, na faixa etária dos 40 anos.
ROBSON	Baixa Visão, necessitando usar tecnologia assistiva para interação.	Homem, professor e músico, na faixa etária dos 40 anos.
MARCELA	Cega de um lado dos olhos, acuidade visual bastante diluída do outro lado do olho. Sensibilidade à luz.	Mulher, auxiliar de recursos humanos, na faixa etária dos 20 anos.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Segundo entrevistados. Sobre fundo branco, há uma tabela dividida em 3 colunas. A primeira coluna ,está escrito na parte superior: Nome alternativo, abaixo está escrito WELCH, direita na segunda coluna,na parte superior, está escrito: Acuidade visual, abaixo está escrito: Abaixo de 10% ,de um lado do olho, completamente cego, do outro olho, (precisando usar uma prótese para substituir o olho). A direita, na terceira coluna, na parte superior, está escrito: Características. Abaixo está escrito: Homem, corredor, paralímpico , na faixa etária dos 19 anos. Na primeira coluna, está escrito RICHARD. Na segunda coluna, a direita, está escrito: Completamente cego. A direita na terceira coluna, está escrito: Homem na faixa etária de 40 anos. Na primeira coluna está escrito ROBSON.A direita, na segunda coluna, está escrito: Baixa visão necessitando usar tecnologia assistiva para interação. Na terceira coluna está escrito: Homem, professor e músico na faixa etária dos 40 anos. Na primeira coluna está escrito MARCELA, na segunda coluna está escrito: Cega de um lado dos olhos, acuidade visual bastante diluída, do outro lado do olho, sensibilidade ao luz. Na terceira coluna está escrito: Mulher, auxiliar de recursos humanos, na faixa etária dos 20 anos.

4.1 A TECNOLOGIA ASSISTIVA E AS LEGISLAÇÕES DE INCLUSÃO SOCIAL

Adiante será abordado a tecnologia assistiva, juntamente com uma lei de inclusão social que está vigente na sociedade brasileira, especificamente desde 2015, popularmente conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência³⁰. Assim, por meio da lei (de cunho federal) e das tecnologias será feito um breve panorama do tema acima.

Falar de tecnologia assistiva atualmente é pensar nela aplicada ao contexto educacional. No entanto, ela transcende os muros da escola. A tecnologia assistiva esteve sempre ao lado da humanidade, desde o período nômade das interações sociais em torno da economia até hoje. Ela era o cajado de Moisés, o telescópio de Galileu Galilei³¹, os pontos de leitura do sistema Braille, a muleta, o computador, o aplicativo de celular, dentre outros.

Todas essas tecnologias são de distintos períodos, com diferentes formas de contexto, mas o que elas têm em comum é dar autonomia à pessoa que a usa. Essa emancipação social mediada pela tecnologia ocasiona micro revoluções sociais, que são invisíveis ao olho nu. Elas, paulatinamente entram no cotidiano ordinário, gerando uma certa “normalidade” na conjuntura social.

Marshal McLuhan (2002) fala que a tecnologia é a extensão do homem, isso é, a roda é o complemento da perna, a vassoura é o acréscimo do braço, e o monóculo é o suporte do olho. Os impactos tecnológicos afetam diretamente as dinâmicas sociais. Elias argumenta (2006, p. 35):

Tecnização é o processo que, à medida que avança, permite que se aprenda a explorar objetos inanimados, cada vez mais extensamente, em favor da humanidade, manejando-os e os processando, na guerra e na paz, sobretudo na expectativa de uma vida melhor.

³⁰ Lei Nº 13,146 de 6 de julho de 2015.

³¹ Moisés no Antigo Testamento usa um cajado para se locomover no deserto com os Hebreus; Galileu Galilei usou uma luneta para criar sua teoria heliocêntrica.

Elias fala de uma vida melhor, mas não há como não associar esse processo de melhoria sem o sistema Braille, a muleta, o telescópio, a cadeira de rodas, o computador etc. uma vez que essas tecnologias geraram uma expectativa de existência melhor aos PLcS

Andar pela rua, estudar, exercer uma profissão, eram coisas inimagináveis às pessoas com limitações em um contexto social décadas atrás. Essas tecnologias, juntamente com um novo contexto de cultura, legislação, e outros fatores impulsionaram os PLcS para uma maior inclusão social (em todos os sentidos).

Segundo Mary Pat Radabaugh (1993): “Para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis”, é interessante ressaltar que a afirmação de Radabaugh é convergente ao pensamento de Elias ao enfatizar um bem-estar em torno da tecnologia.

Mas nem toda a tecnologia é uma tecnologia assistiva. Quando a roda foi inventada, não foi com a intenção de ajudar as pessoas que não podiam andar, mas sim, por conta de ela ser usada de antemão na agricultura e na logística. O termo tecnologia assistiva ainda é algo totalmente abstrato para quem é leigo em relação ao seu público-alvo e de usabilidade. Brasil esclarece (2009, p. 9)

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

O Estado não difere muito de Elias e Radabaugh ao falar de autonomia, qualidade de vida e outras expressões de inclusão social. Mas ele insere a expressão *interdisciplinaridade* para abordar a tecnologia assistiva, não ficando restrito apenas ao território da tecnologia, mas inferindo nas metodologias, práticas e serviços que entram diretamente na atitude do ser humano.

A tecnologia assistiva é uma extensão do ser humano. Caso ele não tenha pernas, há muletas, próteses e cadeira de rodas que substituem as pernas; caso ele não fale ou não ouça, há toda uma metodologia de sinais (neste caso, Língua Brasileira de Sinais - Libras) que o ajudam a se expressar de forma não verbal; caso

ele não enxergue, além do sistema braille de leitura e escrita, há uma grande diversidade de tecnologias tangíveis e intangíveis que o auxiliam a se localizar no espaço.

Neste sentido, a tecnologia assistiva gera uma *cisão* em um mundo cada vez mais mediado pelo fator tecnológico. Castells (1999) afirma que as tecnologias que surgiram na segunda metade do século XX (microprocessadores, computadores mais baratos e caseiros) alteraram toda a dinâmica econômica e as relações culturais do mundo. Convergindo com Castells, há o pensamento de Levy (1999) que aborda pontos em torno da cibercultura, onde as relações e dinâmicas culturais se fazem cada vez mais presentes no universo da internet.

Essa cisão do mundo altamente mecanizado tem sido cada vez mais frequente no ciberespaço. As opções de acessibilidade do sistema Windows³², têm sido aprimoradas com a presença de novos softwares voltados exclusivamente para a acessibilidade, como os diversos leitores de telas, entre outras formas de tecnologia assistiva.

Olhando para a bibliografia convencional de tecnologia assistiva produzida no meio científico e acadêmico é comum chegar a uma conclusão: essa tecnologia assistiva é produzida com uma finalidade educacional e terapêutica. Não à toa existem grandes pesquisadores no Brasil que trabalham com essas áreas, como: Teófilo Galvão Filho com seus estudos educacionais, Rita Bersch, Gláucio Campos Gomes de Matos e o neurocientista Miguel Nicolelis³³.

E o lazer? Será que há uma tecnologia assistiva feita para o acesso ao lazer. Nas palavras de **Senhor Carlos, Senhor Gil, Senhor Dida, Senhor Bruno** não havia uma tecnologia assistiva em Manaus que os oferecesse o mínimo de acesso aos espaços de lazer pesquisados no segundo capítulo. Calçadas com piso tátil, audiodescrição e semáforos sonoros são tecnologias que pertencem ao contexto do Brasil do século XXI, e falar delas naquele período é ser anacrônico.

Mas afinal o que é audiodescrição, piso tátil, lupas e outras tecnologias que eles falam? Aqui será exposto alguns exemplos que serão postos como um ponto norteador nas visitas de espaços selecionados na metodologia.

³² O sistema Windows tem um padrão de acessibilidade (pressionando a tecla "Windows" mais a tecla "U") aparece leitor de tela, lupa, contraste de cores, aumento de tamanho cursor do mouse.

³³ No Brasil há uma graduação em Engenharia da Tecnologia Assistiva e Acessibilidade na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, como há laboratórios de pesquisa em cima de Tecnologia Assistiva e projetos de extensão.

Inicialmente, é necessário informar que a tecnologia assistiva está na dinâmica da reinvenção, onde as tecnologias assistivas que vamos usar como parâmetro agora, talvez já estejam obsoletas daqui alguns anos.

De antemão, a ABNT 9050 diz que acessibilidade é (2020, p. 2):

possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Esse conceito é importante, pois os equipamentos de lazer que serão explorados mais adiante serão “mensurados”, tendo como norte esse conceito, a ABNT em si não será usada de forma técnica, levando em conta que os autores da pesquisa não têm a formação para saber lidar com os dados empíricos que há nelas, assim, somente alguns padrões de acessibilidade vão ser considerados, levando em conta a especificidade da ausência ou diluição do sentido da visão.

O piso tátil são materiais (feitos de plásticos ou outros componentes) que são colocados no chão para que a pessoa possa se mover pelo sentido do tato. Existem duas formas de pisos táteis: piso direcional e alerta, onde ambos têm configurações distintas em relação ao “sentir” nos pés; enquanto o direcional leva a um lugar específico (por exemplo um banheiro) o alerta indica que a porta do banheiro está à frente.

O piso tátil foi escolhido como uma tecnologia assistiva pelo critério de dar autonomia para a pessoa com limitações visuais em um contexto social e conseguir chegar a um lugar sem a necessidade de perguntas e a necessidade de terceiros. Conforme Ross e Silva (2013, p.162):

A sinalização tátil, em sua concepção, busca proporcionar poder de autonomia às pessoas com deficiência visual. Trata-se de mais um dos tantos instrumentos, uma tecnologia assistiva, que consagra o direito à cidade e o usufruto de seus serviços, suas interações e seus encontros. O piso tátil é parte constituinte dessa sinalização, através do qual a pessoa com deficiência visual realiza seu deslocamento de modo mais rápido, mais seguro e mais bem referenciado. Em plena ascensão na década de 1990 e, sobretudo nos

anos 2000, a construção de cidades acessíveis torna-se pauta obrigatória de discussões no planejamento urbano, refletindo o momento de proclamação e de conquistas do direito à diversidade, nascimento do conceito de Inclusão Social.

Ross e Silva ponderam que o piso tátil é mais que uma tecnologia meramente simbólica que às vezes está em uma rua, e simplesmente desaparece na outra esquina. Piso tátil é direito à cidade, ela é a extensão dos olhos para quem não enxerga ao caminhar na rua, em um shopping ou em uma instituição pública.

Existe uma ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) (9050) que aborda a questão da instalação do piso tátil em uma instituição (que não será tratado aqui, em virtude do autor e seu orientador não terem a formação específica para tal discussão), mas deve-se dizer que em todos os campos que visitamos, foi sempre visto a questão da presença e ausência do piso tátil, em uma perspectiva mais empírica, levando todo o potencial de autonomia e acessibilidade do piso tátil.

A audiodescrição é colocada como outra tecnologia assistiva que será frisada, em virtude do que ela descreve em um filme, um quadro, uma peça de museu, uma pessoa etc. A audiodescrição para os leigos deve ser algo totalmente estranho, mas ela funciona assim: **Michael Corleone fica com expressões sérias no rosto, ele está sentado na mesa com mais dois homens, há um barulho de um trem passando, Michael rapidamente se levanta, saca uma arma de sua calça e dá um tiro na garganta do homem que está comendo, o homem sangra pela boca, Michael dá mais um tiro em sua cabeça e o homem cai da cadeira; ele desfere mais dois tiros na cabeça do outro homem que também cai da cadeira. Michael Corleone sai da mesa de forma rapidamente, largando a arma no chão.**

No exemplo acima, onde foi feita uma breve audiodescrição de uma cena do filme “O Poderoso Chefão” (1972), faltou descrever as roupas dos personagens, as peculiaridades do restaurante e as falas em italiano que ocorrem no meio da cena. Mas onde eu quero chegar é que a audiodescrição tem o potencial de descrever detalhes de uma cena, de ser uma espécie de quadro para quem não enxerga, uma vez que, a audiodescrição é, acima de tudo, **informação**, permitido que as pessoas com limitações visuais ampliam o horizonte de compreensão de um filme, de um livro, de um quadro, de um museu, de um edifício, de um bairro de uma cidade, de um mapa, etc.

O semáforo sonoro é uma tecnologia assistiva de alto custo. Ele apita quando é hora do pedestre atravessar a rua, usando o sentido da audição para alertar pessoas com acuidade visual diluídas.

Outras tecnologias assistivas em que serão observadas ausências e presenças são: fontes ampliadas (novamente em informativos se usa o tamanho da fonte até o número 12, em virtude da ABNT) mas é necessário ampliar isso, para 48 ou 50 ou até mais com fontes como o Arial Black; o sistema braille de comunicação, lupas e réplicas de um objeto em tamanho diferenciado, para uma maior interação da pessoa com limitações visuais em um contexto social.

Reitero que as tecnologias assistivas selecionadas aqui, talvez ou agora mesmo já estejam em completo desuso, todavia, no momento são parâmetros para mensurar se um local é ou não acessível para uma ação social na perspectiva de Max Weber (2009) de forma racional em relação aos fins, neste caso, ao lazer, onde as pessoas vão à diversos locais (museu, teatro, cinema) para um lazer, elas vão para outros fins também.

Essas tecnologias assistivas não existiam ou não eram colocadas em prática na segunda metade do século XX, em razão, de um lado, dos limites tecnológicos de uma época, e de outro lado, de uma agenda de discussões políticas e sociais em torno das pessoas portadoras de limitações sociais que ainda não estava consolidada.

A participação social efetiva dos PLcS é um longo processo de luta social e desenvolvimento técnico científico que culminou em debates, leis e amadurecimento social. Elias (data) fala de processo social, nesse caso do nível de sensibilidade e aceitação da sociedade para proporcionar tecnologia assistiva.

Honneth (2003) infere que um dos reconhecimentos sociais está atrelado ao meio jurídico e político, e ao longo do tempo no Brasil houve formas de reconhecimento no campo das leis que impulsionam diretamente o surgimento e a disseminação da tecnologia assistiva.

A atual Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988) infere no seu capítulo 4 acerca da ciência, tecnologia e inovação. A dinâmica que sai do encontro dos três eixos que o Estado propõe na constituição ajudam diretamente na fertilização da tecnologia assistiva de forma direta e indireta, reflexo disso são universidades tratando abertamente de tecnologia assistiva no campo do ensino, pesquisa e extensão.

O Livro Branco da Tecnologia Assistiva no Brasil (2017) nasce dessa interação (pesquisa, ensino e extensão) como um norteador da produção de tecnologia assistiva

no Brasil, classificando seu custo de produção (alto e baixo), traçando um parâmetro do que há atualmente em relação às tecnologias assistivas.

Agora é hora de se aprofundar no Estatuto da Pessoa com Deficiência, olhando acerca do que ela infere em cima de tecnologia assistiva, lazer, espaço.

Em relação à tecnologia assistiva é inferido (2015, p. 40) “A acessibilidade e as tecnologias assistivas e sociais devem ser fomentadas mediante a criação de cursos de pós-graduação, com a formação de recursos humanos e a inclusão do tema nas diretrizes de áreas do conhecimento”. Esse ponto já diz respeito a algo que é fomentado, como cursos de distintos programas de pós-graduação que já trabalham com tecnologia assistiva, principalmente para inclusão educacional.

A lei também orienta em relação ao dever do Estado, ao aludir (2015, p. 40) “O poder público deve fomentar o desenvolvimento científico, a pesquisa e a inovação e a capacitação tecnológica, voltados à melhoria da qualidade de vida e ao trabalho da pessoa com deficiência e sua inclusão social”. Esse ponto fica meio vago ao momento, levando em conta a pouca qualificação do material humano para lidar com pessoas com limitações no contexto social atual. Essa qualificação fica restrita aos programas de pós-graduação, sendo que estes não atendem a grande demanda que há no comércio, e nas áreas de lazer e turismo que ainda enxergam os termos acessibilidade (acessibilidade aqui é modo geral de acesso), e inclusão social muito vinculado ao capital financeiro do ser humano.

Então, a lei fica bastante clara ao abordar a importância da tecnologia assistiva fomentada em cima das responsabilidades do Estado. Traçando um paralelo da mesma lei, ela alude diretamente ao lazer, sendo a lei bastante explícita em cima de tal ponto (2015, p. 28):

A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao **lazer** em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso: I – a bens culturais em formato acessível; II – a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e III – a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

A lei é bem clara, ao referir em torno da igualdade de oportunidades, como ao formato acessível dos bens culturais, tanto a lei como Marcellino (2021) enxergam os

bens culturais como fonte de lazer à população em geral. Em cima disso, tanto o lazer quanto a tecnologia assistiva andam juntas numa visão do Estado para uma pessoa com limitações em um contexto social, onde para ter lazer é necessário a intervenção de tecnologia assistiva.

O lazer está vinculado ao tempo livre na visão de Elias e Dunning (1992), esse tempo livre pode ser lazer com novas tensões que podem ou não ser prazerosas. O acesso aos bens culturais não proporciona lazer para todos, mas uma parcela significativa da população gasta seu lazer assistindo filmes, vendo televisão, caminhando em espaços físico-desportivos entre outras formas de acesso ao lazer mediado pelos bens culturais.

Desta forma, o lazer e a cultura andam juntas, e é função do Estado proporcionar acessibilidade nos espaços culturais. A cidade de Manaus atualmente tem esses locais preparados para receber a pessoa com limitações em um contexto social? Não só receber, como se essas pessoas frequentam tais locais? É algo que veremos mais adiante.

O subitem abordou a tecnologia assistiva vinculada ao reconhecimento do Estado, como também a acessibilidade intrínseca ao lazer, mais adiante será feito um panorama acerca dos órgãos estatais amazonenses responsáveis pelo lazer mais acessível à cidade de Manaus.

4.2 INSTITUIÇÕES DE ACESSIBILIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

O estado do Amazonas tem em dois órgãos de acessibilidade uma função conjunta em cima de acessibilidade e lazer: a Biblioteca Braille do Amazonas e a Assessoria de Acessibilidade da SEC (Secretaria de Cultura). Ambos trabalham em harmonia em projetos de adaptação de bens culturais, sejam eles tangíveis ou intangíveis, voltados em especial para as pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Esses dois órgãos da esfera estadual nada mais são que políticas públicas que atenderam uma demanda que historicamente foi reprimida (como visto no capítulo dois), como enfatiza Secchi (2016, p. 2):

Uma política pública possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública, e resposta a um problema público; em outras palavras, a razão de uma política pública é o tratamento ou a resolução de um problema entendido como coletivamente relevante.

Secchi coloca bem a *resolução de um problema entendido como coletivamente relevante*, a seguir os dois órgãos de esfera estadual, vão ao encontro do conceito de Secchi, como isolados ou no apoio de outro órgão do governo estadual.

Começaremos falando da Biblioteca Braille do Amazonas, órgão que tem sua gênese junto a Biblioteca Pública do Amazonas, em 8 de novembro de 1999, quando por acaso nas palavras do responsável da Biblioteca Braille, “**se achou alguns livros em Braille**”; análogo a um contexto em que, no Amazonas, as pessoas com limitações visuais tinham poucas opções de acesso a lugares com acessibilidade, como a Escola Joana Rodrigues e a Associação de Deficientes Visuais do Amazonas (ADVAM).

Neste sentido, a Biblioteca Braille do Amazonas se mostrou mais uma opção entre as alternativas de lugares para receber pessoas com limitações visuais na cidade de Manaus. A Biblioteca Braille do Amazonas paulatinamente foi sendo reconhecida como uma instituição com características ímpares não somente no Amazonas, mas na sociedade brasileira como um todo. Nas palavras de Nascimento (2019, p. 51):

(...) O objetivo maior é a educação, profissionalizante e lazer, levando cidadania a todas as pessoas com deficiência visual, oferecendo livros falados, em braille ou digitais para as pessoas que queiram estudar ou fazer algum tipo de concurso. Na parte cultural ou lazer, trabalham em parceria com a assessoria de inclusão, nos teatros, cinemas, fóruns, e nos encontros. Promove curso de braille, curso para as pessoas que trabalham em uma biblioteca, que querem transformar essa biblioteca acessível.

Nascimento pondera que a Biblioteca Braille está muito além de apenas mais um órgão da esfera estadual que quer fazer uma política pública efêmera e passageira. Ela está inserida em distintos governos estaduais prestando um serviço público de qualidade e isonomia social.

Agora é hora de dar voz ao próprio gestor da Biblioteca Braille, que aqui será chamado de Senhor Braille. Em entrevista, ele respondeu alguns questionários que

passamos para ele acerca da função da Biblioteca Braille, voltado especificamente para o acesso ao lazer.

Qual a função da Biblioteca Braille para adaptações de espaços como: museus, teatros, cinemas, Vila Olímpica de Manaus, voltados diretamente à pessoa com limitações visuais em um contexto social na cidade de Manaus?

Senhor Braille: Bom, a nossa percepção, primeiramente, museus, a partir de 2009 passamos a levar acessibilidade a esses lugares para que eles pudessem receber com maior qualidade pessoas com deficiência visual. Mas, também, os Teatros; a vila olímpica, temos uma parceria muito bacana com o professor Sérgio³⁴, todas as pessoas que estão aqui são levadas a fazer algum tipo de esporte, tipo de lazer. Então a gente sempre está próximo desses lugares, porque esses lugares exigem um pouco de acessibilidade. E aqui a gente oferta com o nosso conhecimento e a nossa capacidade, essa acessibilidade para que essas pessoas possam ir ao museu, no cinema, no teatro, em qualquer outro lugar, porque a gente só vai nesses lugares quando a gente é estimulado a ir nesses lugares, a ser bem recebido, a ter que participar, a partir do momento que a gente oferece acessibilidade a esses lugares, com certeza, todas as pessoas com deficiência visual passam a ir, nesses lugares.

Qual a percepção que a Biblioteca Braille em cima do atual momento do lazer na cidade de Manaus para a pessoa com limitação visual em um contexto social?

Senhor Braille: Agora com muita alegria, participa ativamente, nessa parte de lazer as pessoas com deficiência visual, a gente trabalha muito. Acabamos de chegar de Parintins³⁵, fizemos um festival folclórico, fizemos este ano a ópera³⁶. Fizemos, também, agora o festival de Jazz. Então, nós hoje em dia trabalhamos muito para que essas pessoas possam ter, muitas coisas para fazer, tanto na ópera, quanto na música, shows. Cara! É incrível quando você leva acessibilidade, quando você tem uma política séria de inclusão social, as pessoas saem de casa, as pessoas vêm te ver, a pessoas vem curtir show, uma boa peça, uma boa ópera. Então isso é o que a gente faz. Essa inclusão na parte de lazer, tem até em Manacapuru³⁷ Agora, agora que faz a ciranda, em Parintins,

³⁴ Sérgio Nazareno: professor de educação física adaptada, trabalhando desde os anos de 1990.

³⁵ Festival Folclórico de Parintins.

³⁶ Festival de Ópera de Manaus, ocorre no Teatro Amazonas.

³⁷ Festival de Ciranda de Manacapuru.

que faz o festival folclórico, festival de ópera. Então a gente trabalha com muita alegria, com muito amor, com muita vontade, para que todas essas pessoas saiam de casa. Aqui mesmo na Braille, a gente oferta cavaquinho, teclado e violão, para as pessoas com deficiência visual.

O Senhor Braille enfatiza ainda que, os serviços da Biblioteca Braille são como uma ferramenta do estado do Amazonas e não apenas mais um lugar na paisagem urbana. Ela se desloca por meio de seus servidores, serviços, produtos e parcerias, alcançando locais onde há uma materialização estatal.

Ele fala que a partir de 2009 esse deslocamento da Biblioteca Braille atinge museus, como também há parcerias vinculado à profissionais de educação localizados diretamente na Vila Olímpica. Ele cita ainda os cinemas e teatros. É interessante, pois esses espaços estão diretamente relacionados ao lazer da capital amazonense.

O Senhor Braille também pondera a respeito do panorama atual do lazer da pessoa com limitação visual em um contexto social, salientando a participação mais ativa em espaços de lazer, como em espetáculos que tradicionalmente ocorreram na cidade, como os espetáculos de ópera.

Essa fala do Senhor Braille demonstra o nível de sensibilidade e integração que o Estado ratifica em relação a pessoa com limitações visuais em um contexto social, mostrando que o tempo que nós vivemos é uma era de direitos sociais institucionalizado pelo próprio Estado como argumenta Bobbio (2004).

Agora é hora de ver como é a Biblioteca Braille do Amazonas, levando em conta seu material físico e humano ao seu redor, para dar um exemplo de local acessível e preparado para receber uma pessoa com limitação visual em um contexto social.

4.2.1 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DA BIBLIOTECA BRAILLE DO AMAZONAS

Um grande problema do acesso à Biblioteca Braille do Amazonas é, sem dúvida alguma, sua localização espacial. Pelas dimensões urbanas que ao longo do tempo tornaram Manaus uma cidade grande, a Biblioteca Braille está localizada no bairro de Flores, na Avenida Pedro Teixeira, claro, o seu prédio é referência na cidade: o Centro de Conversões Professor Gilberto Mestrinho (conhecido popularmente como

Sambódromo de Manaus), todavia, eu sendo uma pessoa que ainda tem certa autonomia de usar o transporte público (mesmo sendo minha acuidade visual extremamente diluída), senti muita dificuldade em achar tal local.

Não há ônibus na cidade específicos para ela, o que de fato tem são linhas que passam perto ou na frente. Para uma pessoa que depende exclusivamente de transporte público como eu e outras pessoas com limitações em um contexto social, isso se torna difícil.

Outro ponto é atravessar a rua. Isso fica muito fácil em virtude ter um semáforo sonoro que auxilia no ato de atravessar a rua. O semáforo sonoro tem informação em braille e apita depois de um minuto ao apertar o botão para a pessoa atravessar.

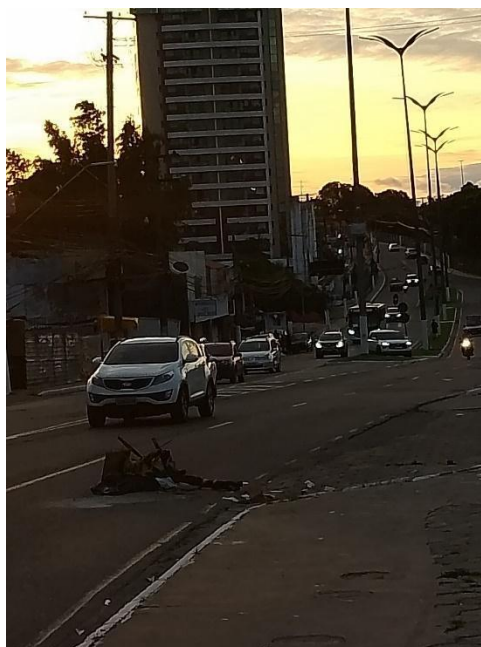
Figura 21: parada de ônibus.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: Foto de uma parada de ônibus. Na lateral da parada, há um banner onde está escrito com letras vermelhas Manaus. Abaixo há uma foto de uma cuia cheia de farinha com uma pimenta malagueta em cima.

Figura 22: Avenida Pedro Teixeira



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: O capitão Pedro Teixeira, era cavaleiro da ordem de Cristo e moço e Fidalgo da casa Real. Passaria para a história brasileira ,como capitão-mor Pedro Teixeira,o conquistador da Amazônia. Descrição da foto. Foto panorâmica da Avenida Pedro Teixeira, durante o dia.

Figura 23: Semáforo Sonoro



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: Descrição da foto. No ano de 2008,o gerente da biblioteca Braille do estado do Amazonas Gilson Mauro Pereira, solicitou na antiga SMTU, a instalação do farol sonoro na avenida Pedro Teixeira em frente ao Sambódromo de Manaus, onde está localizada a biblioteca Braille desde o dia 04 de abril de 2008.

Figura 24: Braille



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: Foto do farol sonoro, localizado na avenida Pedro Teixeira, onde está escrito sobre uma placa na cor prata os dizeres em braille: Farol sonoro, aperte o botão.

Figura 25: Apito do Semáforo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Mostra o semáforo, atrás há diversos automóveis passando na avenida Pedro Texeira

Um ponto que me impressionou bastante foi sobre o tratamento da pessoa da portaria que me disse onde ficava especificamente a Biblioteca Braille (Bloco C do Sambódromo), se oferecendo para me guiar até lá e me conduzir ao piso tátil que leva a Biblioteca Braille. Aquilo para mim foi um espanto, levando em conta a minha especificidade como ser humano, sempre eu senti uma indiferença enorme de pessoas que não me conheciam em querer me ajudar, aquele gesto me deixou bastante impressionado devido ao ineditismo da situação. (há mudanças de comportamento dos indivíduos que forma a sociedade)

O aspecto de ajuda é o piso tátil que está na entrada do Sambódromo e conduz diretamente ao Bloco C, onde está localizada a Biblioteca Braille. O piso tátil já tem algumas peças se descolando, mas no geral foi uma caminhada tranquila para mim (mas temos que levar em conta a pessoa totalmente cega, que precisa de um piso tátil completo com todas as peças).

Figura 26: Entrada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Foto do caminho tátil, na entrada da biblioteca Braille do estado do Amazonas. Este caminho tátil foi disponibilizado para uso das pessoas com deficiência visual, na biblioteca Braille no ano de 2008.

Figura 27: Caminho do piso tátil



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: há um piso tátil que leve diretamente para a entrada da Biblioteca Braille do Amazonas

Figura 28: Outro Caminho tátil



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: há um piso tátil, ao lado há um carro estacionado da cor prata.

Figura 29: Caminho da Biblioteca



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra o caminho tátil saindo da biblioteca Braille do estado do Amazonas. A pessoa com deficiência visual, sai da biblioteca, segue reto, dobra a direita seguindo sempre em frente e se encaminha para o último portão próximo a pista na avenida Pedro Teixeira.

Ao adentrar na Biblioteca Braille me deparei espantado com um local feito e moldado para a pessoa com limitações visuais em um contexto social. Eu disse que fazia uma pesquisa que envolvia a Biblioteca Braille, de antemão fui conduzindo para falar com o Senhor Braille. Ele dissera dos múltiplos serviços que este espaço presta à sociedade amazonense: transforma livros convencionais em livros Braille e audiolivros. Na ocasião, ele estava ensinando um aluno da Biblioteca Braille a ler e escrever usando sistema braille.

Depois eu circulei pelo espaço. Me chamou a atenção os distintos prêmios que a Biblioteca Braille havia ganhado da sociedade como uma forma de reconhecimento social pelos serviços prestados. A sala onde havia aulas de música (estava tendo aulas de violão a última vez que fui lá).

Figura 30: Prêmios da Biblioteca



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

ESCRITURAÇÃO: A foto mostra uma estante que fica no hall da biblioteca Braille do estado do Amazonas. Na parte superior da estante, há dois jogos educativos e um jarro vermelho com flores. Na primeira prateleira, há dois certificados: Um do prêmio " Ser Humano " e o outro é uma homenagem do Instituto Amazonas de Inclusão. Na segunda prateleira, há mais dois prêmios :O prêmio Ser humano 2016 e o outro é o prêmio de acessibilidade a cultura. Na terceira prateleira, há um microsistema e um outro prêmio que é uma placa em homenagem aos 20 anos da biblioteca Braille em novembro de 2019.

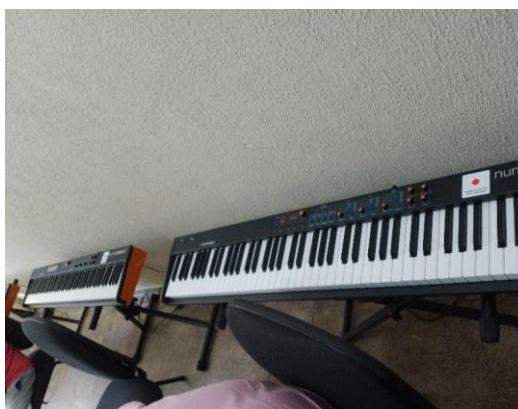
Figura 31: Sala de música



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra a porta da sala de música da biblioteca Braille do estado do Amazonas. A porta é na cor azul. Na parte superior da porta, há uma placa de acrílico na cor branca, onde está escrito em 2 níveis: Sala de música. Abaixo está escrito também em braille.

Figura 32: Teclados musicais



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra dentro da sala de música da biblioteca Braille do estado do Amazonas. Entrando pela porta a direita, há 3 pianos elétricos na cor preta com as teclas brancas da marca: Numa compact 2. Os pianos estão posicionados sobre suportes na cor preta. A frente de piano, há uma cadeira forrada com tecido preto.

O acervo de livros em braille me deixou espantado. Nas prateleiras constam livros com temas heterogêneos junto de CD's com conteúdo de livros e legislações. O Senhor Braille me disse que a Biblioteca Braille já ajudou diversas pessoas com limitações visuais em um contexto social a serem aprovados em concursos públicos e vestibulares. Me deixou instigado com as outras tecnologias assistiva que há na biblioteca, como: lupas, lupa eletrônica³⁸, impressoras para formato braille³⁹, computadores e mais especificamente, um material humano que sabe lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social.

Figura 33: Acervo de livros em Braille



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra o interior da sala de imprensa Braille na biblioteca Braille do estado do Amazonas. Onde há um acervo de livros em braille, com 5 estantes contendo aproximadamente 1166 volumes de livros em braille.

³⁸ Dispositivo parecido com celular que amplia o tamanho de tudo que é focado por ele, tendo as opções de aumento do tamanho, como usar outras cores.

³⁹ Impressora que imprime documentos em braille.

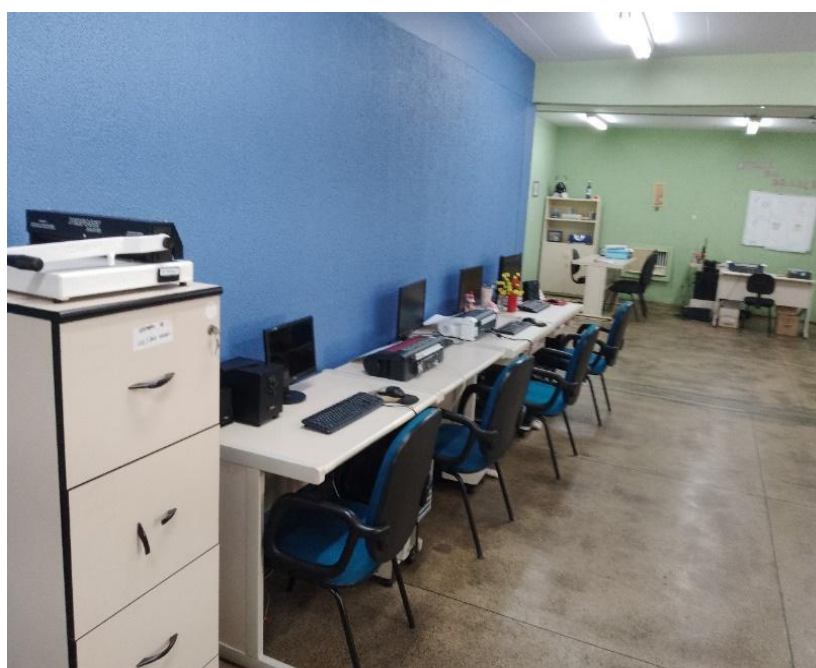
Figura 34: Digitação



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra uma mesa redonda na cor bege, com um centro de mesa na cor branca e um jarro verde de vidro com flores. Próximo ao jarro, há uma máquina de escrever Perkins Braille. Desenvolvida em 1951, Perkins Braille é a mais tradicional máquina de escrever que se tornou referência mundial por sua qualidade e eficiência na escrita Braille. Este modelo tradicional é robusto, portátil e durável. Permite imprimir 25 linhas com 42 células em cada página.

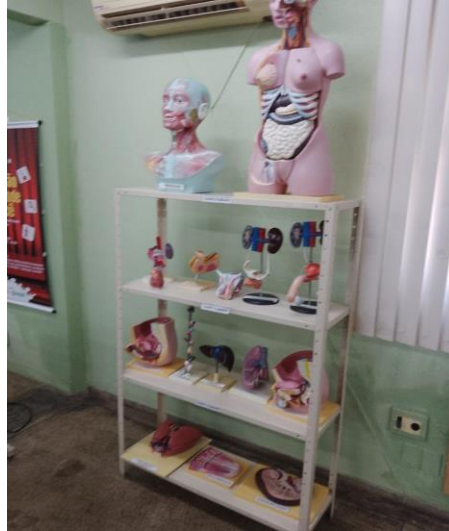
Figura 35: Computadores



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra a sala da imprensa braille da biblioteca Braille do estado do Amazonas. Onde mostra ao lado esquerdo da sala, uma parede azul. Onde se encontram: 1 armário arquivo na cor bege e 3 mesas também na cor bege. Sobre as mesas, há 2 impressoras e 2 computadores. A frente de cada mesa, há uma cadeira nas cores azul e preta.

Figura 36: Réplica palpável do corpo humano



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra na sala da imprensa braille da biblioteca Braille do estado do Amazonas, uma estante com vários órgãos do corpo humano, onde as pessoas com deficiência visual, podem apalpar e entender como são os órgãos do corpo humano.

Há as cabines onde é feito o processo de transformar livros em áudio, sendo que, o Senhor Braille enfatizou que esse serviço de audiodescrição é algo que vai além dos limites da Biblioteca Braille. Um exemplo disso, são as óperas que são apresentadas no Teatro Amazonas, em que são prestados serviços de audiodescrição.

Figura 37: Estúdio de audiodescrição



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra a porta do estúdio 1 de gravação da biblioteca Braille do estado do Amazonas. A porta é na cor azul. Na parte superior da porta, há uma placa branca de acrílico, onde está escrito em tinta preta e em braille: ESTÚDIO 1.

Um ponto a ser frisado por mim é que a Biblioteca Braille do Amazonas é um equipamento de lazer não específico, como pode ser um espaço mimético de busca de renovar as emoções, para quebra da rotina social. Ela tem material humano e tecnológico que converge com o lazer. O próprio Senhor Braille escutou toda a saga dos livros de Harry Potter⁴⁰ e me disse que adorou. Há ainda o ensino de música na biblioteca, como é ofertado o curso de informática. O próprio Senhor Braille reforçou a parceria com a Vila Olímpica.

Claro, devemos levar para o senso crítico o aspecto do lazer, principalmente para quem quebra a rotina, e encontra na Biblioteca Braille novas formas de socialização em livros, instrumentos musicais e convívio social, que converge diretamente para novas tensões emocionais.

Todas essas dinâmicas sociais que ocorrem na Biblioteca Braille do Amazonas estão na esfera do lazer, como frisa o próprio Senhor Braille. Dessa forma, o ensino da música entra na perspectiva de Elias e Dunning (1992) acerca das tensões que ocorrem no lazer, como Marcellino (2021) sobre um local inserido no espaço urbano

⁴⁰ Série de livros muito popular, escritos pela autora J. K. Rowling, que segue o amadurecimento de um bruxo, em uma escola para bruxos.

que proporcione lazer, como Pinto (2009) que sobre a acessibilidade que deve existir na esfera do lazer vinculada às políticas públicas.

Aqui devo informar que a Biblioteca Braille é um espaço que serve como exemplo cristalino, não vou me aprofundar nela, levando em conta que ela foi pesquisada em outras atividades acadêmicas, mas sim, dizer que ela é um órgão de acessibilidade, que tem no material humano e tecnológico um diferencial para atuar em outros espaços (sejam eles público ou privado).

Por fim, a Biblioteca Braille do Amazonas trabalha diretamente como um órgão do Governo Estadual para intermediar os serviços nos espaços de esfera cultural, por meio da Assessoria de Acessibilidade da Secretaria de Cultura (SEC).

4.2.2 ASSESSORIA DE ACESSIBILIDADE DA SECRETARIA DE CULTURA (SEC)

Este órgão tem um trabalho conjunto não apenas com a Biblioteca Braille, mas com os espaços culturais vinculados à esfera administrativa do poder estado do Amazonas (Governo Estadual). Ele está presente em shows, teatros entre outras expressões culturais vinculado ao Governo Estadual.

Anteriormente denominada de *Assessoria de Inclusão da Pessoa com Deficiência*, foi criada em 2012 para atender as pessoas com limitações em um contexto social em todos os eventos culturais vinculados ao Governo do Estado.

A atual responsável pela AASEC (Assessoria de Acessibilidade da Secretaria de Cultura) pondera que este órgão acompanhou a *trajetória do querer fazer acessibilidade*. Antes do órgão ser criado em 2012, já havia uma iniciativa ou outra em um aspecto da acessibilidade. Um hino nacional com o responsável pela tradução em Libras no palco, uma rampa em um prédio, alguma coisa em formato braille, todavia, era algo esporádico, que não atendia de fato as dinâmicas sociais que é a inclusão social.

Não havia de forma plena uma política pública voltada para a inclusão. É necessário voltar para a última política pública cultural que impactou as instituições culturais no Amazonas, como o Programa Manaus Belle Époque, que tinha como objetivo revitalizar espaços que referenciam diretamente o aspecto cultural desse período do ciclo econômico da borracha (1890-1910), enfatizando muito o aspecto do

potencial econômico e turístico do estado, não levando a sério o aspecto da acessibilidade.

O Programa Manaus Belle Époque teve muitas críticas (centralização da política pública na capital amazonense, apagamento da cultura dos povos originários em detrimento da valorização da cultura dos colonizadores) como pondera Oliveira (2004), a Belle Époque foi uma política de Estado e não de governo, que influenciou de forma sistemática a centralização de eventos culturais no centro de Manaus.

Castro (2006) aponta que houve também uma preocupação da Secretaria de Cultura (SEC) em apenas revitalizar (pinturas, restauração). Dessa maneira, este programa de Estado deixou de levar em conta a acessibilidade em todos os seus aspectos (não apenas o aspecto econômico) em fazer rampas, trazer o sistema braille, o sistema libras embutidos na política pública e, neste momento, não estou sendo anacrônico, pois o ano deste projeto cultura é a segunda metade dos anos de 1990, quando já havia um norte em relação aos direitos de ir e vir e outras conquistas sociais vinculadas a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

Elias (1990) pondera que o processo civilizador é algo lento e gradual, a AASEC é fruto desse processo. Foi visto pelo estado a ausência de uma política de inclusão de forma significativa que não houvera em outros tempos. Destarte, a AASEC nasce para atender essa demanda sempre reprimida em relação à acessibilidade cultural.

Outro aspecto a ser salientado é que a AASEC é um órgão vinculado ao poder estadual e que circula pelas cidades do Amazonas, não apenas se fixando na capital amazonense, prova disso é que a Biblioteca Braille geralmente está presente em espetáculo como o Festival Folclórico de Parintins e a Ciranda de Manacapuru, por exemplo.

Todavia, o objeto de estudo da nossa pesquisa é o lazer da pessoa com limitações visuais em um contexto social na cidade de Manaus. Assim, foi perguntado diretamente aos representantes da AASEC, a função dele para adaptações dos espaços culturais.

Como vocês da AASEC lidam com espaços como museus, teatros, cinemas e a Vila Olímpica?

Representante da AASEC: Olha, ainda tem muito o que ser feito, principalmente, vou falar dos nossos espaços culturais, administrados pela secretaria da cultura, onde eu gerencio a acessibilidade, nós temos muito o que desejar. No teatro da instalação, por exemplo, nós instalamos uma cabine de

audiodescrição, nós temos esses prédios históricos de difícil adaptação física, mas sempre é feito o que se pode, agora estão colocando plataforma em todos os espaços. Estamos seguindo em frente. Quanto a cabine de Libras é uma tecnologia mais avançada, colocamos intérprete no palco, colocamos intérprete ao lado. A gente vai fazendo o que pode, por exemplo, em Parintins, nós montamos uma cabine de libras, montamos uma cabine de audiodescrição. Na ciranda de Manacapuru, nós vamos levar um teste, vamos levar uma cabine de audiodescrição. Então onde a secretaria atua, ela vai levando, dentro do possível. Fazemos visitas técnicas, vemos o que é possível fazer. E sempre que podemos nós fazemos. Ele falou da Vila olímpica, na verdade eu não conheço a Vila Olímpica. Conheço lá de ir ver um campeonato de natação. Então nunca analisei, não posso falar assim desse espaço especificamente, sobre acessibilidade lá, eu desconheço.

Como vocês (AASEC) veem o lazer da pessoa com limitações visuais hoje em dia, na cidade de Manaus?

Representante da AASEC: Bom, volto a falar, considerando os espaços culturais, nós temos boas opções de lazer. Nós temos espetáculos e festivais o ano inteiro. E o ano inteiro nós fazemos audiodescrição, nós estamos sempre aqui, sempre aqui. Sempre no Teatro, sempre como eu falei é em Parintins, na Ciranda, no teatro da instalação, teatro Gebes Medeiros. Dos espaços da secretaria sempre são oferecidos bastante lazer, como no Centro Cultural Povos da Amazônia, sempre tem eventos, sempre colocamos audiodescritor, sempre a gente coloca intérprete de Libras e sempre estamos lá recebendo. Então considerando diversas culturas, nós temos bastante.

Pela fala do responsável da AASEC, há uma nítida preocupação em tentar atender na medida do possível a adaptação dos espaços. Só que temos que pontuar algo que ela disse: “nós temos esses prédios históricos de difícil adaptação física, mas sempre é feito o que se pode”, que muitos espaços de cultura (em especial o Teatro Amazonas) são prédios construídos no século XIX, tombados como patrimônios históricos e culturais da sociedade brasileira,

Pela legislação do Brasil (Decreto-Lei n. 25, 1937) esses prédios não podem sofrer muitas alterações, que modifiquem sua aparência original, todavia, falando em tecnologia assistiva, não há uma radical intervenção no local. Para audiodescrição e

tradução de Libras, por exemplo, existe a necessidade de uma cabine que não ocupa um considerável espaço.

Para pessoas com locomoção física limitada, rampas e assentos adaptados, existe a necessidade de um piso tátil, que aí sim pode mudar os pisos do prédio, porém, temos que salientar a estrutura do piso tátil que será instalado (muitas vezes é um material de borracha que é colado no piso, ou que pode ser colado em cima de alguma estrutura que de forma direta não prejudique o patrimônio).

Ainda de acordo com a representante da AASEC, as visitas técnicas são fundamentais para saber onde se deve fazer a adaptação, como escolher um lugar apropriado para a pessoa com limitações visuais em um contexto social, permitindo que ela possa ficar e circular com autonomia, sem o impedimento das barreiras físicas. A fala dela vai de encontro ao que pensa Bourdieu (2010) em torno do campo e dos hábitos sociais, existindo a necessidade da AASEC identificar e adaptar os espaços previamente, para que haja autonomia da pessoa em torno do espaço, para ela se sentir à vontade para sentar, andar e conversar.

Um ponto a ser destacado é a Vila Olímpica, sendo a AASEC um órgão do Governo do Estado do Amazonas, ela segue uma hierarquia e tem limitações administrativas, portanto, ela está restrita aos prédios e eventos da SEC, sendo que a própria Vila Olímpica tem uma estrutura de adaptação autônoma a qual terá seu espaço mais adiante.

Há ainda o calendário cultural do Estado do Amazonas que dá o Norte para as atividades da AASEC, dessa forma, ela é dependente da própria SEC para uma prática administrativa.

No próximo tópico, será abordada a parte técnica de uma visita realizada nos locais junto com um procedimento etnográfico dos locais visitados. Há também a conversa com os funcionários destes locais e a entrevista direta com pessoas com limitações visuais em um contexto social.

4.3 PROCEDIMENTO ETNOGRÁFICO DE ASSISTIR UMA APRESENTAÇÃO NO TEATRO AMAZONAS

Teatro é luz, alvorada. Em época como a nossa, afirmação de identidade... Teatro é desejo, luta corporal, defesa pessoal, Teatro, se fala a verdade, propõe a busca de si mesmo, a de si nos outros a dos outros em si. Propõem a humanização do ser humano! Isto não se faz sem luta. Hoje teatro é uma arte marcial!

Para começar, devemos nos remeter ao direito de ir e vir, neste caso, o transporte público, ou seja, o ônibus. Levando em conta a localização do Teatro Amazonas⁴¹, no Centro da cidade, há uma quantidade expressiva de linhas de ônibus que vão para o centro. Todavia, o Teatro Amazonas não fica perto de uma parada de ônibus específica, sendo necessário prosseguir alguns metros de caminhada.

Está aí uma grande barreira arquitetônica, levando em conta a falta de semáforos sonoros no centro da cidade (foi visto um apenas, na Praça da Saudade), nas demais ruas são insuficientes em relação aos semáforos sonoros. Outro ponto a ser salientado são as calçadas, ou até mesmo a falta delas. Há diversas calçadas em estado deplorável no centro de Manaus, ocasionadas principalmente devido a “invasão” de comerciantes nas calçadas.

Figura 38: Calçada do largo São Sebastião



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra durante o dia, a esquerda: Uma parte do muro de pedra na cor marrom do teatro Amazonas. A direita do muro, há o piso de granito grande na cor cinza.

⁴¹ Avenida Eduardo Ribeiro, 659, Centro.

Figura 39: Rua Adjacente do Teatro Amazonas



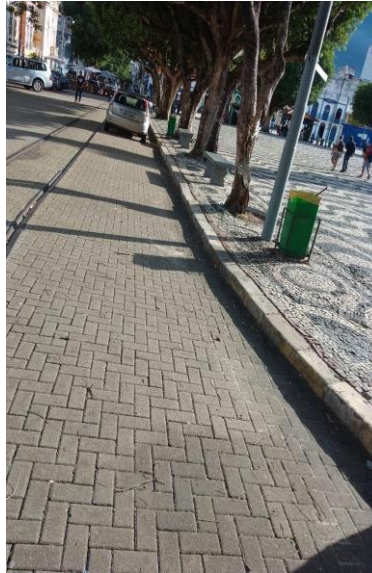
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma faixa de pedestres que está localizada entre a rua 10 de julho e a rua tapajós próximo ao largo de São Sebastião.

O Largo de São Sebastião é outro problema de circulação espacial. Ele não apresenta nenhum semáforo sonoro, há várias faixas de pedestres que estão nas ruas adjacentes ao Teatro Amazonas, todavia, há um fluxo constante de carros, motos e ônibus de turismo que dificultam bastante o ato de atravessar uma rua.

No Largo de São Sebastião há diversos declives que foram imperceptíveis para mim, e dificultaram bastante a minha caminhada; como há comerciantes que ocupam o espaço do largo, sem contar a falta de um piso tátil que leve ao Teatro Amazonas.

Figura 40: Espacialidade do Largo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra a direita, uma parte do piso do largo de São Sebastião. Este piso é na cor cinza. A direita, há uma outra parte do piso do largo de São Sebastião, onde há 5 bejaminzeiros, 2 bancos de cimento na cor cinza, e 2 lixeiras na cor verde. Esta outra parte do piso tem as cores preta e branca.

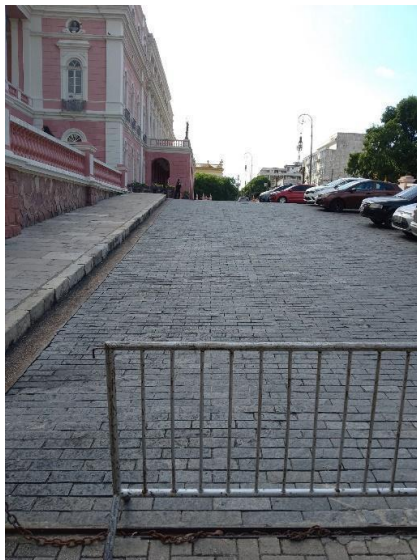
Figura 41: Calçada do Largo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra ao fundo a galeria do largo. Do lado direito da galeria do largo, há 5 bejaminzeiros. O piso do largo, é feito de pedras portuguesas que formam ondas nas cores preta e brancas. Este piso, foi construído na época áurea da borracha.

Figura 42: Rampa de acesso ao Teatro Amazonas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra em primeiro plano, uma grade na cor prata. Em seguida, no piso, há a rampa feita de paralelepípedos na cor cinza. Esta rampa, dá acesso ao teatro Amazonas. Seguindo em frente sobre sobre a rampa, dobrando a esquerda ,há a entrada principal e o café do teatro Amazonas.

Figura 43: Entrada Preferencial



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra em primeiro plano uma rampa para pessoas usuárias de cadeira de rodas na cor branca. Seguindo em frente, há a entrada do café do teatro Amazonas, onde há uma porta central e 2 janelas nas laterais esquerda e direita. As paredes são na cor salmão e as janelas são brancas com vidros quadrados transparentes.

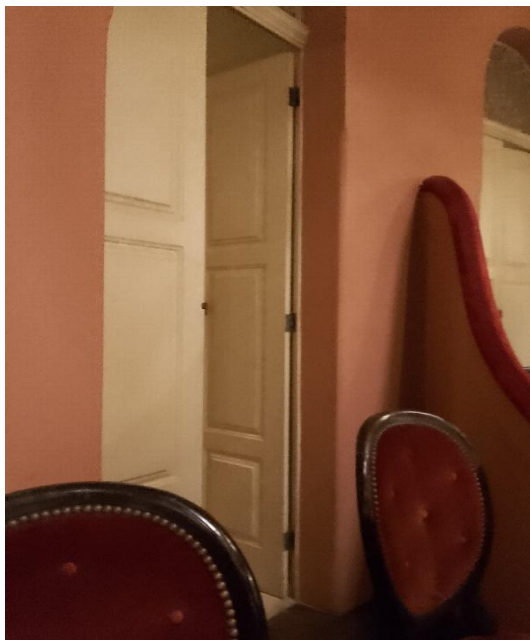
Há uma rampa que facilita bastante o acesso ao teatro. A entrada para a pessoa com limitações em um contexto social não é na fila convencional, mas na parte ao lado do teatro, onde há um pequeno café do teatro⁴². Isso é positivo, segundo a legislação nacional (2015) deve haver uma prioridade no atendimento à pessoa com limitações em um contexto social.

Dentro do teatro há um piso tátil que leva diretamente ao local onde há pessoas que lidam com a acessibilidade do teatro. A pessoa designada pelo setor de acessibilidade me passou uma espécie de rádio com fones de ouvidos, pediu para eu não mexer no aparelho, pois já estava sintonizado. Me guiaram ao camarote do teatro reservado (há pessoas específicas para isso) a pessoa com limitações em um contexto social. Todavia senti falta do piso tátil que dá acesso às cabines reservadas, mas há rampas na entrada do camarote.

Há quatro cadeiras no camarote, percebi que as outras duas cabines (são três camarotes ao todo) estavam ocupadas usando o mesmo aparelho que eu estava usando, todos acompanhados. O Senhor Braille com a sua assistente apareceu nos camarotes e cumprimentou de cada um de nós, dizendo que estava muito feliz por nós estarmos lá no espetáculo. Ele disse que ia fazer a audiodescrição do espetáculo.

⁴² La Gioconda Café: venda de cafés e bolos e salgados.

Figura 44: Camarote com as cadeiras



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra o interior de uma das frisas do teatro Amazonas. As paredes são na cor salmom. O teto e as portas são bege. As cadeiras são de madeira marrom forradas com veludo vermelho. O piso é de madeira.

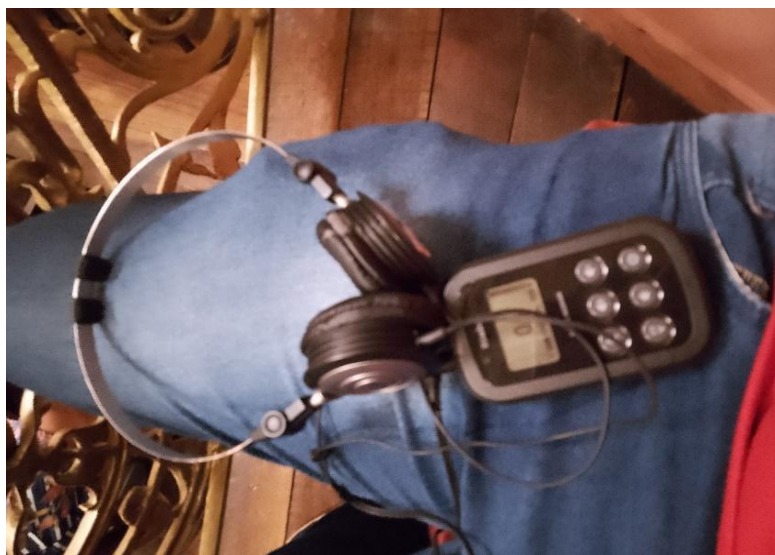
Figura 45: Camarotes



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra a entrada de 3 frisas acessíveis do teatro Amazonas. Na entrada das frisas ,há uma rampa na cor branca para usuários de cadeira de rodas. As portas são na cor bege. Essas frisas ou camarotes, também são usadas para acomodar outras pessoas com outros tipos de deficiência durante os espetáculos no teatro Amazonas.

Figura 46: Rádio para ouvir a audiodescrição



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra um fone de ouvido e um receptor de audiodescrição, que está sobre a perna direita de uma pessoa com deficiência visual.

Figura 47: Vista do camarote para o palco



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra a vista de um camarote acessível do teatro Amazonas, para uso das pessoas com deficiência, que está localizado a direita da plateia.

Demorou mais ou menos 40 minutos para se iniciar a apresentação. Era o Quebra Nozes (dezembro, época de Natal). Eu comecei a ouvir uns chiados que oriundos do fone de ouvidos, quando no palco houve uma síntese do patrocínio do Governo do Estado, incentivando a cultura local, como enfatizando que o espetáculo a seguir seria feito de modo acessível tanto para audiodescrição (limitações visuais) como Libras (limitações sonoras).

Um ponto que me incomodou um pouco foi a posição do camarote: para mim ficou um pouco ao lado demais, isso dificultou ver o palco em sua plenitude.

A audiodescrição no geral foi boa, houve um momento em que o chiado do rádio sobressaia a descrição do locutor (talvez fosse o meu aparelho), mas o narrador

conseguiu na medida do possível descrever o que acontecia no palco: dizer quantos personagens interagiam, falar as descrições das roupas, os movimentos que eles faziam no palco.

Um problema para mim era quando a apresentação se tornava dinâmica nos movimentos, e na quantidade distinta de personagens que havia no palco. O narrador não conseguia capturar toda essa dinâmica, ele fazia uma síntese da situação que ocorria, perdendo assim uma pequena fração do espetáculo.

Figura 48: Encenação no palco

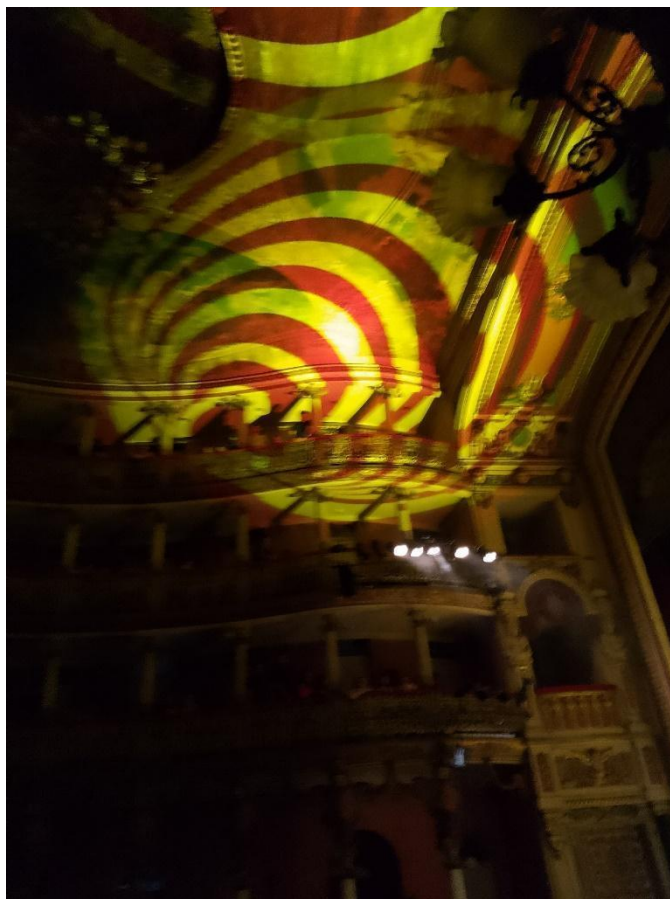


Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra a imagem afastada do palco na encenação do concerto de Natal 2023 "O quebra nozes."

Ele narrava o que ocorria fora do palco, sendo que havia luzes que iluminavam periodicamente o teto do teatro; quando era a vez do coro cantar, o narrador dizia quantas pessoas estavam ao todo no coro, como a localização geográfica do coro no teatro.

Figura 49: Luzes no teto do Teatro Amazonas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra a imagem afastada da projeção de luzes no teto do teatro Amazonas, nas cores vermelha e verde limão.

Ele sinalizava no rádio os momentos de passagem da peça (ato 1 para o ato 2), como durante a apresentação que narra todos os nomes dos atores e dançarinos e seus respectivos personagens na apresentação, como narrou quando a cortina vermelha abaixou, botando fim ao espetáculo.

Eu tenho uma acuidade visual bastante diluída, uso um monóculo para conseguir interagir de forma autônoma. Dessa forma, pude observar que o narrador no geral foi muito fidedigno ao que de fato ocorria no palco.

Os movimentos dos atores no palco algumas vezes eram difíceis para o narrador descrever, por exemplo, quando havia um salto mortal o narrador tinha dificuldade em descrever tal situação, como alguns objetos que saíam ou entravam no palco de forma rápida, havia sim uma falta de esclarecimento de como era esse objeto e qual era o seu verdadeiro posicionamento no palco.

Eu prestei atenção nas outras pessoas do camarote, elas estavam de fato apreciando o espetáculo, todos eles usavam o mesmo rádio que eu usava, não houve saída deles até o fim do espetáculo. No fim, para mim de fato a audiodescrição do Quebra Nozes foi uma experiência bastante acessível.

4.3.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA, E DE QUEM TRABALHA NO TEATRO AMAZONAS

O procedimento etnográfico descrito anteriormente é um recorte, que traz um ponto de vista acerca da acessibilidade do Teatro Amazonas, agora é chegada a hora de ver o que outras pessoas com limitações visuais em um contexto social pensam, como indagar diretamente a funcionários que trabalham no teatro o que eles pensam e sabem de acessibilidade no Teatro Amazonas.

Começamos perguntando para uma funcionária que trabalha diretamente para a acessibilidade do Teatro Amazonas. Foram feitas perguntas fechadas para ela, com a temática de presença e estrutura humana e física do teatro.

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no Teatro Amazonas?

Funcionário do Teatro: Sim, lógico que nós recebemos, não só no Teatro Amazonas, como em outros espaços culturais da secretaria. Nós temos aqui, uma cabine de audiodescrição, onde o audiodescritor fica dando toda a descrição do que acontece no palco. Como por exemplo: cai um prato, a pessoa deficiente visual não sabe que caiu um prato, o audiodescritor descreve que caiu um prato do lado direito ou esquerdo da mão da pessoa, como foi que

aconteceu a cena e mais e mais... Ele passa as características das roupas do figurino e tudo mais. Enquanto o audiodescritor faz a audiodescrição da peça, a pessoa com deficiência visual está em algum lugar do teatro com o rádio no ouvido escutando a audiodescrição.

Você acha que o recurso humano do Teatro Amazonas está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Funcionário do Teatro: Estamos sim, estamos sempre fazendo cursos de como receber uma pessoa com deficiência visual, as pessoas que estão aqui devem estar preparadas, tem como saber lidar com a pessoa, como caminhar com a pessoa por dentro do monumento, muita das vezes eles vem acompanhados, ou não esse problema já está resolvido, mas as pessoas do teatro sempre são passadas por curso de como receber uma pessoa com deficiência. Caso você avise com antecedência, mandamos uma pessoa para receber você com antecedência.

Você acha que o espaço físico do Teatro Amazonas está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Funcionário do Teatro: Olha, nós estamos dentro de um monumento, o deficiente visual ele consegue subir escada, descer escada, o grande problema são os degraus, mas que é resolvido em virtude do acompanhante que o ajuda a informar os degraus a serem superados. Então, o espaço físico para o deficiente visual dentro de uma sala de espetáculo principalmente por ser um prédio inaugurado em 1889 está sim preparado para receber um deficiente visual.

Começamos a ver nas palavras da funcionária que há uma ênfase ao saber lidar. Isso foi visto por mim pessoalmente ao ir para presenciar de perto a recepção da pessoa com limitações visuais em um contexto social. Ela fala do material humano fazer cursos para receber um público com características específicas.

Ela enfatiza ainda a questão da fixação da cabine de audiodescrição, onde na minha visita de campo pude notar sim que é algo fixo no Teatro Amazonas, como há um suporte humano da Biblioteca Braille (especialista em fazer audiodescrição no Amazonas), tendo não apenas um trabalho de um local específico, mas de toda uma equipe interdisciplinar que faz a acessibilidade acontecer, não caindo na armadilha da simbologia de uma rampa no local, todavia, introduzindo material humano na recepção, atendimento prioritário, e material físico para que a pessoa com limitações

visuais em um contexto social possa ter autonomia.

Essa adaptação do Teatro Amazonas vai ao encontro da legislação nacional (2015) acerca da adaptação do lugar para a pessoa, e não da pessoa se adaptar ao lugar. Há de se levar em conta que a tecnologia assistiva é usada de forma interdisciplinar numa junção de material humano preparado para lidar com a pessoa, como métodos de descrição e material físico em pontos específicos, sem descaracterizar o monumento centenário que é o Teatro Amazonas.

Essa questão da adaptação do Teatro Amazonas é importante ser frisada para se quebrar o senso comum de que as tecnologias de adaptação não são algo inacessíveis como a grande maioria das pessoas pensam. A acessibilidade, ou adaptação do espaço são iniciativas do Estado, na esfera das políticas públicas.

A Biblioteca Braille do Amazonas e a AASEC são políticas públicas de reconhecimento social e entram na teoria de Honneth (2003) em torno do reconhecimento jurídico (o Estado agindo em cima), como na visão de Bobbio (2004) em torno das pessoas com limitações visuais em um contexto social terem uma legislação específica a nível federal (Estatuto da Pessoa com Deficiência) que lhes garantam acesso e autonomia.

Agora é hora de dar voz a outras pessoas com limitações visuais em um contexto social. Sendo que houve quatro entrevistados que não terão sua identidade revelada.

Você frequenta o Teatro Amazonas?

ROBSON: Sim, sempre que posso, frequento o Teatro Amazonas, vou menos do que gostaria de ir, por conta do cansaço mesmo; até mesmo o descolamento é muito ruim. Se tivesse uma mobilidade urbana melhor, seria mais fácil ter acesso a esses equipamentos de lazer, mas me considero uma pessoa bem assídua no município em relação ao teatro, frequento bastante.

Você acha que o Teatro Amazonas está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

ROBSON: Todas as vezes que eu vou ao teatro Amazonas eu utilizo sim a audiodescrição, não me lembro de alguma vez ter me furtado deste direito. E vejo que houve uma preocupação em relação a arquitetura do teatro, que é uma arquitetura centenária, que na época que ele fora construído esses elementos de acessibilidade não eram privilegiados. Hoje foi feito uma adaptação, e não me sinto desconfortável, às vezes eu sinto que o local destinado a pessoa com

deficiência é muito na lateral do palco, pois afeta o resíduo visual, a visão que nós temos já é pouca e ainda colocar de lado dificulta um pouco.

Você frequenta o Teatro Amazonas?

MARCELA: Frequentar é uma palavra forte, eu vou ao Teatro Amazonas, em espetáculos específicos uma vez no ano, como nas apresentações de ópera.

Você acha que o Teatro Amazonas está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

MARCELA: Não, ele não está preparado, existe a questão das escadas que para nós se torna muito perigoso. Há pessoas que há no teatro para receber as pessoas, porém eu ainda me sinto desconfortável.

Você frequenta o Teatro Amazonas?

RICHARD: Teatro Amazona sim, eu assisto óperas e peças lá, é bom pois nós nos damos bem, pois é cultura.

Você acha que o Teatro Amazonas está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

RICHARD: O teatro Amazonas sim, ele oferece tudo para que o deficiente visual assista as peças, a ópera, os filmes, e tem audiodescrição.

Você frequenta o Teatro Amazonas?

WELLCH: Já estive com o teatro Amazonas, com audiodescrição.

Você acha que o Teatro Amazonas está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

WELLCH: Eu tive todo o suporte da audiodescrição para entender o que se passava na peça, como fui bem recebido.

Os quatro entrevistados dizem que sim, frequentam o Teatro Amazonas, todavia temos que nos apegar a algo que disse RB acerca da dificuldade da mobilidade urbana ao ir para o Teatro Amazonas. Na minha pesquisa de campo eu percebi que existem muitos ônibus que vão para o centro de Manaus, mas não podemos negar que falta uma sinalização específica nas paradas de ônibus, como uma ferramenta de audiodescrição para identificar o número do ônibus. Essa dificuldade de mobilidade é sentida ao sair do ônibus para ir ao Teatro a pé, como já tinha enfatizado anteriormente.

A fala de ROBSON (mobilidade urbana) fere diretamente o direito constitucional de ir e vir (BRASIL, 1988) que cada cidadão tem, como afeta ao direito do acesso ao espaço, e democratizar o espaço é democratizar o lazer no pensamento de Marcellino

(1983), a democratização do espaço está intrínseca ao poder de mobilidade do cidadão, pois não é o Teatro Amazonas que chega ao ROBSON, mas sim o ROBSON que chega no Teatro Amazonas

Outro ponto a ser analisado são os períodos de frequência de RICHARD e MARCELA, que são justamente em períodos de grandes espetáculos do Teatro Amazonas (período da ópera), mostrando um claro interesse por uma forma de lazer não tão difundida pelos meios de comunicação de massa, junto ao Teatro Amazonas como símbolo da cultura amazonense.

Em relação à segunda pergunta começo com MR, talvez seja a sua resposta que traga um certo desconhecimento acerca das pessoas e equipamentos físicos que há no Teatro Amazonas, penso assim, pois ela mesmo diz que não frequenta muito o teatro.

MARCELA fala das escadas que ainda são um obstáculo, eu concordo, as escadas ainda são um obstáculo para qualquer pessoa que tenha uma acuidade visual diluída, todavia, eu vi na minha visita de campo um material humano preparado para ajudar a pessoa que tenha dificuldades com escadas em superar tal obstáculo.

O meu objetivo aqui não é contradizer tudo o que MARCELA falou, porém, devo apontar que há um material humano preparado para lidar com pessoas que tenham nas escadas um grande obstáculo. *Ela diz que ainda falta muito*, vejo que ainda falta acrescentar mais pisos táteis ao redor do Teatro Amazonas, como no Largo de São Sebastião.

Agora partindo para as respostas de ROBSON e RICHARD vejo que ambos prezam pela audiodescrição que o Teatro Amazonas oferece, como também RB reconhece que foi feito um trabalho de adaptação do Teatro Amazonas, mesmo ele sendo um monumento centenário.

O que me chamou a atenção foi em relação ao que disse ROBSON, acerca do posicionamento dos camarotes destinados às pessoas com limitações visuais em um contexto social: *era muito ao lado do palco*, dificultando a sua visualização do palco, eu sinalizei o mesmo problema na minha visita de campo (procedimentos etnográficos).

WELLCH fala acerca de sua presença, como argumenta acerca do suporte. Esse suporte é materializado no material humano que está diretamente ligado às atividades culturais do Estado.

4.3.2 PARECER DO TEATRO AMAZONAS

Por ser um dos símbolos máximos da cultura material amazonense, o Teatro Amazonas é um ambiente de consumo de lugar como pensa Santos (2008), não à toa a entrada para visitar⁴³ o teatro para pessoas nascidas no Estado do Amazonas é gratuito.

Ele é disseminador cultural, tendo sua programação exposta em páginas da Secretaria de Cultura e jornais locais⁴⁴, como é alvo constante do turismo amazonense, sendo que, ele movimenta em seu entorno uma economia direta e indireta (comerciantes, hotéis, gastronomia).

O grande problema no Teatro Amazonas em relação a acessibilidade para a pessoa com limitações visuais em um contexto social é ao redor do Teatro, onde ainda faltam mais pisos táteis ao longo do Largo de São Sebastião, como falta semáforos sonoros pelas ruas adjacentes ao teatro, e a mobilidade urbana, principalmente para quem pega ônibus como eu, ainda representa um problema significativo.

Devemos lembrar que o piso do largo remete a outro contexto, não há como simplesmente desconfigurá-lo, mas sim, trazer alternativas já existentes, como pisos táteis em cima do pvc, para não prejudicar ou danificar o bem público.

Entretanto, devo enfatizar que dentro do Teatro Amazonas existe de fato todo um material humano e físico preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social. Essas adaptações físicas feitas dentro do Teatro Amazonas devem sair para o Largo de São Sebastião, pois facilitaria muito a locomoção de quem quer ir ao teatro.

Um ponto bastante complicado diz respeito à mobilidade urbana, isso está além de uma secretaria ou de uma equipe interdisciplinar de acessibilidade. Essa mobilidade urbana entra na perspectiva de Marx (2008) ao falar dos conceitos invisíveis que há na sociedade, isso implica políticas de mobilidade urbana, educação, planejamento de bairros, entre outros fatores.

⁴³ O Teatro Amazonas também funciona como museu, recebendo diversas visitas guiadas ao longo da semana, tendo gratuidade para pessoas nascidas no Amazonas.

⁴⁴ Página da SEC: <https://cultura.am.gov.br/>

O Teatro Amazonas como um equipamento ou espaço mimético de lazer, é acessível, onde as pessoas com limitações visuais em um contexto social podem buscar novas tensões no cotidiano social, como infere Elias e Dunning (1992), sendo ele um totem da cultura amazonense, é obrigação do Estado proporcionar essa acessibilidade em espetáculos de diferentes datas do ano.

O teatro é lazer pois evoca a vontade de querer ir dos entrevistados, eles não vão lá fazer uma crítica da peça, mas apreciar o espetáculo como um todo, em seu tempo mimético, em períodos oportunos, longe de qualquer obrigação, como se encaixa no pensamento de Dumazedier (2008) acerca de uma forma de *aprendizagem descompromissada* ao ver/ouvir a peça.

Nas gerações de pessoas com limitações visuais em um contexto social dos anos de 1980 e 1990, a palavra teatro era apenas *simbólica e abstrata*, agora ela é real e concreta, com a participação de diferentes pessoas (jovens e velhos) para apreciar um espetáculo no símbolo máximo da cultura material do estado do Amazonas.

4.4 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DO PALACETE PROVINCIAL

O Museu Botânico do Amazonas às mãos de Barbosa Rodrigues, pouco a pouco, iria tomando as proporções de uma instituição monumental, porque ali se formaria especialista, de que ainda hoje está carecendo a Amazônia, no campo da biologia, propriamente dita, da botânica, da zoologia, da sociologia, da antropologia, da hologênese e da química.

Nunes Pereira

Estando localizado no centro de Manaus⁴⁵ é um lugar de fácil acesso de linhas de ônibus para quem está em distintas regiões de Manaus, contudo, é necessário indicar a ausência de um semáforo sonoro que facilite o atravessar a rua, levando em conta que as ruas em frente e ao lado do Palacete têm um fluxo muito grande de ônibus e automóveis privados, dificultando a travessia da rua para o Palacete.

⁴⁵ Endereço: Praça Heliodoro Balbi, s/n – Centro – Manaus/AM

Figura 50: Rua do Palacete



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma faixa de pedestres na esquina da avenida 7 de setembro com a avenida Getúlio Vargas.

A praça que circunda o Palacete não tem qualquer piso tátil, como tem declives, e o chão tem buracos que são obstáculos para uma pessoa que não tem uma acuidade visual diluída. Não há qualquer rampa ou forma de sinalização fora do Palacete que indique uma ajuda, ou um material humano de recepção.

Na entrada do Palacete há um piso tátil de alerta e direcional que a meu ver é apenas algo simbólico, uma vez que eles de fato não ajudam quem quer chegar ao Palacete Provincial. Devo alertar que na entrada do local há escadas, mas há também um elevador para pessoas que usam cadeira de rodas,

Figura 51: Palacete Provincial



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a imagem afastada da fachada do Palacete Provincial.

Figura 52: Chão da Praça



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra o piso da praça Heliodoro Balbi, antiga praça da polícia.

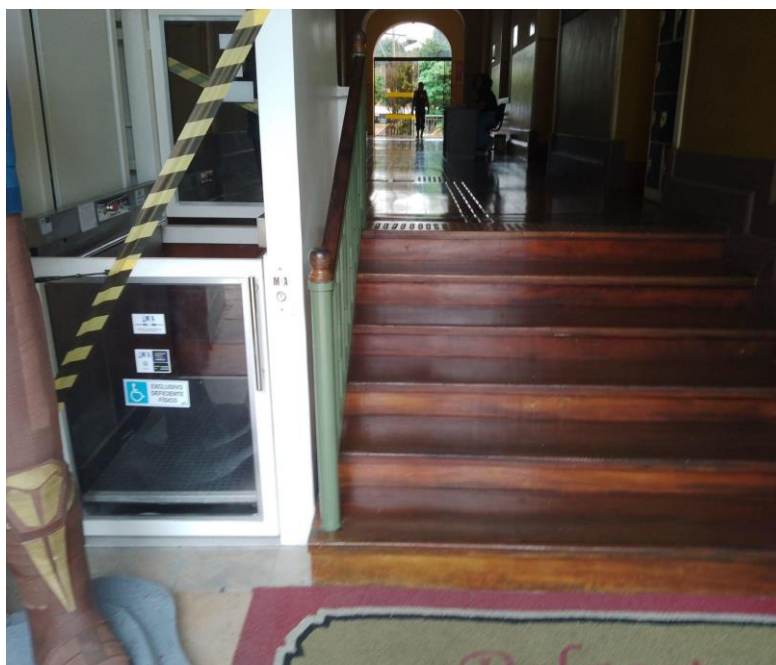
Figura 53: Chão da Praça parte 2



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma outra parte do piso da praça Heliodoro Balbi.

Figura 54: Escada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a plataforma acessível para pessoas usuárias de cadeira de rodas, que está localizada na entrada do Palacete Provincial.

Figura 55: Entrada do Palacete



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a entrada do Palacete Provincial.

Os funcionários do Palacete Provincial perguntaram se eu precisava de algum auxílio e me indicaram uma mesa com um recepcionista onde eu tive de assinar meu nome, idade e o local de origem (cidade, estado). Eu percebi que em relação aos pisos táteis do Palacete Provincial, no geral são apenas simbólicos, pois eles estão lá apenas como alerta (piso tátil de alerta), localizados nas escadas e, em algumas portas, não há qualquer mapa em braille no local para um senso de direcionamento.

Aqui devo informar que tal prédio fora construído no século XIX (1874), ainda com poucas alterações do prédio original (sendo o piso na sua maioria composto de madeira). Ele já foi sede do Quartel da Polícia Militar e atualmente abriga uma gama de espaços em que são introduzidos alguns acervos de museus. O Palacete Provincial

é um museu (ou tenta ser, aqui não será feita essa discussão em virtude que foge aos objetivos da pesquisa). Segundo o portal da Secretaria de Cultura do Amazonas, o Palacete Provincial, Disponível em <https://cultura.am.gov.br/espacos-culturais/museus/palacete-provincial/>:

A Pinacoteca tem quadros, fotos e gravuras de artistas locais, nacionais e internacionais. O Museu de Numismática conta com um acervo de mais de 35 mil peças e moedas antigas. O da Imagem e do Som tem DVDs e CDs para exibição gratuita no local. O Museu Tiradentes homenageia os bombeiros e a polícia do Estado, com armas e fardas em exposição. Enquanto a Exposição de Arqueologia reproduz escavações e artefatos descobertos na região. Acervo: 400 mil itens

Eu visitei cada um desses espaços, olhando o acervo, como também se havia um certo padrão de acessibilidade para pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Começando pela Pinacoteca, onde há uma quantidade de quadros e gravuras consideráveis, tendo obras de Moacir Andrade, Otoni Mesquita, Hahnemann Barcelar e outros artistas. Foi verificada a ausência de qualquer piso tátil em todo o piso da Pinacoteca. Os quadros não têm nenhuma identificação em braille para descrever as obras, não foi notado também qualquer objeto que faça a audiodescrição.

Na minha visita eu perguntei ao responsável pela pinacoteca, que me disse ser um estagiário cursando turismo na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), que ele ainda não se sentia preparado para fazer uma audiodescrição da obra que estamos contemplando (um quadro de Moacir Andrade, que mostrava casas de ribeirinhos nos beiradões amazônicos).

Ele me disse que no curso dele se discutia muito: acessibilidade cultural, mas ele em especial ainda não se sentia preparado para tal procedimento. Ele me confidenciou que nunca tinha recebido na pinacoteca um visitante que precisasse de tal procedimento (devo advertir que se tratando de um estagiário, é normal ter um grande fluxo dessa tipologia de funcionários em um local).

As placas que identificam as obras e seus respectivos autores também se mostrou um desafio enorme para mim, são letras minúsculas que eu não consegui ler, todavia, devo advertir que o funcionário me ajudou em tal procedimento (ele leu para mim, como se ofereceu para fazer uma pequena exposição das obras e artistas que tinham na pinacoteca).

Figura 56: Quadros



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma exposição de quadros no Palacete Provincial.

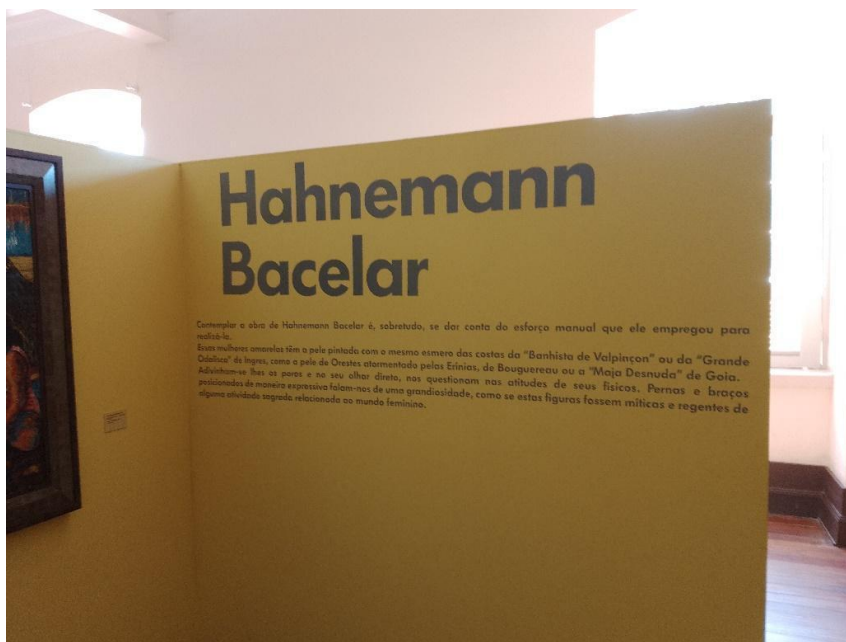
Figura 57: Exposições



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma outra sala de exposição de quadros no Palacete provincial.

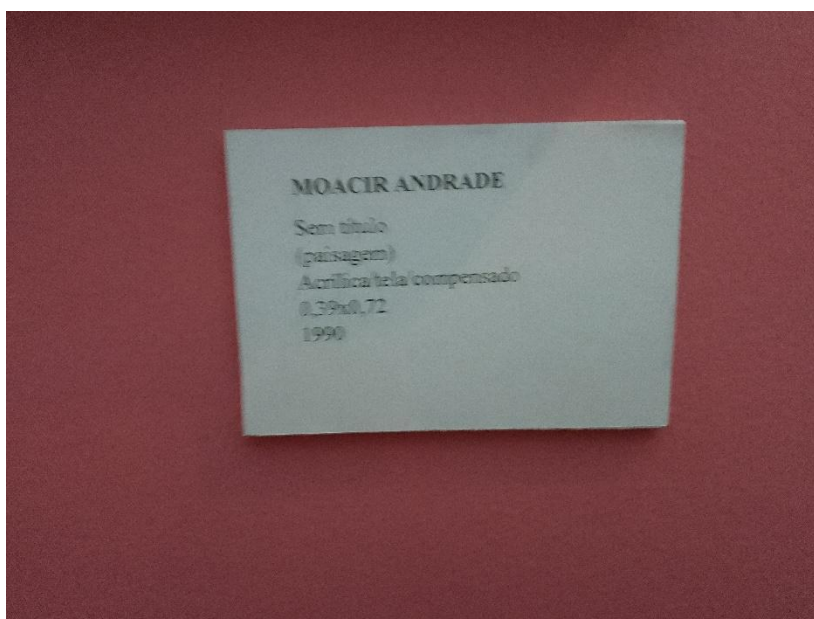
Figura 58: Hahnemann



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a obra do artista Hahnemann Bacelar.

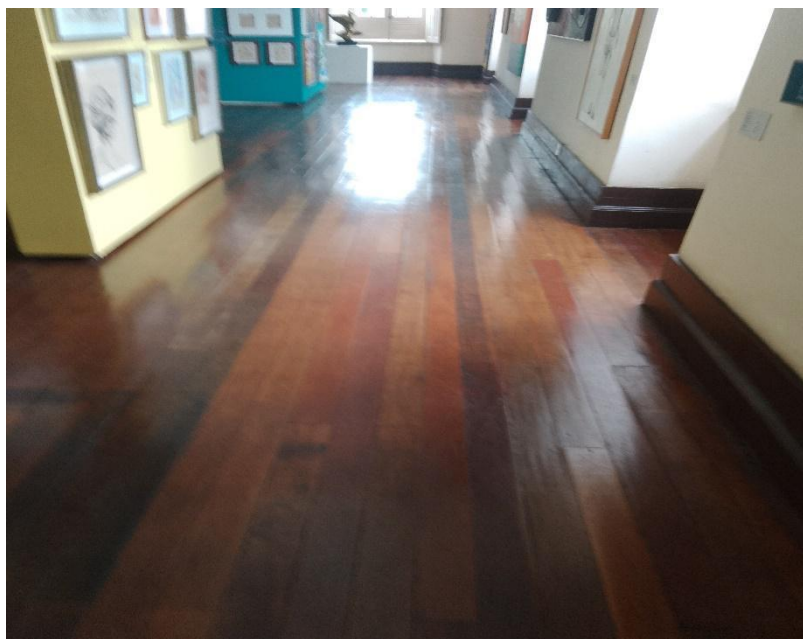
Figura 59: Placa de identificação



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra fixada na parede, uma placa de identificação de uma obra de Moacyr Andrade.

Figura 60: Piso da Pinacoteca



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra o piso da Pinacoteca no Palacete Provincial.

Em relação à pinacoteca, vejo que ela não tem padrões de acessibilidade plena para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social. a única dinâmica (ou tentativa dela) de acessibilidade foi mesmo o funcionário da pinacoteca, que me advertiu não estar preparado para tal situação.

Partindo para o Museu da Imagem e do Som, não se difere muito da pinacoteca: sem pisos táteis no chão, sem sinalização em braille, letras minúsculas para trazer informações aos interagentes do local e nem um processo de audiodescrição.

A responsável pelo local me informou que nunca recebeu uma pessoa com limitações visuais em um contexto social. Me disse que iria fazer o possível para dar acessibilidade caso aparecesse alguém assim. O Museu da Imagem e do Som: reúne um acervo composto de alguns aparelhos televisivos antigos (década de 1970, 1980), imagens de jornais em datas comemorativas; ilustração do icônico cinema Guarany (afirmando que ele é um pedaço da história de Manaus); há distintas câmeras

fotográficas de épocas diferentes. Tendo uma coleção de CD's e DVD's, com aparelhos de videocassete, vitrolas, rádios, como uma televisão onde se pode colocar um DVD para assistir os filmes disponíveis no acervo de DVD's.

Eu consegui em parte aproveitar o Museu da Imagem e do Som, faltou uma sinalização em letras maiúsculas ou audiodescrição que me permitisse interagir de forma autônoma com o acervo. Não consegui identificar certos nomes de máquinas fotográficas, como ler artigos de jornais que estavam na parede.

Figura 61: Televisão



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma mesa com alguns modelos de televisores antigos.

Figura 62: Câmeras fotográficas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra algumas máquinas fotográficas antigas que estão dentro de expositores. Também há várias fotos na parede de máquinas antigas.

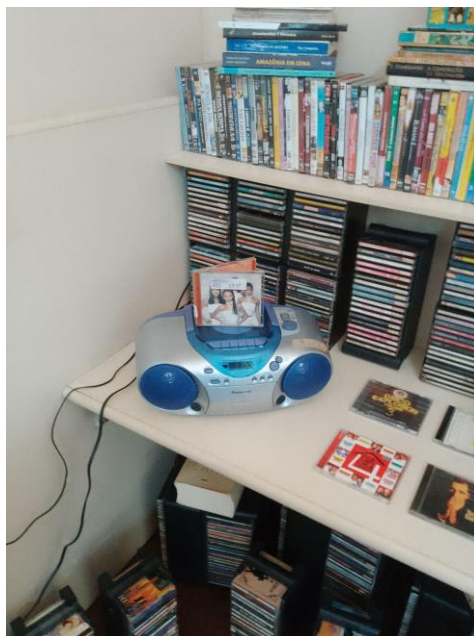
Figura 63: Outras Câmeras Fotográficas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra outras câmeras fotográficas antigas dentro de um outro expositor.

Figura 64: Acervo de CDs



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra um acervo de CDs. Sobre uma mesa, há um microsistema.

Aqui devo dizer que o Museu da Imagem e do Som junto com a Pinacoteca do Estado estão localizados na parte de baixo do Palacete Provincial. Para os demais “museus” existe a necessidade de subir escadas (são duas ao todo) que tem sim pisos táteis de alerta em sua frente (subida). Existe um elevador na parte de fora do Palacete Provincial que leva ao segundo andar, que estava em manutenção quando eu fiz a visita, que ajuda na mobilidade para quem quer subir ao segundo andar do palacete.

No segundo andar existem mais dois pisos táteis de alerta para dizer que há escadas (descida), mas não há pisos táteis de direção para levar aos outros “museus”, todavia, existem funcionários que se oferecem para serem os guias dentro dos museus.

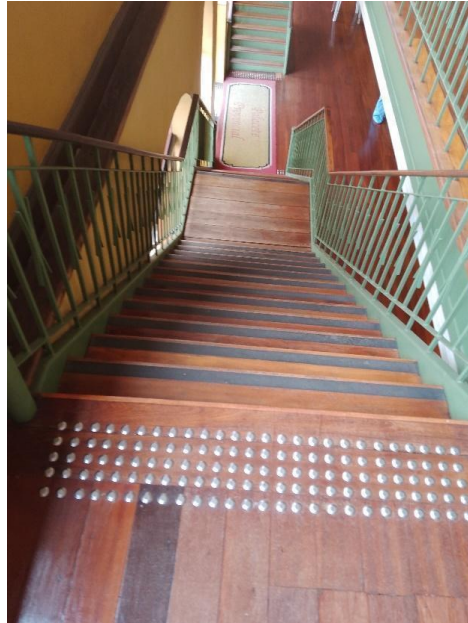
Figura 65: Escada Subida



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma imagem de baixo para cima de uma das escadas do Palacete Provincial

Figura 66: Escada Descida



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a imagem de cima para baixo da escada do Palacete Provincial, onde aparece o caminho tátil de alerta na cor prata.

Figura 67: Elevador Visto por Fora



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a vista do lado de fora do elevador do Palacete Provincial.

Figura 68: Elevador visto por dentro



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a parte interna do elevador do Palacete Provincial.

Figura 69: Rampas na parte de fora do Palacete



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma imagem externa de cima para baixo das rampas próximas ao estacionamento do Palacete Provincial.

Figura 70: Lado de fora do Palacete



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma imagem afastada do estacionamento do Palacete Provincial.

Figura 71: Segundo Andar do Palacete



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra o corredor do segundo andar do Palacete Provincial.

O Museu da Numismática tem uma coleção de moedas e cédulas de diferentes países e de distintos contextos. Esse museu para mim foi o mais difícil em relação a interação, pois as moedas são pequenas por natureza. Na ocasião, não consegui distinguir as figuras que havia nelas, como não havia nada em letras maiúsculas para contextualizar a época das moedas, seu valor e país de origem.

Havia informativos nas paredes em letras padronizadas que me obrigavam a ter que aproximar demais delas para a leitura. Eu não gostei, pois tal ação me deixou com muita dor de cabeça. Dessa forma, o Museu da Numismática ficou apenas para mim no abstrato. Ao imaginar o valor das moedas e cédulas, pensava na circulação geográfica que ela percorreu, e como ela é rara ou não na coleção que está no museu. Existia a possibilidade de eu pedir ajuda, porém, sempre prezei pela autonomia da interação, e essa emancipação em um local eu não senti de fato no Museu da Numismática.

Figura 72: Moedas expostas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra 4 expositores de madeira com o tampo de vidro. Dentro deles, há uma coleção de moedas antigas.

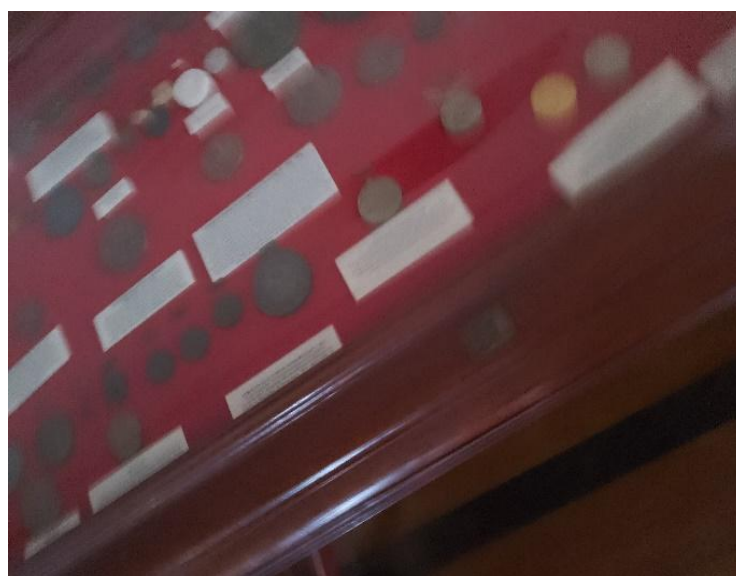
Figura 73: Moedas expostas continuação



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra outro expositor com moedas antigas. No Palacete Provincial.

Figura 74: A dificuldade de exposição da Moeda



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra um outro expositor com várias moedas antigas.

O Museu Tiradentes tem um acervo de fácil interação para mim, onde existem peças de uniformes de bombeiros e policiais, armas, extintores, móveis e bandeiras, que por suas características em si, são grandes. Há ainda informativos que para mim foram de fácil leitura.

Uma guia me prendeu em uma reprodução da antiga prisão da polícia (a porta ainda era a mesma do século XIX, junto com uma reprodução do piso da época), ela me contou uma história ao estilo Edgar Allen Poe⁴⁶ acerca da porta se fechava sozinha, e que havia morrido 26 presos no século XIX. De fato, em função das características do acervo do Museu Tiradentes (peças grandes), eu me senti totalmente confortável em circular com a máxima autonomia possível pelo espaço.

Mas devo advertir a ausência de qualquer informação em sistema braille, informativo em letras maiúsculas, audiodescrição no local que facilite mais a interação, em especial para as pessoas que tenham uma acuidade visual mais diluída que a minha.

Figura 75: Manequins



⁴⁶ Edgar Allan Poe (1809-1849): escritor norte-americano, famoso por seus contos de terror e mistério.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra dois manequins expostos em uma sala no Palacete Provincial. O manequim da esquerda está vestido de soldado O da direita está vestido de bombeiro.

Figura 76: Porta Fantasma



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma réplica de uma prisão solitária antiga.

Figura 77: Armas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra duas vitrines com armas antigas expostas.

Figura 78: Extintor de Incêndio



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra um extintor de incêndio antigo com um suporte com rodas.

Figura 79: Armas Parte 2



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma vitrine com outras armas antigas.

Por fim, a Exposição de Arqueologia foi um pouco menos dificultosa que a do Museu da Numismática, mas havia uma variação de peças pequenas e grandes no acervo, com fotografias bastante ampliadas acerca das escavações as peças arqueológicas expostas foram descobertas

Figura 80: Peça Arqueológica



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma escultura arqueológica dentro de um expositor de vidro transparente.

Figura 81: Exposição de arqueologia



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto, mostra uma sala de exposição de arqueologia.

Os informativos que não facilitam muito para mim, neste sentido, acredito que há uma necessidade de padronizar tal situação para facilitar os visitantes portadores de limitações, principalmente para os que tem acuidade visual diluída.

O Palacete Provincial no geral tem padrões de acessibilidade apenas na perspectiva simbólica: em todos os espaços culturais que eu fui, faltaram pisos táteis, informações em braille, informativos em letras maiúsculas, mas principalmente um material humano que pense isso (acessibilidade), no geral, não apenas em locais específicos.

Se as peças do acervo tinham aspectos grandes, em razão da minha acuidade visual, eu de fato consegui interagir de forma autônoma, contudo, como ocorreu no Museu da Numismática, apenas imaginei o que significam aquelas moedas e cédulas, pois não havia nenhuma reprodução em fotos com ampliação, ou audiodescrição das moedas.

4.4.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA E DE QUEM TRABALHA NO PALACETE PROVINCIAL

Como dito anteriormente, para não se reduzir apenas a uma visita de campo, foi feita entrevista com o responsável do Palacete Provincial acerca da acessibilidade, como também foram entrevistadas três pessoas com limitações visuais em um contexto social acerca da presença e da autonomia no Palacete Provincial:

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no Palacete Provincial?

Responsável pelo Palacete Provincial: Não há uma demanda, um número específico, mas o Palacete está aberto a todos. Então quando o deficiente visual quiser fazer uma visita estamos aqui.

Você acha que o recurso humano do Palacete Provincial está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Responsável pelo Palacete Provincial: No momento não temos pessoas capacitadas para receber esse recebimento, mas estamos no processo de mudar essa situação.

Você acha que o espaço físico do Palacete Provincial está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Responsável pelo Palacete Provincial: No momento o Palacete está passando por mudanças estruturais: com a instalação de dois elevadores, pisos táteis e braille, e pessoas que são intérpretes de Libras.

Uma interpretação sobre as falas da Responsável pelo Palacete Provincial é que o espaço está em um *momento de transição*: mesmo tendo uma lei federal vigente já há alguns anos (desde 2015) *que determina a adaptação do espaço a pessoa, não a pessoa ao espaço* (2015) é nítida que as iniciativas são tímidas.

Outro ponto é a ausência de um material humano qualificado para saber lidar com pessoas, o que foi visto no Teatro Amazonas em relação aos cursos e um local de atendimento é ausente aqui, muito em razão do que a responsável falou, que não há uma demanda desse público (pessoas com limitações visuais em um contexto social) no Palacete Provincial.

Não à toa que certas adaptações como o uso do sistema braille e audiodescrição são totalmente nulas no palacete. Não há um diálogo com a Biblioteca Braille do Amazonas (nesse caso, de pedir ajuda à Biblioteca Braille para adaptar certos espaços), mesmo ambos estando inseridos na mesma esfera administrativa (ligados ao governo estadual), eles não se reconhecem em virtude de que o público-alvo dessas instituições são heterogêneos.

As poucas tecnologias assistivas cristalizadas no Palacete Provincial estão na perspectiva simbólica como pensa Bourdieu (2010), mas traçando um diálogo com esse autor (2010). O campo e o hábito social não se completam, pois existe a necessidade de uma acessibilidade plena no campo para a locomoção da pessoa.

Agora prosseguindo nas entrevistas, voltamos a usar o MR, RB, RI e WE para verificar o ponto de vista deles em cima do Palacete Provincial:

Você frequenta o Palacete Provincial?

RICHARD: Eu não vou a museus, pois não tem ninguém que me acompanhe para fazer audiodescrição.

Você acha que o Palacete Provincial está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

RICHARD: Olha eu não posso falar, pois eu não frequento, mas acredito que é para ter sim.

Você frequenta o Palacete Provincial?

ROBSON: Sim, eu frequento sim museus, eu sempre vou com os meus filhos, eu levo gente fora de Manaus nos museus daqui. Eu sempre vou no Palacete Provincial, e frequento outros museus da cidade: como o MUSA, O Povos da Amazônia, sempre que tem oportunidade eu vou.

Você acha que o Palacete Provincial está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

ROBSON: Já os museus, eu vejo que falta muito, falta avançar bastante. O Museu do Numismático não tem uma lente para apreciar as moedas ou uma cédula, ou ter um elemento destacado da apresentação, uma réplica da apresentação que você pudesse passar a mão. Não para mim que tenho baixa visão, mas para uma pessoa completamente cega, vejo que temos recursos tecnológicos disponíveis para isso. E não é só o Museu do Numismático, falta esse tipo de recurso em todos os demais museus para obter informações pertinentes.

Você frequenta o Palacete Provincial?

MARCELA: Para ser sincera não, museu é apreciação visual, coisa que eu não tenho, e se eu tropeçasse em alguma coisa, *ia dar um BO bem grande*.

Você acha que o Palacete Provincial está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

MARCELA: Acredito que não, pois as obras ficam expostas e não há nenhum tipo de sinalização tátil para a apreciação de quem tem ausência de visão como eu.

Você frequenta o Palacete Provincial?

WELLCH: Museu ainda não frequentei, mas tenho vontade de ir.

Você acha que o Palacete Provincial está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

WELLCH me informou que não sabe responder esse tipo de pergunta.

Vou iniciar falando acerca das falas de MARCEKA e RICHARD: ambos não vão ao Palacete Provincial como em outros museus da cidade. Eles têm plena consciência que o museu na cidade de Manaus não está preparado para os receber.

MARCELA fala que museu é experiência visual, e ela tem uma acuidade visual bastante diluída (como a minha), e aponta que é necessário ter o sentido tátil (sistema braille, pisos táteis) para ter uma plena autonomia em lugares assim. Vou ao encontro do pensamento de Foucault (2014) em relação aos corpos dóceis. Foucault explicava em torno da prisão (no caso da PLcS), que o corpo se condiciona às tecnologias assistivas (informativos com letras maiúsculas, sistema braille, pisos táteis, lentes) para uma acomodação nos espaços frequentados por eles.

O próprio RICHARD que não vai a museus pensa que esses locais devem ter sim essas adaptações, pois ele usa essas tecnologias no cotidiano para ter o máximo de autonomia possível, logicamente, ele espera que todo o lugar que ele vá tenha essas adaptações, pois seu corpo se condiciona a autonomia da tecnologia assistiva.

Já ROBSON contraria o que a responsável do Palacete Provincial diz, quando ela informa que a demanda é inexistente. Ele (ROBSON) vai ao Palacete Provincial, como leva outras pessoas com ele, isso mostra uma falta de comunicação interna do órgão para saber quem de fato está indo, como as suas impressões do local.

Na minha visita eu apenas informei o meu nome, nacionalidade, e a região de onde eu venho (cidade-estado), não havia nada a respeito de uma recomendação sobre melhorias no local e as pessoas não me pararam para pedir sugestões.

Essa minha frequência (eu já tinha ido ao palacete ver os quadros anterior a pesquisa) e de ROBSON é ignorada, visando as possibilidades de melhorias do local, ocasionando sistematicamente a presença reprimida de outras pessoas com limitações visuais em um contexto social, concebendo o não comparecimento, pois já sabem que esses locais não estão preparados para os receber.

ROBSON teve a mesma percepção que eu: o Museu do Numismático apresenta a maior dificuldade de interação, levando em conta as especificidades do acervo (moedas e cédulas com informações muito pequenas). Ele informa que já há tecnologias disponíveis que suplementam a necessidade de acessibilidade no museu.

Olhando para a maior vitrine da sociedade: a internet, há vários exemplos de tecnologias assistivas gratuitas e pagas que podem ajudar na acessibilidade do Palacete, que estão de forma extremamente possíveis ao orçamento do estado.

Existe a Biblioteca Braille do Amazonas, que no seu espaço possui várias réplicas palpáveis do corpo humano. Esse conhecimento de réplicas, induz a um material humano que pode fazer ou comprar réplicas de apenas uma moeda rara para apreciação do usuário com limitações visuais.

ROBSON tem a capacidade de ver o humano na sua diversidade e não olhar apenas para o próprio umbigo. Morin (2011) pondera acerca de aprender a viver em diversidade, isso fica claro quando o ROBSON diz que essas adaptações não são somente para ele, mas para as pessoas completamente cegas, e que precisam de mais das tecnologias assistiva que ele.

Um bom exemplo é o RICHARD que não vai ao museu, pois precisa que alguém o acompanhe. Dessa forma, as tecnologias assistivas dentro do Palacete Provincial proporcionam mais autonomia e a emancipação de um acompanhante.

WELLCH não vai, preferiu não responder a segunda pergunta, me informando que ia se sentir desconfortável, sendo que ele nunca foi a um museu aqui na cidade.

4.4.2 PARECER DO PALACETE PROVINCIAL

O Palacete Provincial de fato não é um lugar que possa receber uma pessoa com limitações em um contexto social, em especial, o visual. Existem barreiras físicas latentes, como a questão das informações pertinentes às obras expostas no palacete serem totalmente padronizadas, pois não há uma placa de identificação que esteja com letras ampliadas, em sistema braile, ou uma lente que amplie a percepção visual.

Ele é consumo de lugar na perceptiva de Santos (2008), levando em conta que a ocupação deste espaço pode ser feita por qualquer um, ocorrendo trocas simbólicas, mas esse simbolismo das peças do acervo, representa em si uma barreira para a pessoa com limitações visuais em um contexto social. Nesse aspecto, faltou ao palacete uma estratégia de adaptação do acervo.

O RECURSO humano dentro do palacete não apresenta uma qualificação em relação ao saber lidar, como visto na minha visita de campo, onde vários se sentiram com um certo incômodo quando eu fiz a indagação acerca de como seria se alguém completamente cego aparecesse no palacete. A própria responsável pelo palacete afirma que não há um preparo humano no local para receber um público que tem que ter todo um preparo para saber lidar.

A tecnologia assistiva existente no Palacete Provincial entra na perspectiva do simbolismo idealizado por Bourdieu (2010), onde existem sim tecnologias, entretanto, ela não ocupa todo o campo para uma interação social de forma plena e autônoma.

Falta um diálogo com as instituições de acessibilidade existentes dentro da própria esfera do governo estadual. As adaptações na sua grande maioria são totalmente acessíveis e sem grandes gastos orçamentários. Informativos em letras ampliadas, sistema braille, audiodescrição em tabletes para descrever os quadros, fotos, moedas e cédulas, dentre outros.

Um ponto bastante sensível diz respeito ao piso do Palacete Provincial, que é algo que caracteriza o palacete como sendo de outra época, todavia, o piso tátil não é algo complexo e que danifique o patrimônio. Usando um material de PVC, junto com cola, que pode ser feito um caminho (ou vários deles) simples e que preserve o patrimônio. Há vários vídeos no YouTube⁴⁷ que mostram isso. Existe o externo do palacete, que deve sim ter mais pisos táteis e um semáforo sonoro nas ruas adjacentes ao palacete.

O semáforo sonoro é uma tecnologia assistiva de alto custo, ela de fato não é produzida para um indivíduo, mas para a coletividade, como aponta o livro branco da tecnologia assistiva no Brasil (2017, p. 81) “O alto custo para implementar sistemas de controle de ambientes nos espaços, juntamente com a pequena oferta de tecnologias, é repetidamente apontado como fator limitante ao acesso a esses sistemas.”

Destarte, o quanto antes ser debatido um (ou vários) semáforos sonoros em uma esfera administrativa, não apenas estadual, como municipal, será algo que pode ser cristalizado em uma futura ação pública de acessibilidade.

Foi apontado apenas barreiras físicas em relação ao Palacete Provincial, mas não há um obstáculo maior que o fator humano. Não existe a necessidade de todos os funcionários entenderem conceitos básicos de acessibilidade, porém, uma cota de colaboradores que saibam lidar não apenas com pessoas com limitações visuais em um contexto social, mas outras tipologias de limitações sociais (surdez, mobilidade física entre outras); a própria Universidade Federal do Amazonas forma pessoas para trabalhar com letras Libras, como há a Biblioteca Braille do Amazonas com distintos cursos de braille e profissionais que usam a audiodescrição no seu mister.

O lazer que pode ser proveniente de um espaço como o Palacete Provincial no momento, fica restrito às pessoas que apresentem limitações visuais como eu e ROBSON e são insurgentes o suficiente para ir e “aproveitar” certas peças do acervo.

⁴⁷ Link do vídeo do piso tátil: <https://www.youtube.com/watch?v=qTwrILE21zw>

As informações em relação a essas peças do acervo na sua grande maioria ficam ausentes de informação, frustrando o usuário do palacete, levando em conta que a informação é um conceito chave dentro do próprio acervo.

O lazer aqui deve ser colocado no prisma de Pinto (2009) quando ele esclarece que o lazer deve ser acessível não apenas para um público específico, mas para a sociedade em geral, esse lazer da sociedade em geral, deve reconhecer que a unidade tem sua diversidade e diversidade tem a sua unidade, como pondera Morin (2011).

No atual cenário em que se encontra o Palacete Provincial, não há um cuidado maior em relação ao espaço, apenas mais uma frustração entre várias que a pessoa com limitações visuais um contexto social encontra na cidade de Manaus em relação à acessibilidade.

Existem várias obras artísticas no palacete, elas não causam o impacto artístico à pessoa com limitações visuais em um contexto social, gerando lacunas acerca de um artista, um quadro, uma peça antiga, como diz Melo (2007, p.77):

A experiência estética é o grande valor das obras-de-arte, aquilo que devem ocasionar. Do contrário, esvazia-se a potencialidade da sua intervenção. Um quadro bastante valorizado por uma instituição famosa não deixa de ser arte quando não é reconhecida por um indivíduo, mas este nem sempre o encara como tal. O potencial da arte está na sua experimentação e no que ela desencadeia nessa vivência

Melo concebe a arte e o seu impacto na pessoa como algo que agregue uma experiência singular em descobertas, esse raciocínio vai de encontro ao que pensa Morin (2002) acerca de uma poesia em vida, ao experimentar sensações prazerosas, querer fazer sem amarras. Poesia da vida e lazer são conceitos díspares, todavia, as obras artísticas trazem uma sensação que pode ser sim caracterizada como prazerosa e influem diretamente no lazer.

O Palacete Provincial tem um acervo que tem valor artístico para o contexto amazônico, mas esse acervo não é reconhecido em grande parte por pessoas que precisam de intervenções de tecnologia assistiva para usufruir o impacto estético.

4.5 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DE UM CINEMA

São de matéria cinematográfica algumas das mais caras feições da minha estatuária interior. São mitos, paisagens, crepúsculos enormes, seios e luas, núpcias e nomes. Pouco ou nada aprendi da arte e da técnica cinematográfica, mas as salas de cinema sempre foram meu ambiente. São quilômetros e quilômetros de trilhas sonoras, e não sonoras, consumidos. E ao cinema devo, certamente, a alimentação constante das minhas fontes de sonhar, fontes que salvam. ... E compreendo aquele que comigo se emociona quando se comenta uma cena maior, um desfiladeiro, um balcão, um campo, os seres e os destinos. Dos filmes de ontem e dos filmes de hoje.

Max Carpentier

De antemão é necessário informar ao leitor que os cinemas em Manaus agora se concentram de forma massiva em Shoppings Centers. Somente na Avenida Djalma Batista há três shoppings com respectivos cinemas⁴⁸. Deste modo, falar dos cinemas é também inferir em cima dos Shopping Centers.

Devo informar que os cinemas são instituições de origem privada, que se encontram fora da esfera do governo estadual, mas que está submissa a legislação federal em torno de adaptar o espaço para receber pessoas com limitações em um contexto social.

Aqui devo trazer que as opções de ônibus para a avenida Djalma Batista são extensas, mas o Shopping escolhido foi o Millennium Shopping, que tem duas entradas (uma pela avenida Djalma Batista e outra pela avenida Constantino Nery). Existe sim um semáforo sonoro na avenida Djalma Batista, todavia ele é referente ao Manaus Plaza Shopping, mas se usado pode sim levar ao Millennium Shopping. É uma opção viável, levando em conta o fluxo absurdo de automóveis que circulam pela avenida Djalma Batista, assim, é necessário dizer que a travessia da avenida não é fácil para uma pessoa com limitações visuais em um contexto social.

⁴⁸ Amazonas Shopping (Kinoplex Amazonas); Millenium Shopping (Cinépolis Millennium); Manaus Shopping Plaza (Cinépolis Manaus Plaza).

Figura 82: Semáforo Sonoro na avenida Djalma Batista



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra o farol sonoro da avenida Djalma Batista.

Figura 83: Faixa de pedestre na avenida Djalma Batista

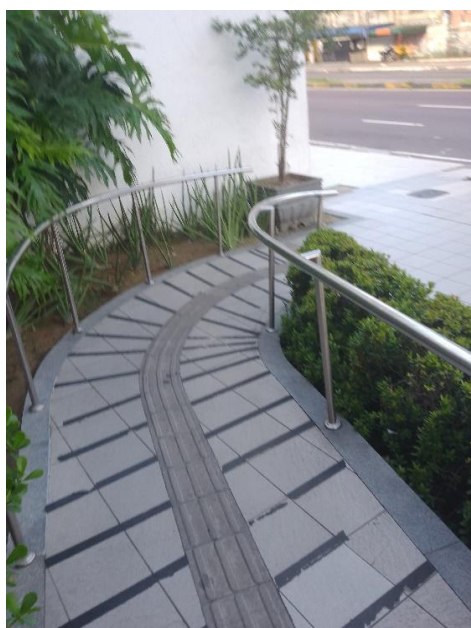


Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra ao fundo uma faixa de pedestres e em primeiro plano o farol sonoro da avenida Djalma Batista.

Desta maneira, o semáforo sonoro é uma escolha dos pedestres em si para atravessar a avenida. As calçadas que levam ao Millennium Shopping não apresentam nenhum piso tátil para orientação espacial. Mas a entrada do shopping tem uma rampa de acesso com um piso tátil tanto direcional quanto de alerta, que leva à porta de entrada do Shopping.

Figura 84: Rampa de frente para Shopping



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a rampa acessível que está localizada a frente do Millenium shopping.

Figura 85: Piso Tátil de alerta e direcional na frente do Shopping



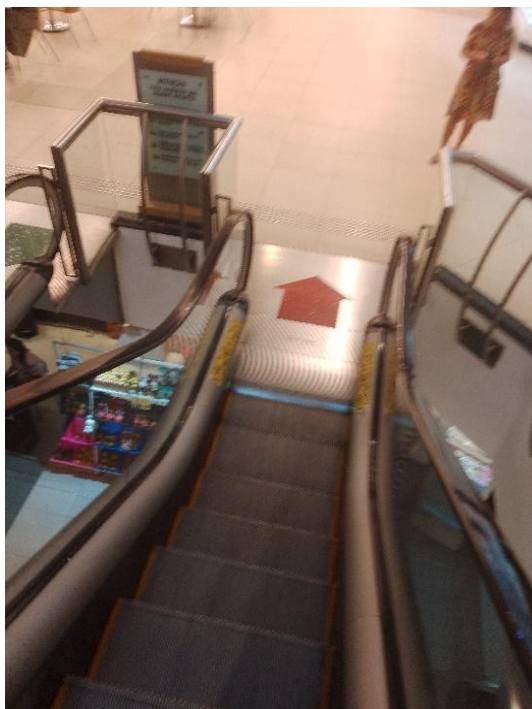
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra o piso tátil e direcional, que está localizado a frente do shopping.

O cinema fica localizado na parte superior do shopping (terceiro andar). Isso dificulta muito a interação, levando em conta que não foi identificado nenhum material humano no shopping que conduza até o cinema, houve apenas informativos (de funcionários de lojas e segurança do shopping) acerca do local exato do cinema.

Foi identificado piso tátil de alerta em frente às escadas rolantes, mas não foram encontrados pisos táteis direcionais nos andares do shopping, isso é problemático pois ele apresenta dimensões grandes, e as escadas rolantes estão no meio do shopping.

Figura 86: Escada Rolante



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a vista de cima para baixo, de uma escada rolante que está localizada no milleniun shopping.

Há elevadores que levam ao andar do cinema, mas digo que não há qualquer piso tátil direcional que também leve aos elevadores, e eles estão em locais estratégicos (normalmente nas laterais) do shopping, dificultando muito o sentido de direção. O andar do cinema também é ausente de pisos táteis.

Na parte da entrada do shopping que diz respeito à avenida Constantino Nery, há um elevador centralizado, juntamente com uma placa informativa em formato braille, indicando alguns aspectos do shopping, todavia sem um piso tátil que leve diretamente a ela.

Figura 87: Aviso de prioridade no elevador



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma placa de aviso de prioridades

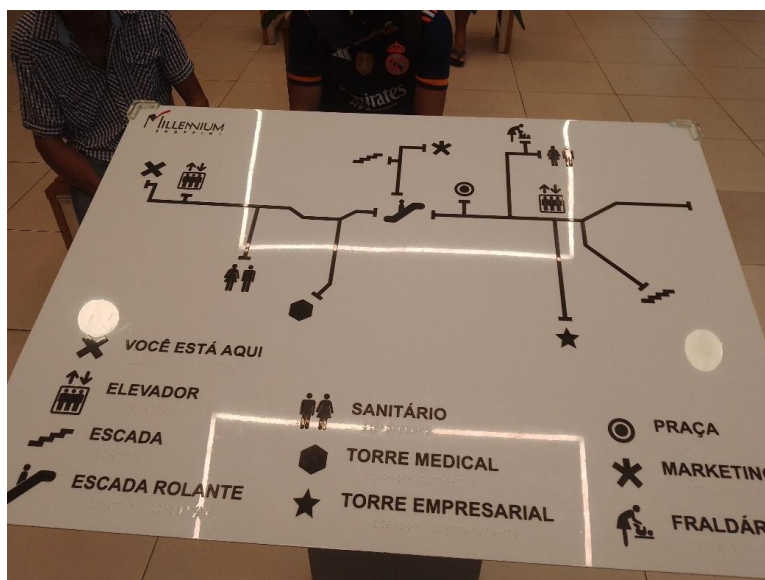
Figura 88: Elevador de prioridade no Shopping



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a porta de entrada de um elevador. No chão, há o piso tátil de alerta na cor prata.

Figura 89: Informativo em braille do Shopping



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra o mapa tátil na entrada do milleniun shopping.

É necessário pontuar que os cinemas em Manaus oferecem entradas gratuitas para pessoas com limitações em um contexto social (no geral), todavia, é um processo que exige uma carteira de identificação reconhecida⁴⁹ a nível municipal.

Eu sou portador desse documento que apresentei e me deram o ingresso para assistir ao filme gratuitamente. Me perguntaram sobre se eu queria uma poltrona perto da tela, eu recusei, preferi ficar no meio. Eu escolhi um filme legendado para assistir (Pobres Criaturas).

Devo advertir que minha experiência com o cinema se baseia unicamente em filmes dublados. Sempre que vejo títulos legendados, vejo pausas, pois eu não

⁴⁹ Passa Fácil: cartão usado para entrada gratuita em transporte público, prioridade em filas, e entrada franca em alguns espaços privados. Funciona a nível municipal, tendo que ser retirada mediante Laudo Médico do SUS junto a Mobilidade Urbana de Manaus (IMMU).

consigo ler a legenda e ver o filme ao mesmo tempo. Assim, era necessário um processo de audiodescrição do filme para eu poder conseguir usufruir da película.

Eu fui em distintos cinemas em Manaus, não encontrei nenhuma sala que oferecesse tal produto (não fui em todos os cinemas em Manaus), em razão disso, eu fiquei impressionado quando o atendente me informou que oferecia sim produtos de audiodescrição; ele me disse que o filme que eu escolhi tinha esse recurso.

Ele trouxe um documento para eu assinar (tive que dar para ele o número da carteira de identidade e assinei); e me mostrou um celular com um suporte e fones de ouvidos dentro de um saco plástico e ainda me informou que os fones eram higienizados.

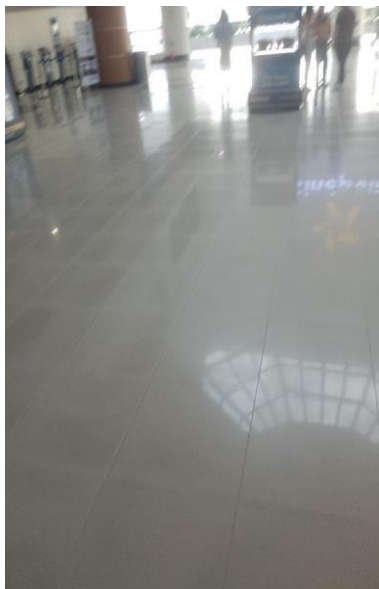
Figura 90: Andar do Cinema



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra a fachada do Cinépolis que está localizado no terceiro andar do milleniun shopping.

Figura 91: Piso do Shopping



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra o piso na cor cinza, no terceiro piso do milleniun shopping.

Figura 92: Assinatura dos documentos



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra um aluno no guichê do Cinépolis no milleniun shopping.

Ele me pediu para eu me dirigir a sala, para onde me dirigi. As salas de cinemas sempre foram um grande obstáculo para mim. Uma sala escura, com baixa iluminação, como sempre fora hermético a subida das escadas para mim. A numeração das poltronas é outro ponto importante, pois nunca consigo me localizar, e acabo sentando em um lugar que não é meu ou fica vago.

Eu de novo fiquei em um lugar vago e fiquei nervoso sempre que alguém entrava no cinema, e me indagava acerca do que eu fazia em sua poltrona. Uma funcionária do cinema trouxe o celular com o suporte e os fones. Ela colocou o celular com o suporte onde normalmente se colocam os copos de refrigerante.

Ela me informou que voltaria assim que o filme estivesse para começar. Pessoas iam chegando (normalmente jovens), e os comerciais e trailers passavam na tela do cinema; as luzes se apagaram e a funcionária voltou. Ela ligou o celular e começou a mexer nas configurações.

Figura 93: Poltrona junto com o celular de audiodescrição



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra uma das poltronas do cinema com audiodescrição. Em um dos braços da poltrona, há um suporte para posicionar o aparelho de celular, para a pessoa com deficiência visual ouvir o filme com audiodescrição.

Figura 94: Celular da Audiodescrição



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Foto do aparelho de celular usado para ouvir o filme com audiodescrição.

Figura 95: Fones de ouvidos



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Foto do fone de ouvido usado para ouvir o filme com audiodescrição.

Eu perguntei a ela, sobre se era somente audiodescrição, ela me disse que também existia o recurso em Libras. Se começam os créditos iniciais do filme. Ela me passa os fones e fica esperando ao meu lado, para minha surpresa se inicia a audiodescrição; ela me disse que voltaria ao fim do filme.

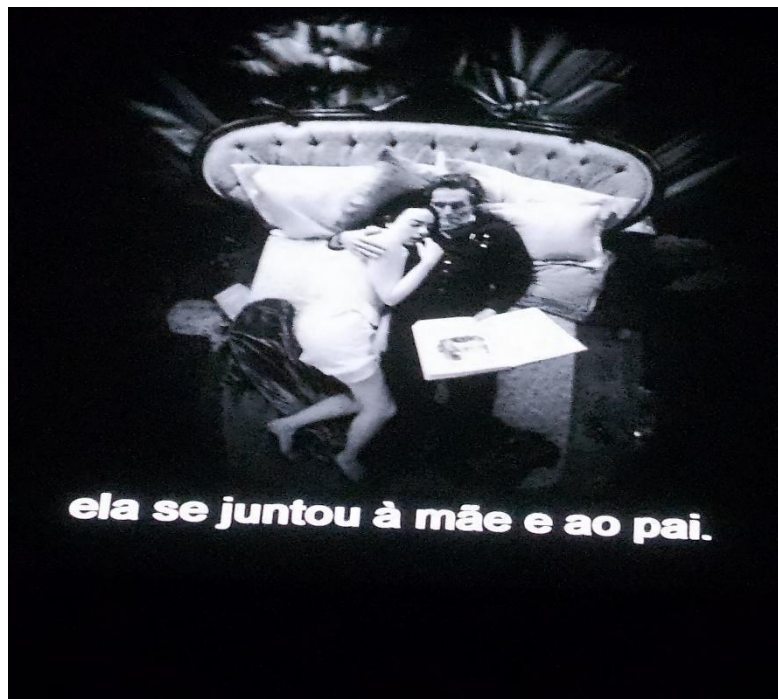
A audiodescrição era gravada, antes mesmo da cena ocorrer o narrador descrevia o cenário e os detalhes dos personagens, como lia as legendas do filme (filme falado em inglês), a audiodescrição não deixava passar nada, como os cenários do filme, os movimentos dos personagens e os diálogos.

Me impressionou bastante, levando em conta as diversas cenas de sexo que ocorrem, cuja narração não omite os fatos mais explícitos envolvendo a personagem principal do filme (uma mulher). Eu sentia que estava tendo o mesmo impacto do filme, pois nos diálogos cômicos eu ria junto com todos os outros espectadores.

Teve um diálogo da personagem principal que disse *“não ser puta, mas dona do seu meio de produção”* que a plateia riu tanto, que eu não consegui ouvir os

diálogos restantes, mas foi uma situação de uma cena específica, nas demais não houve nenhuma falha na audiodescrição.

Figura 96: Cena do Filme com legenda



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma cena de um filme com legenda.

Figura 97: Outra cena do filme



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra outra cena Do mesmo filme

Ao final do filme eu me senti totalmente satisfeito. Abro para uma observação, pois se tratando de filmes legendados, sempre vejo sozinho, eu ia ter que me aproximar muito da tela e fazer repetidas pausas no filme, que sempre me induziu a não ver filmes legendados com outra pessoa. Eu sempre vi em casa, sem a companhia de outra pessoa.

Nessa seção, eu de forma plena, pude acompanhar sem pausas e sem precisar me aproximar da tela ou simplesmente abandonar o filme (como já fiz outras vezes). Aquele recurso de audiodescrição me proporcionou a mesma oportunidade que os outros no cinema.

A funcionária do cinema voltou e retirou o celular da poltrona. Descer as escadas tem o mesmo nível de dificuldade de subir, pois mesmo que as luzes do cinema estejam acesas, eu ainda sinto muita dificuldade em sair da sala de projeção do filme.

A acessibilidade ocorreu no processo de ver o filme, entretanto, devo apontar a ausência de pisos táteis de alerta e direcional na sala de cinema, o que dificulta bastante para quem quer chegar sozinho na sala, como uma numeração de cadeiras com números com fonte mais ampliada e em braille para dar mais senso de lugar para as pessoas com limitações visuais em um contexto social. Eu vi as cadeiras reservadas às pessoas com mobilidade reduzida logo nas primeiras fileiras.

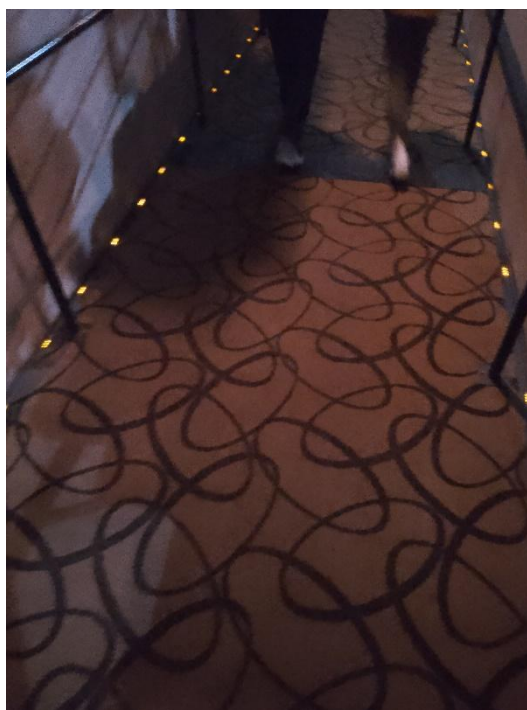
Figura 98: Poltrona Adaptada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma sala de cinema. Em primeiro plano, há uma poltrona para pessoas obesas na cor marrom

Figura 99: Chão da sala de cinema



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto, mostra o piso da sala de cinema do Milleniun shopping.

Figura 100: Escadas da sala de cinema



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra as escadas de uma das salas de cinema do milleniun shopping

4.5.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA E DE QUEM TRABALHA NO CINEMA

Devo fazer um esclarecimento de antemão. Para as entrevistas no cinema, em relação aos seus funcionários, houve muita relutância deles em conceder tal depoimento. Eu sempre conseguia respostas de forma indireta, nunca com o propósito da pesquisa.

Ness sentido, o funcionário que cedeu a entrevista, estava visivelmente “incomodado” com tal situação (o funcionário auxiliava em encontrar a sala certa do cinema, ele me disse que não ocupava um lugar de destaque na empresa), a resposta

dele foi breve e sucinta, mas de uma forma que me permitiu concluir o objetivo metodológico em relação à visita ao cinema. As perguntas foram as mesmas feitas para os funcionários do Teatro Amazonas e do Palacete Provincial.

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no cinema?

Responsável pelo cinema: Sim, recebemos.

Você acha que o recurso humano do cinema está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Responsável pelo cinema: Temos, temos sim.

Você acha que o espaço físico do cinema está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Responsável pelo cinema: Físico também.

As respostas dele foram breves, mas que abrem um leque de discussão em relação à presença. No capítulo anterior os entrevistados afirmaram que o cinema na cidade de Manaus era algo que eles não estavam presentes. Houve uma cisão de uma geração para outra, impulsionado pela gramática social de reconhecimento social. Cinema se adapta a pessoa, não a pessoa se adapta e como é previsto pela legislação nacional (2015).

A resposta dele é reiterada por mim, que vi no documento necessário para obter a audiodescrição mais assinaturas solicitando tal instrumento de acessibilidade. Então, o cinema não mais é um conceito abstrato para pessoas com limitações visuais em um contexto social. Ele cristalino, gera entretenimento, para pessoas com distintas características físicas e sensoriais.

Em relação ao material humano, eu me senti extremamente satisfeito com o tratamento de todos os funcionários do cinema. Em nenhum momento houve uma certa rispidez por eu ser quem eu sou, sendo que em outros cinemas eu já senti isso.

O recurso humano estava sim pronto para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social, convergindo com a resposta do funcionário do cinema. As atitudes dos funcionários do cinema são condizentes com a legislação que pede um tratamento digno para pessoas que as necessitem em espaços privados e públicos (2015).

Agora, sem dúvida alguma, a estrutura física é um problema, levando em conta que, o cinema está inserido no contexto do Shopping Millennium, que tem pouco a oferecer em relação à acessibilidade. O que há são símbolos que remetem ao

lembrete de que há acessibilidade, mas o shopping não tem uma progressão em sua estrutura física em relação aos padrões de acessibilidade.

Existe uma rampa de entrada com pisos táteis, mas ao longo do shopping não há outros meios de acessibilidade. Claro, o elevador é uma tecnologia assistiva que fica isolada, mas não há um direcionamento para o elevador; os funcionários do shopping apenas apontam uma direção do cinema (dizem onde ele se localiza) e não há ou não foi identificado material humano específico que ajude na locomoção para o cinema.

A sala de cinema em si é um obstáculo e tanto. Falta uma rampa para ajudar na locomoção, como a identificação das poltronas é outro problema, levando em conta que é um número padronizado em tamanho, sem a presença do braille, ou a cor da cadeira em destaque para sinalizar que é um lugar preferencial.

É necessário não contradizer o funcionário, mas esclarecer que o material físico se encontra ainda muito a desejar, existe sim a audiodescrição materializada no celular, mas o percurso até a poltrona do cinema é dificultoso. Não posso ignorar que o funcionário que cedeu a entrevista talvez interpretasse “material físico” como sendo o celular e os fones de ouvido para audiodescrição, sem dúvida nenhuma fica difícil para ele opinar acerca do shopping como um todo, pois sua autonomia administrativa lhe trouxe limitações acerca de tal ponderação.

Se começa as perguntas com os entrevistados, que são os mesmo que usei acerca do Palacete Provincial e Teatro Amazonas.

Você frequenta cinemas?

ROBSON: Olha, até antes da pandemia eu ia mais aos cinemas, agora eu te confesso que depois da pandemia, com a chegada dos streamings eu tenho ficado mais em casa, mas o cinema para mim, é uma atividade de lazer que eu gosto, prefiro muito, mas continuo assistindo só o cinema em casa, me deslocar para ir ao cinema tem sido raro, eu vou eventualmente, mas bem menos que antes da pandemia.

Você acha que os cinemas estão preparados para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

ROBSON: Eu vou te dizer que, vejo hoje com muito otimismo, hoje os cinemas oferecem lugares preferenciais às pessoas com deficiência visual, além do mais em nosso estado eles não cobram entrada de deficiente, a entrada é franca. Eu sempre vou no cinema do Amazonas Shopping, e uso a

audiodescrição, mas eu sempre vou acompanhado e a pessoa descreve para mim. Vejo que falta um certo grau de polimento acerca do tratamento com a pessoa com deficiência.

Você frequenta cinemas?

MARCELA: Eu frequento, mas espero sair um filme que me interessa, eu vou ao Cinépolis ou ao Cinemark, (fechou 31/01/2022, antes da pesquisa de campo) mas não é algo que eu faço com frequência, vai fazer um ano que eu não vou ao cinema.

Você acha que os cinemas estão preparados para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

MARCELA: Eu acredito que não, Eu tenho baixa visão, eu tenho dificuldade, principalmente quando as luzes do cinema estão apagadas, eu não consigo, mesmo que os degraus tenham as sinalizações eu não consigo, falta o sensorial o tátil, já que na ausência da visão nós temos que ter o tátil, informações nas laterais e nós não encontra. Eu tenho ainda uma porcentagem da visão e sinto dificuldade, imagina quem tem perda total, as cadeiras são numeradas e em ordem alfabética, isso a gente não consegue ver, nem no claro e nem no escuro.

Você frequenta cinemas?

RICHARD: Olha, quando eu vou no cinema, eu vou sempre na Via Norte, como a gente vai em turma de deficientes visuais, a gente vai sempre na Via Norte.

Você acha que os cinemas estão preparados para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

RICHARD: Olha as vezes que eu fui ao cinema eu estava acompanhado de uma pessoa vidente⁵⁰, e ela fez a audiodescrição para mim. Eu soube que há um aplicativo que faz a audiodescrição para mim, eu ainda não testei, qualquer hora vou testar.

Você frequenta cinemas?

WELLCH: Sim, frequento alguns cinemas, inclusive agora nós cegos podemos usar a audiodescrição em alguns filmes.

⁵⁰ Pessoa que enxerga nitidamente.

Você acha que os cinemas estão preparados para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

WELLCH: Nos cinemas que eu tive experiência, um ou outro não tem audiodescrição, assim eu levo o celular, mas as pessoas sempre me tratam bem.

Todos os entrevistados dizem que frequentam cinemas, como eles vão em cinemas distintos, em diferentes regiões da cidade de Manaus ⁵¹, já é uma situação importante, levando em conta que o termo cinema dos entrevistados do capítulo anterior era um nome abstrato.

ROBSON argumenta que falta um tratamento mais polido acerca de como lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social, algo que pessoalmente eu senti tanto no processo da pesquisa, quanto antes dela. Ainda falta uma conscientização acerca do saber lidar com as pessoas que necessitem ter uma atenção mais em conta.

ROBSON está em plenas faculdades mentais no que diz respeito a audiodescrição (ele cita no Amazonas Shopping: não foi visto lá, em virtude do tempo e recorte metodológico da pesquisa), contudo, ele esclarece que está sempre acompanhado de alguém que faz a audiodescrição para ele; como ele coloca acerca da entrada franca como uma forma de incentivo de ir ao cinema.

A entrada franca nada mais é que a cristalização das lutas sociais em torno da presença em locais, que historicamente os PLCs sempre estiveram à margem, como foi trazido no capítulo anterior. Em razão disso, o Passa Fácil também possibilita a gratuidade em ônibus. Esse instrumento de acesso é possibilitado pelo Estado⁵², que reconheceu juridicamente a gratuidade no cinema, como uma forma de reconhecimento social, indo ao encontro do pensamento de Honneth (2003) sobre o reconhecimento jurídico de uma pessoa historicamente marginalizada no berço da sociedade.

RICHARD argumenta que sempre vai acompanhado de outras pessoas com as mesmas características dele, como é visível o desconhecimento do entrevistado com relação a audiodescrição nos cinemas em Manaus. Isso foi um problema encontrado

⁵¹ Via Norte (Shopping Via Norte, fica no bairro Nova Cidade). Amazonas Shopping fica na Avenida Djalma Batista.

⁵² Devo dizer, que o estado nesse caso é a prefeitura, o passe fácil não funciona em relação ao transporte via estadual (como viajar de barco para outra cidade). Ele é restrito ao âmbito municipal.

por ele e por mim, que não sabia da existência dessa ferramenta de acessibilidade antes da pesquisa.

Não há qualquer forma de divulgação desse mecanismo de acessibilidade na grande mídia em geral, ficando restrita a um recorte de jornal.⁵³ Esse instrumento não é divulgado pelos cinemas em comerciais de televisão, ou colocado em destaque em sites de ingressos.⁵⁴ Ocasionalmente a perda de oportunidade para frequentar um serviço existente, previsto por lei (2015).

MARCELA coloca os mesmos problemas enfrentados por mim: a sala de cinema por ter como singularidade a escuridão dificulta a movimentação autônoma. Os lugares preferenciais existiam sim, mas a acessibilidade é poder escolher o lugar onde você se sinta mais à vontade, e não algo que escolhem para você.

As escadas, a marcação da poltrona, o escuro torna o campo dificultoso para o hábito social como pondera Bourdieu (2010); e não é só em um cinema específico, todos tem essa característica, é uma áurea em torno de romances, de se sentir isolado ou desconhecido.

WELLCH coloca a audiodescrição nos cinemas que ele vai, na falta dela, ele já tem o celular. Quando ele diz celular, ele argumenta a respeito dos aplicativos que fazem audiodescrição disponíveis na internet, algo que RICHARD já havia inferido; a tecnologia assistiva dá o suporte e a autonomia dos entrevistados.

Nas lojas do Google existe o Lookout: aplicativo que descreve alguns aspectos físicos do espaço, Levy (1999) fala que o ciberespaço dilui o espaço físico (neste caso em cinemas sem audiodescrição, onde a própria pessoa torna possível tal procedimento), ele é uma alternativa, assim os aplicativos de internet são opções viáveis para cinemas sem audiodescrição.

4.5.2 PARECER DO CINEMA

O cinema como um equipamento de lazer específico é acessível para a pessoa com limitações visuais em um contexto social. No entanto, existe a ressalva de que, em virtude dos cinemas em Manaus do século XXI estarem totalmente vinculados ao Shopping Center, assim, é necessário que os próprios shoppings se adaptem à

⁵³ <https://www.jcam.com.br/noticias/audiodescricao-agora-no-cinema-do-amazonas-shopping/>

⁵⁴ <https://www.ingresso.com/filme/pobres-criaturas?city=manaus&partnership=home>

pessoa nessa condição.

Não é o caso de agora, pois muitos shoppings não apresentam estrutura física preparada para lidar com a dinâmica da acessibilidade. Eles seguem um padrão de corredores, onde são apresentadas lojas com promoções, formando nada mais que um labirinto kafkiano de consumo, o shopping é espaço de consumo como pensa Santos (2008). É fácil se perder no shopping, tendo a noção de tempo distorcida, e com o material humano preparado para atender as vendas, os visitantes do shopping não são pessoas que necessitem de uma informação, eles são clientes em potencial para reprodução do capital, como pondera Maruno *et all* (2006, p.9):

O consumidor de hoje espera encontrar no shopping, além de um lugar agradável para estar, um centro de compras, serviços e lazer suficientemente completo para suprir suas necessidades e expectativas, objetivamente, a satisfação do cliente é alcançada quando ele encontra um centro que supre suas necessidades de consumo em uma única visita.

Então, Maruno coloca o shopping com a finalidade comercial, sendo que, qualquer pessoa que entra no shopping passa de cidadão para consumidor, e o cinema está nessa percepção de venda. É oferecido um momento único, o lazer, onde a busca de novas tensões é desfrutada como coloca Elias e Dunnig (1992), vendo um filme.

A pessoa com limitações visuais em um contexto social pode usufruir tal situação, todavia deve passar por essa estrutura física, não só encontrada em um, mas em todos os shoppings de acessibilidade meramente simbólicas na capital amazonense. Mas dois entrevistados argumentam da companhia ao ir ver um filme, como eles indicam que vão em distintos cinemas na cidade, e democratizar o espaço é democratizar o lazer como pensa Marcellino (1983), esses cinemas espalhados pela urbe, democratizam o poder de escolha.

Como visto no capítulo anterior, havia diversos cinemas na Manaus da segunda metade do século XX, todavia, apenas um (Senhor Almir) dos entrevistados do segundo capítulo de fato falou que o frequentava, os demais entrevistados ou se sentiam incomodados para ir, ou de fato não iam. Eles eram aquilo que Scotson e Elias (2000) chamavam de outsiders em relação aos cinemas.

Agora a audiodescrição e o fato de o próprio Estado incentivar a ida ao cinema, mostra que a cidade de Manaus tem no cinema um espaço para o lazer da pessoa

com limitações visuais em um contexto social. Esse lazer mostra sim obstáculos (como argumentou MARCELA), mas representa um lugar acessível e de escolhas na capital amazonense. A escolha de ver um filme aguardado como ponderou MARCELA, ao dizer que ia às vezes, mas frequentava.

Fazer uma visita em grupo, como coloca RICHARD e ROBSON, trazendo de volta a camaradagem da porta de cinema, antes visto no Cine Guarany, colocando o lazer na esfera do tempo e da atitude como pondera Marcellino (2021), ambos têm o tempo livre e atitude de ir ver um filme, para usufruir as tensões prazerosas que não é só acompanhar o enredo de uma película, mas bater papo fora e renovar as energias, colocando o lazer na esfera do artístico (apreciar uma obra de arte) e social (convergência de pessoas), como pensa Marcellino (2021).

4.6 PROCEDIMENTOS ETNOGRÁFICOS DA VILA OLÍMPICA DE MANAUS

Antes de se iniciar o procedimento etnográfico, deve ser feita a seguinte ressalva: a Vila Olímpica de Manaus representa um espaço onde há diversas possibilidades de práticas físico-desportivas, tendo em vista, sua dimensão geográfica significativa e diferentes locais de desporto, que impera na paisagem da vila.

Dessa forma, foi necessário fazer um recorte espacial e de uma modalidade desportiva, levando em conta o tempo da pesquisa, junto com a metodologia; portanto, foi selecionada a pista de corrida e seu arredor, junto com ato de caminhar como prática física.

A VOM (Vila Olímpica de Manaus) fica localizada na avenida Pedro Teixeira, bairro Dom Pedro. Uma rua de fluxo de carro, moto e transporte público constante. Existe sim um semáforo sonoro na avenida Pedro Teixeira, mas ele diz respeito a Biblioteca Braille do Amazonas, como há um percurso muito longo da Biblioteca Braille para a VOM, em função disso, foi descartado a possibilidade de inferir que a VOM tem um semáforo sonoro.

Os ônibus são restritos, isso é um problema, levando em conta que a VOM é referência de um espaço para práticas desportivas em todo o Amazonas. Há paradas de ônibus no lado direito e esquerdo da avenida Pedro Teixeira, que ficam de frente ou próximo da VOM.

Há uma passarela, que possibilite o pedestre atravessar para o lado direito ou esquerdo da avenida Pedro Teixeira, porém ela não tem nenhum elevador (somente escadas) e uma nulidade de piso tátil em seu percurso, representando mais um obstáculo físico do que um meio de acesso para as pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Figura 101: Passarela



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma das passarelas da cidade de Manaus.

Figura 102: Escadas da passarela



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: A foto mostra a escada da passarela da avenida Pedro Teixeira.

Figura 103: Avenida Pedro Teixeira



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a imagem afastada da avenida Pedro Teixeira. Há no fundo da imagem a passarela que leva a vila olímpica de Manaus

Devo sair um pouco do procedimento etnográfico, e trazer a minha experiência pessoal. Já presenciei diversas vezes, grupos de pessoas com limitações visuais em um contexto social (completamente cegas) pegando ônibus em frente a VOM para ir para casa, como já vi pessoas decentes em frente a vila para praticar algum esporte.

Neste caso devo informar que tive experiências ambíguas. Para descer e ir à VOM, o motorista de ônibus parava em frente à Vila (não em frente a parada de ônibus convencional) e esperava o funcionário da VOM vim buscar a pessoa com limitações visuais em um contexto social; como percebi que na volta para casa, já há um descaso ao entrar no ônibus, precisando de passageiros do ônibus ajudarem no acesso ao transporte.

Isso fica muito explícito na ausência do cobrador⁵⁵, que normalmente era a pessoa que ajudava as pessoas com limitações em um contexto social a entrar no transporte público, com sua contínua ausência da função, isso ficou a boa-fé dos passageiros.

A VOM em si não tem quase nenhum piso tátil, ficando muito nítida a presença de rampas ao longo das calçadas. A recepção é muito bem conduzida pelos responsáveis da entrada da vila, sendo que, eles me informaram que não podem sair do seu local de trabalho para receber uma pessoa que precise de ajuda, eles apenas podem informar os locais, ficando a responsabilidade da pessoa com limitações visuais em um contexto social se guiar sozinha, caso não tenha ajuda.

⁵⁵ Em Manaus, cada vez mais os cobradores de ônibus são destituídos do cargo, ficando com o motorista a responsabilidade de receber os passageiros.

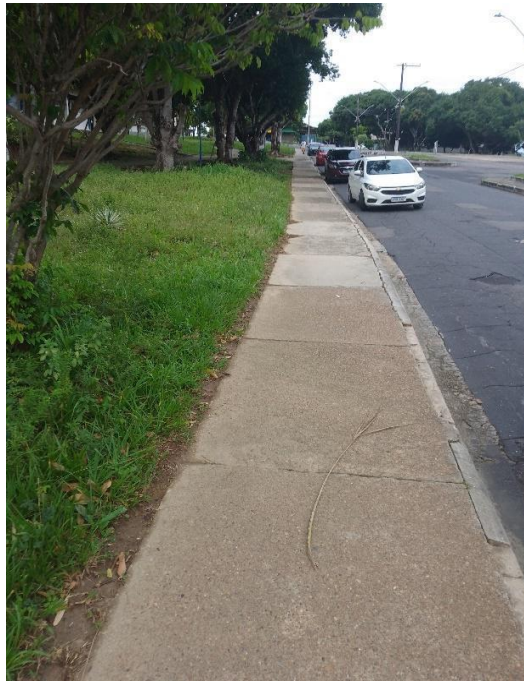
Figura 104: Entrada da Vila Olímpica de Manaus



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a imagem afastada da entrada da vila olímpica

Figura 105: Calçada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma calçada próxima à Vila olímpica.

Figura 106: Rampa



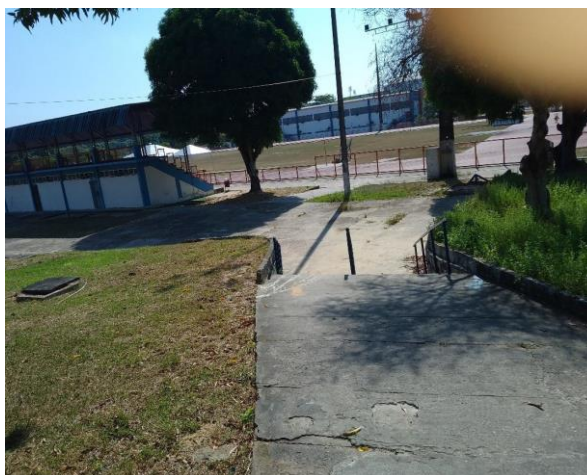
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma rampa acessível nas proximidades da Vila Olímpica.

Todavia, é necessário comunicar que não há um mapa em braille que destaque os locais na VOM, ficando a pessoa com limitações visuais em um contexto social dependente de uma memória, ou de terceiros para guiá-los a pista de atletismo.

O percurso até a pista de atletismo também é um entrave, levando em conta que, em um caminho existe escadas sem qualquer tipo de rampa, apenas um corrimão que dá um suporte na caminhada; andando pela outra opção há ausência de um piso tátil de qualquer forma (direcional ou alerta).

Figura 108: Escadas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra imagem afastada da pista de corrida, onde há uma escada com corrimão

Figura 109: Corrimão



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: Imagem de cima para baixo de uma das escadas da pista de corrida.

Existem arquibancadas ao lado da pista de atletismo, onde há o aquecimento e instrução de treinamentos. Existe uma rampa para representação simbólica de acessibilidade, mas é só em relação aos padrões de acessibilidade, ausente de piso tátil.

Para se chegar à pista de atletismo não há rampas, mas há uma escada para a entrada, a outra alternativa é pela extremidade da pista onde não há qualquer piso tátil. Em relação à pista de atletismo, foi me orientado a não andar nas raias que os corredores profissionais treinavam, somente em raias desocupadas.

Existia a necessidade de calçamento apropriado para andar na pista de atletismo, caso você não tenha, pode caminhar ao redor da pista, como eu observei

que muitos faziam, davam voltas e mais voltas em torno da pista, com ritmos diferentes: uns caminhavam, outros apenas andavam, outros faziam marchas e ao mesmo tempo conversavam com o colega.

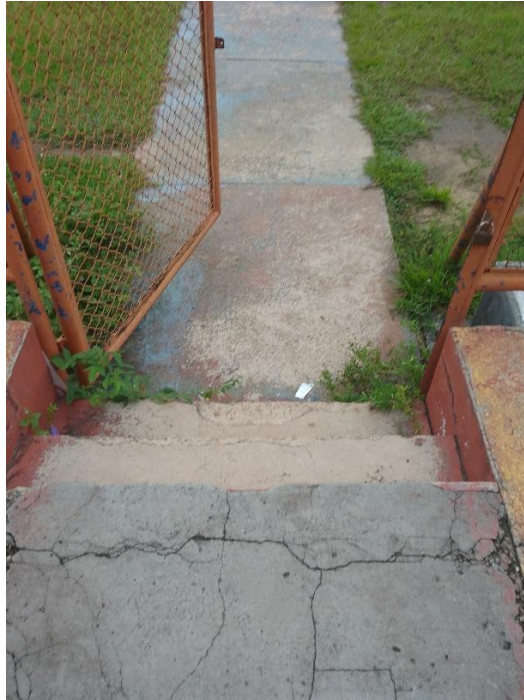
Figura 110: Vista da arquibancada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

DESCRIÇÃO: arquibancadas da pista de corrida, mostrando a pista

Figura 111: Escada para a pista



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra imagem de cima para baixo da escada e do portão que dá acesso à pista de corrida da Vila Olímpica.

Figura 112: entrada na lateral



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma imagem afastada da pista de corrida da Vila Olímpica.

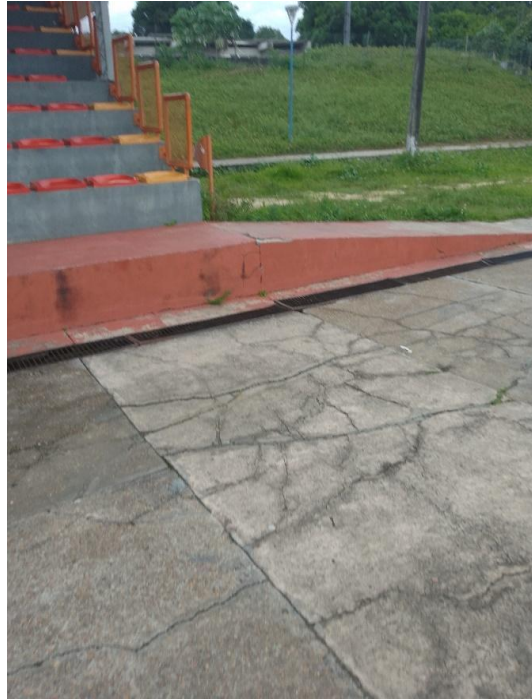
Figura 113: Estrutura física



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma imagem afastada da pista de corrida da Vila Olímpica.

Figura 114: Rampa da arquibancada



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a rampa e a arquibancada da Vila Olímpica.

Figura 115: Calçamento da vila



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a imagem afastada de uma das calçadas de Vila Olímpica.

Na pista de atletismo, existia treinamento de pessoas, com profissionais ao lado mensurando o tempo de corrida, como havia pessoas caminhando lentamente. Ao redor da pista havia pessoas se aquecendo para entrar na pista, ou esperando sua vez para correr. Ao lado da pista havia equipamentos de suporte para a prática de exercícios físicos.

A Vila Olímpica em síntese não apresenta piso tátil, sistema braille de comunicação, ou algo para descrever o espaço. A força da acessibilidade na Vila Olímpica de Manaus *está nas pessoas*, e na conjuntura social que leva as pessoas com limitações visuais em um contexto social a ir para a Vila Olímpica de Manaus.

Eu fui observar o treinamento de um profissional de Educação Física que trabalha já algum tempo (desde os anos 1990) com pessoas com limitações visuais em um contexto social. Ele me disse, que é um dos pioneiros na vila, em Educação Física adaptada⁵⁶.

Ele me disse que a equipe se ajuda, cada pessoa com limitação visual em um contexto social tem um guia, que pode ser qualquer membro da equipe. Essa equipe é formada por todos os tipos de pessoas, eles correm não só na Vila, como em outros cantos da cidade.

Essa equipe dá todo um suporte para as corridas, ajudando não apenas na prática de correr na pista, como em se locomover pela Vila. A pessoa com limitação visual em um contexto social pega no ombro de uma pessoa para andar pela Vila, e fica ciente dos obstáculos pela comunicação oral de seu guia.

É importante ressaltar que as pessoas com limitações visuais em um contexto social não estão na Vila e na equipe do profissional de Educação Física apenas para lazer; há um membro que é atleta paraolímpico recordista a nível nacional e regional nos 400 metros⁵⁷. Assim, já não é lazer o que ele faz na Vila (corrida), mas trabalho,

⁵⁶ Modalidade da Educação Física que trabalha com adaptações para pessoas que necessitem de tal procedimento.

⁵⁷ 400 metros rasos, uma modalidade olímpica.

em virtude disso, ele me informou que ganha uma bolsa do Governo Federal⁵⁸ para se preparar para as competições e arcar com o custo das viagens.

Todavia, esse mesmo atleta diz que sente o lazer na corrida em si, como na camaradagem que existe nos membros da equipe, de estar lá e participar das conversas, das interações; como há outra pessoa com limitação visual em um contexto social que não é atleta paralímpico e vai pelo lazer de correr e se sentir incluído na equipe.

As corridas são feitas na pista. Aqui, devo advertir que não levei em conta o tempo cronometrado do profissional de Educação Física. O guia usa a mão presa por uma corda⁵⁹, ou ambos se dão a mão e informa a hora de correr, andar para a esquerda, direita, obstáculo, diminuir e aumentar a velocidade.

⁵⁸ O Governo Federal institui a bolsa atleta, para incentivar o fermento de esporte no Brasil

⁵⁹ Corda de corrida para cegos, tecnologia assistiva, que pode ser comprada, ou adaptada de uma corda comum

Figura 116: Pista



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra a imagem afastada da pista de corrida da Vila Olímpica que é na cor vermelha.

Figura 118: Corrida



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Descrição: A foto mostra uma imagem afastada de algumas pessoas com deficiência visual correndo com os seus respectivos guias na pista de corrida da Vila Olímpica.

A equipe observa e dá incentivos para a conclusão da corrida; todos se reúnem para conversas após o treino, sendo que todos seguem caminhos diferentes. As pessoas com limitações visuais em um contexto social me informaram que usam majoritariamente transporte público para ir e voltar da Vila.

4.6.1 A PERCEPÇÃO DE ACESSIBILIDADE DE QUEM FREQUENTA, E DE QUEM TRABALHA NA VILA OLÍMPICA DE MANAUS

Acerca dos funcionários da VOM, foram entrevistados dois, tendo em vista, que existem diversos profissionais do esporte que trabalham no espaço.

Foi entrevistado um professor que foi indicado pela Biblioteca Braille do Amazonas, tendo experiência de trabalho acumulado desde os anos de 1990 com

peças com limitações visuais em um contexto social; como também foi entrevistado o diretor da Vila Olímpica de Manaus

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui na Vila Olímpica?

Professor da Vila Olímpica de Manaus: Sim, sim, eu sou profissional de educação física, trabalho no projeto "campeões da vila", aí eu trabalho com os deficientes visuais nesse sentido.

Você acha que o recurso humano da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Professor da Vila Olímpica de Manaus: Não, é outra questão, tem a ver com acessibilidade, ainda faltam pessoas com formação para lidar com essas pessoas.

Você acha que o espaço físico da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Professor da Vila Olímpica de Manaus: Não, também não, a Vila Olímpica é carente de piso tátil, de tabela braille, informação em braille. Tudo que diz respeito ao deslocamento de deficiente visual e ao cego, ela não tem.

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui na Vila Olímpica?

Responsável pela Vila Olímpica: Sim eu vejo

Você acha que o recurso humano da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Responsável pela Vila Olímpica: Sim, nós temos alguns educadores e professores. No nosso quadro há psicólogos, para saber lidar com os PcDs (pessoas com deficiência) que frequentam a Vila Olímpica.

Você acha que o espaço físico da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Responsável pela Vila Olímpica: Na sua totalidade não, ela foi planejada para ser uma vila OLÍMPICA, não PARAOLÍMPICA. Mas isso não nos isenta de responsabilidades de fazer adaptações para receber os PcDs para eles praticarem e se prepararem para o esporte paraolímpico.

Os dois entrevistados, confirmam algo que a etnografia já havia deixado escancarado: a Vila não tem nenhum suporte de adaptação física para proporcionar acessibilidade. São apenas rampas que estão mais na violência simbólica, como

pensa Bourdieu (2010), instigo isso, pois as rampas estão fora de um contexto de acesso a pista diretamente; as rampas ajudam em dar acesso às calçadas, prédios e arquibancadas da Vila, mas elas não suprem a dinâmica da acessibilidade como um todo. Elas dão acesso a um local, que talvez uma pessoa com limitação visual em um contexto social não use.

Houve uma certa divergência em cima do material humano, isso se deve pelo fato de que o professor e o responsável pela Vila ocuparem lugares bastante antagônicos dentro da esfera administrativa dela: um é o supervisor geral do ambiente, seu cargo está diretamente ligado à Secretaria do Governo Estadual (Secretaria do Estado do Desporto e Lazer-SEDEL); enquanto o outro usufrui do espaço para exercer uma atividade com fins específicos.

Dessa maneira, naturalmente o professor entende que o material humano ainda é ralo, levando em conta toda sua experiência e pioneirismo no estado do Amazonas em relação à educação física adaptada. O professor afirma que a grande maioria dos profissionais da vila não sabe lidar, e não tem o conhecimento específico de acessibilidade, isso fica nítido na entrada da vila, onde os profissionais dizem não poder fazer nada por pessoas com limitações visuais em um contexto social, somente indicar o caminho, os deixando à própria sorte.

O professor salienta sua parceria com a Biblioteca Braille do Amazonas, como indica tecnologia assistiva de um profissional conhecedor da causa de acessibilidade (piso tátil, tabela em braille). O próprio responsável pela Biblioteca Braille reitera acerca da capacitação teórica e prática do professor, para saber lidar com as pessoas com limitações visuais em um contexto social.

A Biblioteca Braille do Amazonas normalmente tem uma parceria com a SEC, mas aqui elas incentivam os integrantes da biblioteca a irem à Vila e praticar diversos desportos e atividades físicas, tendo como ponto norteador o professor da Vila.

Já o responsável pela Vila Olímpica me informou que há nesse novo contexto da Vila (ele se refere ao atual Governador do Amazonas) um período de transição. Ele admite que a Vila não está preparada fisicamente para receber uma pessoa com limitações em um contexto social, todavia, ela informa que as rampas observadas na etnografia são fruto desse período de transição.

Paulatinamente as transformações vão ocorrer, não à toa ele pondera acerca da presença de psicólogos na vila, juntamente com a demanda cada vez maior do

esporte paraolímpico. Para tal modalidade se desenvolver de forma plena, é necessário adaptações físicas no espaço, me disse o responsável pela vila olímpica.

Ambos notificam sobre a presença de pessoas com limitações visuais em um contexto social na Vila, mas isso já fora notado no segundo capítulo, com a Vila sendo um lugar além da escola Joana Rodrigues, que tinha o material humano para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social.

Agora é hora de saber dos entrevistados acerca da presença ou ausência na VOM, como sua percepção acerca da estrutura física e humana.

Você frequenta a Vila Olímpica de Manaus?

RICHARD: Gosto muito de correr, e frequento a vila olímpica de segunda a segunda, frequento outros lugares como a Ponta Negra, e o Ramal. Onde há corrida eu estou dentro.

Você acha que a Vila Olímpica de Manaus está preparada para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

RICHARD: Olha, nós nos adaptamos muito fácil ao local. Olha, na vila olímpica nós temos o professor Sérgio Nazareno, que nos ensina de tudo um pouco. Apesar da minha idade, minha vida mudou muito desde que eu comecei a frequentar a vila olímpica, sempre que eu venho aqui, há sempre pessoas para me ajudar, há sempre pessoas para correr comigo.

Você frequenta a Vila Olímpica de Manaus?

ROBSON: Olha, eu sou atleta das lutas, eu pratico lutas. Espaços específicos para prática do desporto eu raramente frequento, eu acho que falta em Manaus locais que podem te amparar mais, tem a Ponta Negra, mas eu não frequento a Ponta Negra para praticar esportes, somente para caminhadas e passeios.

Você acha que a Vila Olímpica de Manaus está preparada para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

ROBSON: Rapaz, eu acho a vila olímpica um local tão inacessível. Uma burocracia para você entrar ali, além de eles terem um local dedicados ao esporte, há autarquias que restringem a entrada de pessoas, por um lado restringe a entrada de pessoas. Eu acho por isso certo, pois preserva o patrimônio público, por outro é um excesso de burocracia. E pensando assim a

cada dia que passa, há uma demanda dos esportes paraolímpicos, mas eu não vejo nenhum atrativo que me force a ir, ou uma atração que nos deixe mais seguros para ir, não é um espaço que eu goste de frequentar. Frequentei muito quando era criança, praticava salto ornamental e andava de skate, mas hoje o espaço que eu vejo é um lugar inacessível e muito burocrático.

Você frequenta a Vila Olímpica de Manaus?

MARCELA: Só a Ponta Negra, quando a faixa é liberada, é um programa que toda a quarta feira eu vou com a família, e o CSU (Centro Social Urbano) às vezes, a vila olímpica não.

Você acha que a Vila Olímpica de Manaus está preparada para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

MARCELA: Bom, a Ponta Negra ela é bem ampla, ela tem rampas, mas ainda assim uma pessoa com dificuldades visual não consegue se locomover sozinha, pois não há sinalização no chão. Mas se a pessoa não tiver uma noção de como é a Ponta Negra ela sente dificuldade, pois há uma rampa de acesso no início da praia, se a pessoa não tiver conhecimento ela acaba se perdendo, ela não consegue aproveitar.

Você frequenta a Vila Olímpica de Manaus?

WELLCH: Eu venho todos os dias, pois sou atleta paraolímpico, para me preparar.

Você acha que a Vila Olímpica de Manaus está preparada para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

WELLCH: Somente no aspecto humano, faltam ainda adaptações físicas.

Começando por WELLCH e RICHARD, ambos são da equipe do professor, que tem uma finalidade tanto profissional quanto de lazer. Os dois entrevistados entram nessa ambiguidade (um corre por lazer, outro é atleta paraolímpico). No entanto, é necessário informar que WELLCH, sente no ir para a Vila, uma convergência no lazer, que está no âmbito social. A camaradagem nas rodas de conversa, a fofoca, o “futricar”, todos esses aspectos entram no pensamento de Marcellino (2021) acerca de um lazer social.

Não há como não evocar o clássico estudo de Nelson Carvalho Marcellino (1999), sobre os corredores de Campinas/SP, onde o lazer surgia não apenas na

corrida, mas nas conversas, no conhecer da outra pessoa, na tentativa de pessoas comuns praticarem um esporte e sair do sedentarismo, novas tensões (prazerosas ou não) são instituídas como infere Dunning e Elias (1992).

O correr para um, a convergência social para outro, o lazer da Vila Olímpica de Manaus nasce assim; não podemos ignorar que o próprio ato de ir para a VOM é uma aventura que desafia não só a pessoa com limitações visuais em um contexto social, mas para os familiares envolvidos (a família participa ativamente desse processo, como verificado no estudo de campo).

WELLCH e RICHARD pontuam que a estrutura física é nula e a VOM não está preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social, porém a Vila ainda carrega o que a fez diferente desde os anos de 1990: *o material humano*. Sempre há gente na equipe do professor para correr com RICHARD ou WELLCH, não é só correr, mas ajudar na trajetória até a pista ou sair da Vila até a parada de ônibus, oferecer uma carona, muitos membros da equipe enxergam o humano que existe em cada um de nós, como infere Morin (2011).

ROBSON e MARCELA falam da Ponta Negra, pois eles não frequentam a Vila Olímpica, sendo que a caminhada com a família é uma prática de lazer deles no contexto da Ponta Negra, não é um ponto de vista isolado deles, mas uma ação social coletiva, com fins específicos ao lazer.

Braga e Rodrigues (2008) já apontava essa convergência social para a Ponta Negra, para o lazer dos cidadãos manauaras, não só a parte elitizada que mora nos inúmeros condomínios fechados que há na Ponta Negra, mas uma massa populacional que se dirige usando o transporte público para consumir o espaço aos domingos.

ROBSON pondera a respeito do excesso burocrático de entrar na VOM, isso não foi percebido na pesquisa de campo, houve uma facilidade de frequentar os espaços como um todo na Vila Olímpica. Claro, não podemos ignorar o contexto de uma gestão para outra, como o próprio entrevistado comenta acerca de uma presença ativa na Vila em sua infância.

MARCELA fala que a Ponta Negra não tem sinalização tátil, aqui devo informar que não aprofundar nos comentários da entrevistada, levando em conta que, a Ponta Negra representa sim um espaço de lazer, mas como não entrou no recorte metodológico não se faz críticas sobre uma estrutura física.

4.6.2 PARECER DA VILA OLÍMPICA DE MANAUS

A Vila Olímpica de Manaus não está preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social. Existe, sim, um material humano lá dentro para saber lidar com ela, mas acessibilidade é autonomia: é poder ir e vir de forma autônoma, sem ajuda de ninguém e isso não é visto na Vila, pelo contrário, desde sair do ônibus, da prática física até o voltar para casa, tudo depende de terceiros.

A Vila tem uma “parceria” com a Biblioteca Braille do Amazonas somente simbólica. Não há o direcionamento do material humano e físico da Biblioteca Braille para a Vila, somente a informação pertinente de um professor que trabalha há anos com Educação Física adaptada naquele espaço.

E a Vila é um equipamento específico de lazer, levando em conta a frequência dos cidadãos nela, como é um consumo de lugar, como pensa Santos (2008), onde há trocas simbólicas de experiência na vila; sendo ela gerida pelo Estado se torna paradigmático sua atual existência, levando em conta a legislação que exige uma adaptação do espaço a pessoa (2015).

Na Vila é a pessoa que se adapta ao espaço, com a ajuda de outros indivíduos, isso é um problema que deve ser resolvido e não é necessário um orçamento avantajado para tal situação. O professor deu um norte em suas falas: piso tátil, tabelas braille, como um material humano que esteja desvinculado do excesso burocrático da função, como visto nos funcionários de entrada da Vila, que são orientados a ficar no setor, independente do quanto uma pessoa precise de ajuda.

A esfera administrativa do Estado (em nível estadual) tem os meios necessários para tornar a VOM mais acessível, ela se encontra em uma secretaria fora da SEC, nesse sentido a AASEC não pode influir em cima da vila, como a própria responsável da AASEC me disse (ela fica restrita aos espaços da SEC).

Dessa forma, falta a Vila entrar no século XXI incorporando atitudes pertinentes à acessibilidade, como as feitas pela própria SEC, criando um núcleo específico dentro da esfera administrativa, levando em conta que são adaptações simples, mas que fazem total diferença para quem necessita dela.

Um ponto a ser frisado são as instituições formadoras (Universidades) que devem formar mais profissionais com o intuito de mudar essa realidade material da vila, ainda há um abismo muito grande entre universidades e sociedade. Com mais profissionais não só da área da educação, mas de outras áreas (economia, administração) que vejam a questão da acessibilidade como um ponto importante no dito planejamento estratégico, e não como uma mera legislação a ser cumprida.

O lazer da VOM está nas convergências sociais, no correr, no andar, no sair de casa e experimentar tensões que não são prazerosas, mas sem dúvida algumas desafiadoras, levando em conta todos os obstáculos de sair de casa para ir e voltar de um lugar em específico.

4.7 A PERCEPÇÃO DE LAZER DOS ENTREVISTADOS

*Tudo que ainda temos a compartilhar
E viver e cantar
Não importa qual seja o dia
O que importa é a nossa alegria
Vamos viver e cantar
Não importa qual seja o dia
Vamos viver vadiar
O que importa é a nossa alegria*

Chorão

Agora é o momento de sairmos dos espaços selecionados na metodologia, e perguntar diretamente aos entrevistados acerca do lazer. O que eles entendem e fazem como percepção de lazer, deixando uma pergunta aberta, e que entre na subjetividade dos entrevistados.

Qual a sua percepção de lazer?

ROBSON: Meu amigo, minha percepção de lazer se confundem muito com minha atividade profissional, sou músico: eu toco, adoro trabalhar no estúdio gravando música, fazendo arranjo, gravando instrumentos; e gosto muito de curtir músicas, ir para apresentações, isso para mim é lazer, um dos melhores lazeres que eu tenho.

Qual a sua percepção de lazer?

RICHARD: Atualmente eu gosto de correr e jogar bola.

Qual a sua percepção de lazer?

MARCELA: Eu sou uma pessoa muito inquieta, então a percepção que eu tenho de lazer é um dia em família onde eu não gosto de fazer nada: comer, beber e assistir a filmes.

Qual a sua percepção de lazer?

WELLCH: É a Vila Olímpica, pois eu estou rodeado de amigos, e me sinto à vontade, é um local que faz muito bem para a saúde e é algo benéfico para mim, pois todos os dias que eu venho, eu venho treinar, mas dialogar com as pessoas, para uma saúde física e mental.

ROBSON e WELLCH associam lazer com as características de suas atividades profissionais, pontuando o gostar de fazer tal mistura, ao ponto de ser lazer para eles. Na literatura especializada em cima do lazer, há uma oposição entre trabalho e lazer: Eric Dunning e Norbert Elias (1992) pensam isso, Marcellino (2021) e Dumazedier (2008) idem.

Contudo, devemos contextualizar as falas dos entrevistados para não se gerar um certo anacronismo nas falas dos entrevistados. ROBSON me dissera que sempre gostou de música e não à toa escolheu essa profissão. Quando ele está se apresentando nos bares e casas de show não é lazer, mas quando ele cria para ir em busca de novas tensões como argumenta Elias e Dunning (1992) é lazer e está além da compensação de trabalho, ele cria por querer fazer música e tocar instrumentos (levando em conta que isso é para ele, e não para os outros).

WELLCH tem um paralelo com ROBSON, sendo que na Vila Olímpica e outros espaços da cidade que se exerce a corrida, ele encontrou uma profissão. Correr para ele já não é lazer, é um ofício; mas por meio da corrida existe sim o lazer social como argumenta Marcellino (2021), que é o encontro com amigos e pessoas que tem um fim específico em uma atividade (a socialização).

MARCELA tem na casa o lazer proveniente de atividades familiares de cunho social (almoçar junto com os parentes), como lazer artístico (ver filmes). Marcellino (2021) pondera acerca da casa como espaço de lazer no meio urbano, que cada vez mais consome o cidadão (trânsito, violência) e levando em conta que MARCELA é uma mulher, a casa se torna uma opção viável de lazer.

Por ser uma pessoa com limitações visuais em um contexto social, não devemos confundir o local como espaço de segregação urbana. Ela escolhe estar na casa, não há um contexto social que a torne uma outsider com pensa Elias e Scotson

(2000) de ficar na casa por um contexto externo a sua vontade, inclusive ela reiterou que ia aos cinemas e à Ponta Negra, sendo a casa um lazer mais frequente dela, entre outros.

Enquanto RICHARD tem o lazer inserido no seu meio urbano, na perspectiva de Marcellino (2021), acerca do lazer ativo, como o jogar bola, e o correr. Devo reiterar que RICHARD está inserido no grupo da Vila Olímpica de Manaus, onde há um auxílio nas práticas desportivas adaptadas.

Como é importante ressaltar que ele pratica esportes na esfera do lazer, tendo a Vila Olímpica como espaço de expressão, como outros cantos da cidade, usufruindo o espaço urbano em ruas e campos de terra (RICHARD me dissera que joga bola em campos baldios).

5 CONCLUSÃO

Se houvesse coincidência entre a essência e a aparência das coisas, toda ciência seria supérflua

Karl Marx

Como em qualquer tipo de conclusão dita “lógica” para uma pesquisa de cunho de ciências sociais e humanas, não há uma conclusão peremptória, mas o que de fato há é uma contribuição, sendo esta, temporal, espacial e processual. Digo isso em virtude do teor das transformações sociais e urbanas que passaram e passarão na cidade de Manaus, os processos sociais estão continuamente transformando o tecido social.

Isso ocorre em virtude do recorte metodológico que para nós ficou muito grande. Dessa forma, os lugares visitados, junto da entrevistada, (alguns funcionários relutam muito em ceder a entrevista como no caso dos cinemas), e levando em conta que o tempo é limitado no mestrado, houve esse “fim de pesquisa”.

A pessoa com limitações visuais em um contexto social está inserida em um período de “ampliação de direitos” como observa Bobbio (2004, p. 66) “{...} a crescente importância atribuída nos debates internacionais, entre homens de cultura e políticos, em seminários de estudo e em conferências governamentais, ao problema do reconhecimento dos direitos humanos”. Como é perceptível na visão do autor, esses direitos influem diretamente na “causa” das pessoas com limitações em um contexto social (em geral), ocasionado ocupação de espaço público e privado, representação política, políticas públicas específicas a esse público, entre outras formas de dinâmicas sociais.

Esse ganho de direitos não ocorreu de um dia para outro, como observado no primeiro capítulo, mas em diferentes épocas e contextos que culminaram na contemporaneidade. Essencialmente a sociedade brasileira, com suas desigualdades sociais de origem históricas, falar de acessibilidade ainda é muito recente”, em especial a acessibilidade “fora dos muros da escola”.

Uma pesquisa na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) ainda o tema acessibilidade está enraizado ao direito ao “trabalho” e “educação”, esses assuntos são de suma importância para as pessoas com limitações sociais em

um contexto social, porém, o lazer e equipamentos de lazer ficam alheios e dispersos em pesquisas acadêmicas.

Manaus na segunda metade do século passado tinha mais equipamentos de lazer em diferentes locais, todavia, escrever sobre a presença e participação ativa das pessoas com limitações visuais em um contexto social nesses equipamentos para não ser exagerado é escrever de ausências.

A inclusão começa em lugares como a Escola Joana Rodrigues Vieira, com ela, as diversas associações que nascem no município ADVAM e outras associações, isso já foi pesquisado por Samanta Araujo Freire (2020). No entanto, aquela Manaus não estava preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto social, as respostas dos entrevistados condizem com isso.

Mas essas ausências não são meramente ocasionais, pois teve um contexto que naquele momento em que a sociedade brasileira ainda não estava pronta para falar de inclusão, representatividade, ocasionando essa segregação espacial. Houve um processo de assimilação de novos valores, ideologias e atitudes, conversando com o pensamento de Norbert Elias (1990), em que ocorreram *novas configurações de um processo civilizador lento e gradual*.

Agora, Manaus apresenta muito poucos equipamentos de lazer, comparando com décadas atrás, mas há novas dinâmicas de acessibilidade em razão da atual gramática social de leis, atitudes e outros fatores. O cinema apresenta a audiodescrição, a gratuidade e o mais importante: as pessoas com limitações visuais em um contexto social frequentam esses equipamentos. Como visto no parecer dos cinemas: o lazer ocorre de fato, há equipamentos de acessibilidade (audiodescrição), o que falta ainda é o entrono está mais preparado fisicamente (estrutura).

O Teatro Amazonas é pioneiro no estado do Amazonas a impor a audiodescrição e apresentar a acessibilidade cultural. Na pesquisa de campo foi identificado que há uma convergência para o Teatro Amazonas, não só no espetáculo (assistindo uma peça), como fora dele, o simbolismo que representa este monumento para a sociedade amazonense. No parecer feito por nós, o teatro só tem obstáculos, referentes a chegar nele em si (logística), as outras dinâmicas, são inclusivas, levando em conta o aspecto humano e estrutural.

A Vila Olímpica de Manaus tem como seu ponto de referência acerca da inclusão o *recurso humano*. Com profissionais sabendo lidar com as especificidades da visão ou ausência dela, culminando em equipamentos não só para lazer, mas para

preparação de futuros atletas paralímpicos. No entanto, o parecer, culminou que a Vila Olímpica de Manaus precisa ainda de um investimento em estrutura física, para uma maior dinâmica de acessibilidade.

O Palacete Provincial, em se tratando de inclusão, apresenta um problema não só estrutural, mas principalmente de material humano; o aspecto físico é secundário em relação às pessoas que cuidam do planejamento estratégico do palacete, que por meio de uma nova mentalidade pode contribuir bastante. O parecer não é favorável para o lazer, levando em conta que há muito a ser feito no palacete, em relação a acessibilidade.

Aqui não será traçado uma crítica da gestão de um equipamento de lazer, mas informar que o próprio Estado do Amazonas tem um recurso humano que sabe lidar com essas dinâmicas sociais da acessibilidade, como no caso da Biblioteca Braille do Amazonas e a AASEC.

Ainda é muito cedo para mensurar o impacto das novas legislações acerca de acessibilidade voltado para o lazer e cultura na cidade de Manaus, no entanto olhando para o segundo e o terceiro capítulo já é perceptível que houve um impacto nas interações entre os equipamentos de lazer selecionados para a pesquisa e as pessoas com limitações visuais em um contexto social.

Portanto, a inclusão ocorre, não como o ideal, como está explícito na lei, mas de forma lenta e gradual, onde aos poucos os equipamentos de lazer da cidade, recebem um público que historicamente foi marginalizado, e em virtude de uma nova configuração social tem em seu direito de ir aos equipamentos de lazer, para usufruir novas tensões, de assistir um filme no cinema, ver um quadro de artista local no Palacete Provincial, ver uma peça ou ópera no Teatro Amazonas, como caminhar ou praticar um esporte na Vila Olímpica.

Isso já ocorre, mesmo que os próprios equipamentos de lazer ignorem esse público (como no caso do Palacete Provincial), os equipamentos já apresentam tecnologia assistiva em sua estrutura física, mesmo sendo simbólica, e há um material humano com a intenção e a mentalidade que é necessário transformar os equipamentos de lazer, para receber distintos públicos.

Quando se fala de inclusão e acessibilidade não há como não inferir diretamente sobre o problema da mobilidade urbana da capital amazonense. Uma dica de uma futura pesquisa de mestrado ou doutorado é verificar acerca de como há

essa interação entre as pessoas com limitações em um contexto social (no geral) e o transporte público.

Outra dica é pesquisar a *Escola Estadual Joana Rodrigues Vieira*, para um estudo de cunho histórico, analisando os documentos, memórias e fazer um panorama de uma época em que a fala de inclusão ainda se iniciava, sendo esta escola uma referência em tal dinâmica.

Olhar para a Vila Olímpica de Manaus e ver os grupos que fazem modalidade de paralímpicos, não só para um *estudo de caso* desse grupo (sendo que eles não ficam apenas na vila, eles vão para outros cantos da cidade) para uma etnografia em cima das interações desse conjunto de pessoas olhando, focando o lazer, como já fizera Nelson Carvalho Marcellino (1999).

É necessário que o Estado fomente mais as dinâmicas de inclusão e acessibilidade, como já vem sendo feito, porém, de uma forma mais conjunta e sistemática, levando em conta que, atualmente, no âmbito estadual não há uma “secretaria” destinada às pessoas com limitações em um contexto social, isso ocorre também no âmbito federal, com a falta de um ministério específico.

Com secretarias e ministérios esse processo de inclusão e acessibilidade pode ocorrer de forma mais plena e isonômica não só no Estado do Amazonas, como na sociedade brasileira em geral, seja no aspecto do lazer ou de outros direitos sociais (educação, transporte público, trabalho).

Por fim, o lazer tem muito a contribuir para qualquer pessoa, independente de classes sociais, especificidade humanas. Ele agrega a uma sociedade cada vez mais mercantilizada nas interações, e sobrecarregada nas obrigações. O lazer tem esse aspecto de gerar outro ponto de vista sobre a vida, onde nem tudo é trabalho e nem todos os espaços públicos e privados devem ser para fins comerciais, mas para trocar conversa fora, namorar, passar o tempo. O lazer é um direito constitucional, muito das vezes alheio aos próprios cidadãos brasileiros. Os equipamentos de lazer distribuídos pela cidade ajudam a exercitar esse direito, ocupando o espaço numa perspectiva simbólica com cultura e lazer, e não apenas com dinheiro, como já citados inúmeras vezes nessa pesquisa: **democratizar o espaço é democratizar o lazer**, para que seja um espaço para todos.

6 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 9050/2020: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus: Praça, café, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2020.

ANDRADE, Moacyr. **Alguns aspectos da antropologia cultural do Amazonas.** Manaus: Casa Editora Madrugada, 1978.

AUGUSTIN, Ingrid, **Modelos de deficiência e suas implicações na educação inclusiva.** Trabalho apresentado ao IX ANPED – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

BATISTA, Claudenilson Pereira. **Políticas públicas de inclusão laboral: os trabalhadores com deficiência visual no Polo Industrial de Manaus-AM,** 2019. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

BIRCH, Beverley. **Louise Braille personagens que mudaram o mundo os grandes humanistas.** Rio de Janeiro: Globo, 1990.

BRASIL. **Tecnologia assistiva.** Brasília: Corde, 2009. Disponível em: https://www.galvaofilho.net/livro-tecnologia-assistiva_CAT.pdf. Acesso em 24 de Mar de 2024.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 1, 1824.** Brasília: Senado Fedral, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf. Aceso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 2, 1891.** Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137570/Constituicoes_Brasileiras_v2_1891.pdf?sequence=5. Aceso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 3, 1934.** Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137602/Constituicoes_Brasileiras_v3_1934.pdf. Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 4, 1937.** Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137571/Constituicoes_Brasileiras_v4_1937.pdf?sequence=9. Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 5, 1946.** Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/139953/Constituicoes_Brasileiras_v5_1946.pdf?sequence=9. . Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituições brasileiras: Volume 6, 1967.** Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137603/Constituicoes_Brasileiras_v6_1967.pdf?sequence=9&isAllowed=y. Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Constituição Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008.** Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Estatuto da pessoa com deficiência: Lei nº 13.146/2015.** Brasília: Senado Federal, 2015. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

_____. **Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Brasília: Senado, 1989

_____. **Decreto-Lei n. 25 de 30 de novembro de 1937.** Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: Acesso em: 2005-2006.

BATTISTELLA, Linamara Rizzo. **Conceito de deficiência segundo a Convenção da ONU e os critérios da CIF**. São Paulo: SDPCD, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: Ensaio da relação do corpo com o espírito**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **O poder simbólico**. 2 ed. Portugal: Edições 70, 2010.

CANDIDO, Antônio. **Dialética da malandragem: Caracterização das memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Perspectiva, p. 471-498. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/69638/72263>. Acesso em 27 de Nov de 2023.

CARLOS, Amir Barros. **A Manaus que eu vi e vivi: histórias e estórias**. Manaus: Reggo, 2018.

CARVER, Raymond. **68 contos de Raymond Carver**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Márcia Honda Nascimento. **(Re)Construindo a Belle Époque Manauara: análise do projeto de revitalização do entorno do Teatro Amazonas e do Largo de São Sebastião**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

CORRÊA, N.M. **Exclusão social e subjetividade: um estudo sobre a relação deficiência visual e trabalho no contexto da globalização.** In: IV Congresso Internacional de Educação, 2005, São Leopoldo (RS). A educação nas fronteiras do humano. São Leopoldo: UNISINOS, p. 1-15. v. 1. 2005.

COSTA, Selda Vale da; AZANCOTH, Ediney. **Amazônia em Cena: Grupos teatrais em Manaus (1969-2000).** Manaus: Editora Valer, 2014.

_____; LOBO, Narciso Júlio Freire. **Hoje tem Guarany.** São Paulo: Dos Autores, 1983.

_____. **Eldorado das ilusões: Cinema & Sociedade Manaus (1897-1935).** Manaus: Edua, 1996.

COSTA, Rila Arruda; PINTO, Marilina C Oliveira Bessa Serra. **Museus do Amazonas.** Manaus: Edua, 2012.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Brasília: CORDE, 2007. Disponível

em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20os%20Direitos%20das%20Pessoas%20com%20Defici%C3%Aancia%2C%20adotada,e%20para%20seu%20p%C3%BAblico%20destinat%C3%A1rio Acesso em 24 de Mar de 2024.

_____. **Da invisibilidade à construção da própria cidadania: os obstáculos, as estratégias e as conquistas do movimento social das pessoas com deficiência no Brasil,** através da história de vida de seus líderes. São Paulo: USP, 2009.

_____. **DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO,** 1789. Universidade de São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, 2015.

_____. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS,** 1789. Universidade de São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, 2015.

_____. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.** Rio de Janeiro: UNIC, 2009

DUARTE, Durango Martins. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Editora Midia Ponto Comm, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio 20. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão editorial, 1992.

_____. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, **O processo civilizador: uma história de costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a parti de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Escritos & ensaios: estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

ELLISON, Ralph. **Homem invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

Ferst, M., & Melo, J. da S. (2022). **Para cego ver: análise da acessibilidade no palacete provincial em Manaus para turistas com deficiência visual**. *Ateliê Do Turismo*, 6(2), 232 - 251. <https://doi.org/10.55028/at.v6i2.16196>. Acesso em 23 de Jan de 2024.

FREIRE, Samanta Araújo. **Deficiência, trabalho e formação profissional**. Manaus: Dalmir Pacheco Editor, 2017.

_____. **Identidade, deficiência e movimentos sociais: um olhar sobre as Associações de PCDs no Município de Manaus**. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GOFFAMAN, Erwin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. São Paulo: LTr, 1981.

GUATTARI, Gilles Deleuze Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARRIS, Alison; ENFIELD, Sue. **Disability, Equality and Human Rights: A Training Manual for Development and Humanitarian Organizations**. Oxford: ADD, 2003.

HEMINGWAY, Ernest. **Por quem os sinos doam**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LARA, L. F. **A Gestão de Pessoas e o Desafio da Inclusão das Pessoas com Deficiência: Uma Visão Antropológica da Deficiência**. Revista Capital Científico. V. 11, n. 3, set.- dez. 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Neblina, 2016.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIVRO BRANCO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA NO BRASIL. São Paulo: ITS BRASIL, 2017. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/documentos/category/18-tecnologia-assistiva?download=54:livro-branco-da-tecnologia-assistiva-no-brasil>. Acesso em 22 de Mar de 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos dos arquipélagos da Nova Guiné Mélanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Para tirar os pés do chão: Corrida e associativismo**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução.** 5. ed. Campinas: Autores associados, 2021.

MAURICIO, Joice Simas de Souza. **Papagaio de papel: lazer de adultos em Manaus.** 2017. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, 2017.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e Figurações na hinterlândia amazônica.** Manaus: Editora Valer, 2015.

MELO, S.N. **O Direito ao Trabalho da Pessoa Portadora de Deficiência.** São Paulo: LTr, 2004.

MELO, Victor Andrade de. **Arte e lazer: desafios para romper o abismo.** In: Cultura e lazer. Org. Nelson Carvalho Marcellino. Campinas: Editora Alinea, 2007.

MESQUITA, Otoni. **Manaus: História e Arquitetura.** 3. Ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus, UNINORTE, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade a identidade humana.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cotez, 2011.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **A aventura de O método: para uma racionalidade aberta.** São Paulo: Edições Sesc, 2020.

MOTA, Vanderlan Santos. **Espaços Públicos de Lazer em Manaus: o papel das políticas públicas.** Manaus: Editora Valer, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** 12 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém.** São Paulo: Companhia do Bolso, 2018.

OLIVEIRA, Rossinês Batista. **Políticas públicas e seus efeitos: programa Manaus Belle Époque**. 2004. 113 f. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2004

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer/EDUA, 2003.

_____. **Espaço-tempo de Manaus, a natureza das águas na produção do espaço urbano**. Espaço e Cultura (UERJ), v. 23, p. 33- 41-33, 2008.

_____. **A cidade e a produção de espaços públicos de lazer**. In: Políticas publicas de esporte e lazer: novos olhares. Org: Almir Liberato e Artemis Soares. Manaus: EDUA, 2010.

OLIVEIRA, Marcos Roberto Russo de. **Amizades, porradas, facadas e caseiras fumegantes: uma história das galeras de Manaus (1985-2000)**. 2017. 430 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Lisboa, 2004.

PACHECO, Dalmir. **Relicário de crônicas, memórias e reflexões**. Manaus: Ed do Autor, 2021.

PERES, Jefferson. **Evocação de Manaus: Como eu a vi ou sonhei**. Manaus: Editora Valer, 2002.

PICCOLO, G. M.; MENDES, E. G. **Nas pegadas da história: tracejando relações entre deficiência e sociedade**. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 29-41, set./dez. 2012.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhaes. **Políticas participativas de lazer. Belo Horizonte: Mimeo, 2009**.

PIRANDELLO, Luigi **Seis personagens em busca de um autor**. Porto Alegre: LPM Pocket. 2022.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Fontes, 2000.

RADABAUGH, M. P. **Study on the Financing of Assistive Technology Devices of Services for Individuals with Disabilities** - A report to the president and the congress of the United State, National Council on Disability, Março 1993

RIBAS, João B. Cintra. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RIBEIRO, Odenei de Souza. **Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

_____ ; Oliveira, Marcos Antônio Rodrigues de. **Memórias de trabalho: pessoa com deficiência e a cidade de Manaus**. In: Diferentes Olhares e perceptivas socioculturais na Amazônia. Vol. 2. Org. Lupuna Corrêa de Souza Et All. Manaus: EDUA, 2023.

ROSS, P. R.; SILVA, P. V. T. **O senso de pertencimento de deficientes visuais em relação aos pisos táteis**. Revista Ibero-americana de estudos em educação, Alcalá, v.8, n.1, p. 161-179, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SASSAKI, Romeu K. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** São Paulo: s. n., 2005.

_____. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: Conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 9. ed. Manaus: Editora Valer, 2000.

TRUMBO, Dalton. **Johny vai à guerra**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Obras completas: Tomo Cinco, Fundamentos de defectología.** Cascavel (PR): ENDUNUCESTI, 2022. Disponível em: https://www.novoipc.org.br/sysfiles/vigotski_obras_completas.pdf. Acesso em 27 de Nov de 2023.

ANEXOS

Nome dos entrevistados	Especificidades
SENHOR DIDA	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
SENHOR GIL	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
SENHOR CARLOS	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.
SENHOR ALMIR	De 1980 a 1990 viveu a cidade, com baixa visão.
SENHOR BRUNO	De 1980 a 1990 viveu a cidade, completamente cego.

Nome Alternativo	Acuidade Visual	Características
WELCH	Abaixo de 10 % de um lado do olho, completamente cego do outro olho (precisando usar uma prótese para substituir o olho)	Homem, corredor paralímpico, na faixa etária dos 19 anos.
RICHARD	Completamente cego	Homem, na faixa etária dos 40 anos.
ROBSON	Baixa Visão, necessitando usar tecnologia assistiva para interação.	Homem, professor e músico, na faixa etária dos 40 anos.

MARCELA	Cega de um lado dos olhos, acuidade visual bastante diluída do outro lado do olho. Sensibilidade à luz.	Mulher, auxiliar de recursos humanos, na faixa etária dos 20 anos.
---------	--	--

Perguntas usadas na pesquisa para compor o segundo capítulo.

Perguntei para, se ele frequentava os cinemas na juventude dele?

Foi perguntado, se ele frequentava teatros em sua juventude?

Foi perguntado se ele frequentava museus em sua juventude?

Foi perguntado ao, se ele frequentava locais Físicos-desportivos (tanto de forma passiva, como ativa) em sua juventude?

Agora, fiz a pergunta para qual era a percepção de lazer na juventude dele?

Ao indagar acerca se a cidade de Manaus estava preparada para receber uma pessoa com limitações visuais em um contexto visual no período que era mais novos (anos de 1980, 1990),

Perguntas usadas na pesquisa para compor o terceiro capítulo.

Qual a função da Biblioteca Braille para adaptações de espaços como: museus, teatros, cinemas, Vila Olímpica de Manaus, voltados diretamente à pessoa com limitações visuais em um contexto social na cidade de Manaus?

Qual a percepção que a Biblioteca Braille em cima do atual momento do lazer na cidade de Manaus para a pessoa com limitação visual em um contexto social?

Como vocês da AASEC lidam com espaços como museus, teatros, cinemas e a Vila Olímpica?

Como vocês (AASEC) veem o lazer da pessoa com limitações visuais hoje em dia, na cidade de Manaus?

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no Teatro Amazonas?

Você acha que o material humano do Teatro Amazonas está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Você acha que o espaço físico do Teatro Amazonas está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Você frequenta o Teatro Amazonas?

Você acha que o Teatro Amazonas está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no Palacete Provincial?

Você acha que o material humano do Palacete Provincial está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Você acha que o espaço físico do Palacete Provincial está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Você frequenta o Palacete Provincial?

Você acha que o Palacete Provincial está preparado para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui no cinema?

Você acha que o material humano do cinema está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Você acha que o espaço físico do cinema está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Você frequenta cinemas?

Você acha que os cinemas estão preparados para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

Você recebe pessoas com limitações visuais em um contexto social aqui na Vila Olímpica?

Você acha que o material humano da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações visuais em um contexto social?

Você acha que o espaço físico da Vila Olímpica está preparado para lidar com a pessoa com limitações em um contexto social?

Você frequenta a Vila Olímpica de Manaus?

Você acha que a Vila Olímpica de Manaus está preparada para receber a pessoa com limitações visuais em um contexto social, tanto no aspecto humano, quanto físico?

Qual a sua percepção de lazer?